

Exod. 3 n. 18. **g**iaõ Catholica, & nas obras de misericordia. Estes saõ aquelles mysteriosos tres dias, que Moyses requeria, para que os que sahisses de Egypto, fossem sacrificar a seu Deos em espirito de liberdade. Estes os tres dias, em que Iosue esteue nas ribeiras do Iordam para passallo, em figura do baptismo, que por tres immersões se faz, na profissão da Trindade. Estes finalmente os tres dias, que com David estiueram comendo os que o vinham reconhecer por seu Rey.

LIÇAM II.

Da resposta dos discipulos no conselho.

9 **R**Eferida a consulta q̃ Christo fez aos discipulos, se aponta em segundo lugar a resposta que elles deram, dizendo em o texto. *responderam lhe os discipulos: Onde poderá alguém sustentar de pão a estes homens aqui em hum deserto?* Mal advertidos estauam os discipulos da facilidade, com que o soberano Mestre haueria taõ pouco tinha suprido outra maior falta de mantimento, em semelhante impossibilidade de prouerse humanamente. E bem trabalhou o Senhor, conforme a Chrystomo por lhes trazer à memoria a outra occasiã, por isso lhes acarretou a difficuldade de não terem que comer & hauerem de tornar-se para suas casas sem mantimento, os que o tinham aturado sem tratar do corporal; mas elles como rudes ainda & imperfeitos em nada disto cahiram. Porém nem por isso entã os reprehendeo, guardando para outra occasiã, em que estiuessẽ só cõ elles, porque entã estaua diante de muitos; & aos amigos não se ha de reprehender em publico aquillo, que basta advertir em particular. E muito menos aos Prelados se haõ de tachar as faltas, & reprehendellas, porque não venham em desprezo de seus subditos. Onde entre os castigos que Deos deu no Egypto, foram treuas & escuro, que durou tres dias. O qual dizem

os Rabbinos, que não foi tanto para castigar os inimigos Egypcios, como os Hebreos, que entre elles viuiam mal. Mas porque os Egypcios o não foubessem, & para com elles viessem em menos cabo, lançou por cima aquella cappa de treuas, & debaixo della os castigou secretamente. Assi se hão de castigar os de casa, & assi deixou Christo neste publico de reprehender aos discipulos: o que depois fez asperamente no barco em que hia só com elles. E tambem ensinou, aos que tem cuidado dos outros, q̃ se não deuem agastar logo contra os rudes, ignorantes, & fracos; mas sabellos levar, & sofrer.

10 Mas porque se não cuidasse que poderia vir de algum lugar vizinho o pão, & peixe, com que lhes desse de comer; perguntou (segundo o mesmo Chrystomo) aos discipulos desconfiados: *Quantos pães tendes?* E elles responderam: *Sete, & hũs poucos de peixinhos*, na quantidade, & pequenos; não como os outros, que se dizem peixes, porque eram maiores. E não ha duuida, que estes pães, & peixes eram do prouimento do Collegio Apostolico, que tinham sómente para todos treze; no qual se ve a pobreza, & moderação com que viuiam. Mas não dixeram, como da outra vez, que era aquella pouquidade para entre tantos? No qual, segundo Chrystomo, que estauam já mais algũa coisa allumiados, & aproueitados. Nem andauam melhor prouidos de mantimento corporal, aquelles que mais tratauam do espirital, como regras Apostolicas, das quaes depois na Igreja haueriam de aprender tantos. Considera tu pois quão fraca era a mesa Apostolica, & não cures de regalos, pois, como diz o mesmo S. Ioaõ Chrystomo, não ha cousa mais prejudicial ao corpo, & à alma, que a demasia, & regalo no comer. O ser parco na materia de comer, he da prudencia Christã, & ainda de qualquer gente bem discipli-

Rabb. apud Lyr.

Marc. 3 n. 17.

Chryst. sup. Tex.

Chryst. apud Land. ser. contra luxum, & crapulam.

Exod. 3 n. 18.

Ios. 3 n. 1.

1. Par. 12 n. 39.

Tex.

Chryst. in Cat. Matth. 15. hom. 54.

Exod. 10 n. 22.

Senec. epist.
ult.
Prosp. de vi-
ta contēpl.

disciplinada, como diz Seneca. Don-
de diz S. Prospero: Esta virtude enfrea
os appetites carnaes, tempera os affe-
ctos, multiplica os santos desejos, ca-
stiga os viciosos, ordena dentro de
nós, o que anda sem ordem; aparta os
roins pensamentos, enxerta as scien-
cias, apaga o fogo do libidinoso go-
sto, pacifica a alma, & a defende toda
sempre de toda a tempestade de vi-
cios. Mas o ser muito mais modera-
do. & que pareça mais penitencia, que
temperança; he de Religiosos, dos
quaes diz S. Boaventura: Forte, & fer-
uientemente resistam os Religiosos ao
vicioso costume, nem os deixem cre-
cer naquillo que tiuer refabio de gu-
la. Fóra da commum refeição, nem a
mesma necessidade escassamente os
dobre a comer, ou beber. Muitas ve-
zes he vicio, o que parece necessida-
de. O comer mais, que duas vezes no
dia como mininos, ou como alima-
rias, & beber muitas vezes; offende
claramente a temperança, & fermo-
sura da Religião. O de fima he de S.
Boaventura.

11 E não se diz destes pães, que
fossem de ceuada, como os do outro
milagre dos cinco: nem que os peixes
fossem dous; porque o primeiro signi-
ficaua a doutrina do velho Testamē-
to, a qual era como de ceuada, orde-
nado para bēs da terra, como a ani-
maes, & não como a espirituas. Dou-
trina fria como de ceuada, à qual fal-
taua o calor, & nobreza da charida-
de; porque a ley a ninguem chegou à
perfeição, como diz o Apostolo. A cer-
ca do qual allegoriza assi Landulpho:
Esta differença ha entre este conuite,
& entre o que fez dos cinco pães, &
dous peixes; porque no outro pollos
cinco pães, são entendidos os docu-
mentos, & doutrina do velho Testa-
mento, segundo os cinco liuros de
Moyfes. E por estes sette, se entende
a doutrina do nouo Testamento, em
o qual mais perfeitamente he reue-
lada, & dada a graça dos sette dōes do

Espirito Santo. E tambem por razão
dos sette Sacramentos: & das sette vir-
tudes, tres Theologas, & quatro Car-
deaes. E por isso aquelloutros pães
foram de ceuada, & estes de trigo; por-
que mais deleitosa, mais saborosa, &
clara he a doutrina do nouo Testamē-
to, que a do velho. Alli por dous pei-
xes se entendiam as duas pessoas, per-
que era gouernado o pouo, a saber, o
Rey, & o Sacerdote. E aqui pollos
poucos, & pequenos peixes, se enten-
dem os Santos, que nas ondas deste
mundo foram atormentados, & mar-
tyrizados; & tirados da tormenta, &
da angustia, & agua enuolta; & deram
refeição, & mantimento interior per
exemplo de sua vida, & pollos sabor
de sua morte, & da paciencia, que ti-
ueram. Estes daõ condutto ao pão de
vida, & Fé; & são chamados pequenos,
per razão de sua humildade: & pou-
cos, porque os perfeitos poucos são, &
dos necios he infinito o numero. O
ditto he do Carthusiano Ou segundo
S. Ieronymo, pollos perxes se enten-
dem os liuros do nouo Testamento,
que depois da Resurreição de Christo
se figuraram nas pescarias, & manja-
res delles.

12 Falando mysticamente, diz so-
bre este lugar S. Bernardo: Os sette
pães com que vos podeis manter, são
estes. O primeiro he a palavra de
Deos, na qual consiste a vida do ho-
mem, como elle mesmo o testemu-
nha. O segundo pão he a obediencia;
porque meu mantimento (diz elle
mesmo) he fazer a vontade daquelle
que me mandou. O terceiro pão he a
meditação santa, da qual está eicritto,
o pensamento santo vos sustentará.
E da qual noutro lugar se chama, pão
de vida, & de entendimento. O quar-
to pão são as lagrimas dos que oram.
O quinto pão he o trabalho da peni-
tencia. Nem te espantes que chame
pão, às lagrimas, & trabalho, senão he
que te esquece o que no Propheta se
le: Sustentarnos heis com pão de la-
grimas.

Tom. in Spcc.
vni. c. 2.

Ad Hebr. 7.
n. 9.

Land. sup.

Eccle. 1 n. 13

Ieron. in
Cat.

Bar. ser. 1 da
7. panib.

Matth. 4.
n. 4.

Ioan. 4. n.
31.

Ioan. 6 n.
35. & Eccle.
15. n. 3.

ps. 79 n. 6.

Ps 127. n. 2.

grimas. E noutro Psalmo diz: Bem-aventurado seràs, & bem te irà, porque comeste dos trabalhos de tuas mãos. O sexto pão he a alegre companhia da Comunidade: Pão, digo, feito de diuersos grãos, & fermentado da fabledoria diuina. O settimo pão he o da Eucharistia: porque o pão (diz o Senhor) que eu vos darei, he minha carne, põlla vida do mundo. Estes sette pães, que S. Bernardo presenta, julga Landulpho que são refeição espiritual dos que na virtude, & Religião principiam; & que logo o mesmo Santo, considerando as misericórdias de Deos, que em si sentia, as reduz a outros sette pães, que são dos mais aproueitados, que o Santo intitula das sette misericórdias do Senhor. O primeiro pão he a consideração de muitos peccados, em que cahiria, se sua misericórdia o não guardasse: o qual pão tem tres pedaços, a saber tres modos por onde Deos preserua, & liura. O primeiro por afastamento da occasião, o segundo por resistencia da tentação, o terceiro por affeição da piedade. O segundo pão he da piedade para com os outros: & este tem outros tres pedaços; o primeiro he largueza de coração, para dissimular; o segundo paciencia, para esperar; o terceiro charidade, para perdoar. O terceiro pão he do espirito de penitência; o primeiro pedaço do qual, he abalo do coração, para tornar em si; o segundo, dor dos peccados cometidos; o terceiro, occasião de humilhar-se, & acautelarse.

13 O quarto pão he a indulgencia, & perdão das culpas: o primeiro pedaço deste pão he, que apaga totalmente a afronta; o segundo, que nunca jamás o lança em rosto; o terceiro, que desconta por elle mui poucas penas. O quinto pão he o ter mão no homem, para não peccar os tres pedaços deste pão, são liurnos dos tres inimigos, mundo, diabo, & carne. O sexto pão he a graça, para podermos

merecer; os tres pedaços deste pão, são o aborrecimento aos males, o desprezo dos bês presentes, & o desejo dos futuros. O settimo pão, he a certeza, & confiança de alcançar os bês eternos; a qual tem tres partes, a charidade da adopção, a verdade da promessa, & o poder da dopção. Doutro modo reparte S. Boaventura estes sette aproueitamentos dos Religiosos, de que como de pão celestial, de que a alma vive, nos podemos aproueitar. O primeiro he, o feruor do principio, com que a alma ganha calor para seruir a Deos; o segundo he, o trabalho do exercicio corporal, com que a alma ainda pobre busca maiores riquezas; o terceiro he, consolação espiritual, cõ que Deos vai sustentando a quem fielmente o serue; o quarto he, o exercicio, ou milicia espiritual, com que se esforça para as tentações; o quinto he, de cura medicinal, com que a alma pòde preseruar-se da morte; o sexto he, a obseruação das virtudes, com que a alma se conserua em sua paz; o settimo he, da contemplação, com que a alma se regala.

14 Finalmente se pòdem entender por estes sette pães, os sette doês do Espirito Santo, Temor, Piedade, Sciência, Fortaleza, Conselho, Entendimento, & Sabedoria. Ou são sette beneficios com que Deos sustenta o homẽ, para que não desfalleça no caminho da virtude. O primeiro pão he, de penitencia, & este pão he de amargura, do qual se diz no Psalmo: Secouse meu coração, porque me descuidei de comer do meu pão. O segundo pão he, da doutrina, & he pão de cuidado, do qual diz Jeremias: Daruoshei pastores segundo meu coração, que vos apacentem em sciencia, & doutrina. O terceiro pão he, da lição de liuros sagrados, & he pão de consolação, como diz o Apostolo, & se escreue nos liuros dos Machabeos. Do qual diz S. Ieronymo: Amai o estudo das escrituras, & não se vos darà dos regalos

Ioan 6. n. 31.

Ber. ser. 2. ubi sup.

Bon de perfect. Relig. lib. 2. c. 12.

Ibid. c. 7. Ibid. c. 21. Ibid. c. 57.

Ps. 101 n. 5.

Hier. 3 n. 15.

Rom. 15. n. 4. 1. Mach. 12. n. 9. 1er. in Epist.

galos do ventre. O quarto pão he, da graça, & habitos infusos das virtudes, & he pão de robusteza, do qual diz S. Paulo: Bom he esforçar o coração cō a graça. O quinto pão he, do bõ exemplo, & este he pão de abundancia, que abrange a muitos per edificação. Do qual diz o mesmo Apostolo a Tito: Sede exemplo dos Fieis na palaura, & conuersação em charidade. O sexto pão he, a certeza, & fidelidade das promessas diuinas; & he pão de descanso. Do qual diz S. Pedro na Canonica: Leuareis com alegria infinita o fim, ou fructo, de vossa Fé. O sétimo pão he, de oração, & este he de doçura, & regalo, pollo que aconselha o Apostolo, que nunca se perca. Os peixes poucos, & pequenos são, segūdo Dyonisio Carthusiano. os dōes, ou graças gratis datas, que S. Paulo refere, como a de curar, de adevinhar, de falar linguas, de conhecer espiritos, que são poucos, de pouco momento, pois se concedem tambem a sogetos interiores: saboream porém, & conduham o pão substancial, de que a alma viue.

Heb. 13 n. 9.

Tit. 2. n. 7.

1. Petr. 1. n. 9.

Dion. Cart.
Matth. 15.
1. Cor. 12. n.
8.

LIÇÃO III.

Da resolução que tomou o Senhor.

15 **F**Eita toda a consulta, que para o milagre se premitio; se cōta em terceiro lugar a resolução que o Senhor tomou, & se segue em o texto. *E mandou à multidão da gente, que se sentasse sobre a terra*, ou que fizessem da terra mesa, a que se sentassem. Em o outro banquete aos Apostolos dixe, que fizessem sentar a gente; agora elle mesmo a manda sentar: como excusando já o ministerio alheyo, aquelles que já andauam mais aproueitados, & prouados polla paciencia de tres dias continuos. Assi aos que na virtude começam, instrue, & ordena pollos mestres de espirito, & vozes dos Prégadores, & lição dos liuros sagrados. Mas quando já estam aproueitados, per si mesmo allumia, & ordena a alma, para darlhe a espi-

Tex.

ritual refeição, no secreto de seu recolhimento, donde sae, qual a Esposa, com a charidade ordenada. Ou per si mesmo mandou sentar aquellagente, porque na antiga ley por muitos, & diuersos modos (como diz o Apostolo) falou Deos aos Padres nos Prophetas; mas por fim nestes derradeiros tempos da ley da graça, nos falou no mesmo Filho. Ou litteralmente falando, mandou os sentar, não per si immediatamente, mas pollos Apostolos; porque fazer per si mesmo he visto, o que manda que se faça. E sem duuida, ainda que aqui se não exprima, a gente se faria sentar polla mesma ordem, & rāchos, ou companhias, como no primeiro banquete: para que assi se seruisse com mais ordem, se repartisse com mais concerto, & se comesse com mais alegria.

Can. 1. n. 4.

Hebr. 1 n. 1.

Cap. qui per
alium 72. do
Reg jur. in
6.

16 E mandallos sentar, foi effeito da misericordia, & piedade, com que Ihes puzera os olhos, dandolhes já certeza da refeição no assento, & descanso. Porque a paz interior da alma, & repouzo, & quietação da consciencia, he pinhor da fatura eterna. E nem o pão da Eucharistia, nem o da bemaumenturança se pōde comer, se não pacificada a alma, sentada, & quieta a consciencia. Assi não cahia o Manà, senão no tempo mais quieto da madrugada, quando todos estauam dentro de suas tendas fechados, & quietos. Nem no destrahimento, & falta de recolhimento, pōde cahir a gloria de Deos, junto dos tabernaculos dos que para sustentação a esperam. Mandou pois o Senhor sentar aos cansados, & ordenou de refazer os necessitados, depois de recebidos com benignidade, & curados com charidade. Pollo qual diz Landulpho: Assi o deue fazer o bom Prelado aos subditos; a saber, recebellos docemente, & ensinillos sabiamente, & curallos efficaçmente, & regalallos espiritalmente. Donde Santo Ambrosio: Aquelles pois, que buscam a Christo

Exod. 16. n.
13.

Land. 2. p.
cap. 6.

Ambrosio lib. 9.
in Luc.

entre os desertos, & não se enfadam, espiritual, & corporalmente são curados, & mantidos. Mas não recebe alguém manjar de Christo até que primeiro não seja saõ, porque depois do perdão dos peccados, então se dà o mantimento espiritual.

Bern. ser. 7.
de septem
panib.

17 E S. Bernardo diz: He necessario que façasa jornada de tres dias ao deserto, se queres a teu Deos fazer grato sacrificio; & que tres dias atures ao Salvador, se desejas manterte dos pães de seu milagre. O primeiro dia he de temor, dia que declara, & allumia tuas interiores treuas, & mostra o horrendo supplicio do inferno, onde estão as treuas exteriores. Porque semelhante consideração costuma excitar o principio de nossa conuersão. O segundo dia he a piedade no qual respiramos na luz das misericordias de Deos. O terceiro dia he a razão, em o qual a verdade se declara; para que como per certa diuida da natureza, sem algũa cõtradição se logeite a creatura ao Creador, & o seruo sirua ao Redemptor. Então somos logo mandados sentar à mesa, para que a charidade em nõs outros se ordene. E logo abre o Senhor sua mão, & enche a todo o animal de sua bençã. E porque aos Apostolos se diz que façam sentar a gente à mesa; & em nõs tendes, os que fazem as vezes delles (posto que para confusão nossa, por nossos poucos merecimentos) amoestamos uos a vós outros irmãos charissimos, para que refeitos com o pão de bençã possais aturar no caminho. Porque a caso obrigados da misera necessidade, não deçais ao Egypto, & zombem de vós aquelles que nem ainda seguiram ao Salvador no deserto. Coitados por certo daquelles que não sahiram, com os que sahiram em busca de Deos: porém muito mais coitados daquelles que sahiram cõ os outros, mas com elles não alcançaram a refeição. Se algũs pois houue, que estando os outros à mesa, elles estauam

escondidos por detraz dos matos, ou pollas cabanas: quem não ve que ficou em jejum, & vazia semelhante gente? E outrossi tambem aquelles, que lenados da liuiandade, & curiosidade, andando por ahi vagueando, se não sentaram à mesa: ou se estauam sentados, não era em a ordem, nem em o numero dos mais. O de cima he de S. Bernardo.

18 E mandou os sentar sobre a terra, & não já sobre o feno, ou relua verde, como da outra vez; porque, ou era no Estio, ou no Inuerno, como acima fica disputado, & estaua a terra nua, & seca; mas solida, & desengañada: que não he mais seguro, o que he mais verde; nem mais proueitoso, o que he mais brando; antes debaixo da verde herua se esconde a cobra & entre as lizonjas se engana o inaduertido. Donde canta melhor o Psalmista: *Psf. 140. n. 5.* Reprehendame o justo, & peleje muito comigo; antes do que me regale minha cabeça o cheiroso vnguento do peccador. Chama peccador por antonomasia ao lizongeiro, porque he a lizonja hum summario de peccados. Descobre pois a terra nua, & seca, quanto na verdade ha com desengano, para que se assentem seguros aquelles que da mão do Senhor quizeram tomar a refeição espiritual, para poderem continuar o caminho da virtude, & Religiaõ. Fuja pois o que se houuer de sentar à mesa dos perfeitos, & Religiosos, a gala, & pompa do verde mundo, que (como prèga Isaias) *Isai. 4. n. 6.* he puro feno. Naceo o Sol com ar- *Iacob. 1. n. 11.* dor, & secouse o feno, & sua flor pereceo, & acabouse a belleza de seu rosto. Em quanto no mundo se viue na primeira vida, & na primeira mesa, que bem he verdade que he posta polla doutrina dos Apostolos, & se sentam nella os Christãos, para serem do Senhor mantidos; com tudo imperfeitos na virtude, bem licito he vsar das galas, & verdes pompas, & vestidos de cores do mundo. Põstos porém

porém à segunda mesa da perfeição religiosa, já não he licito vsar mais que do seco, & desabrido, mas seguro, & desenganado dessa terra.

19 Bem foi figura moral destas duas vidas, a ley antiga, & a ley da graça, conforme a Santo Agostinho.

Porque em aquella eram licitas as riquezas, & as dignidades, & as mulheres; nem passaua a perfeição della a aspirar os bês celestes, com total desprezo dos mundanos. Porém nesta da graça, se dão os preceitos maiores da justiça, & perfeição Euangelica, & já a vida Apostolica abraça sómente a pobreza, fogueição, & castidade.

Acerca do qual diz Landulpho: Alli se sentaram em cima da heitua, & aqui não, mas em cima da terra: por mostrar que na ley velha eram prometidos os bês terrenos, mas na noua he mandado que os desprezemos. Porque os conuidados do nouo Testamento são ensinados que não estimem as riquezas, nem delicias, nem a sua carne; mas que a pizem como feno. E estes conuidados deixando toda a eobiça da carne, & tendo sómente esperança na terra, que para sempre durará; ficam assi sentados na terral, sem feno, & sem verdura da vida presente. Atéqui he do Carthusiano. Falando anagógicamente, este sentar

à mesa significa o descanso da gloria, & segurãça da Igreja Triumphante, da qual se diz no Euangelho, que virão muitos do Oriente, & Poente, do Norte, & do Sul, & se sentarão à mesa no reyno de Deos. E em outro lugar: Fallosa sentar à mesa, & seruillosa de iguarias. E he banquete este de gloria & posseffão, como o outro significaua o da Militante de Fé, & esperança, & desejo; por isso era sobre feno verde, que depressa acaba. Mas este he sobre terra solida, & perpetua, cujo proprio peso a faz eterna, & firme terra dos viuentes, segundo o que o Apostolo diz, que o leue, & momentaneo deste mundo,

obra hum peso eterno de gloria em os Ceos.

20 E eram quatro mil os que se sentaram pouco mais, ou menos, fôra mulheres, & moços; isto he de vinte annos para baixo; porque a multidão dos Fieis, se hauia de juntar de todas as quatro partes do mundo. Em figura do qual se diz no Apocalypse, que a Cidade celestial estaua posta em quadro, & tinha portas por todas as quatro partes, do Nacente, Poente, Norte, & meyo dia. Tres por cada lado, em Fé da Santissima Trindade, em a qual haviã de ser chamados, & saluos. E a Cruz que era o instrumêto dessa redempção; quatro pontas também tinha como bençã, que aos filhos dessa Cidade se lançaua em Cruz. Conforme ao que o Psalmista canta da gloria dessa Cidade: Abençoou o Senhor a teus filhos em ti. Ou também se podem entender os quatro estados da Igreja, assi a Militante, como a Triumphante, que são Martyres, Confessores, Virgens, & Casados. E mysticamente falando, os quatro mil, que à mesa de Christo se sentam, para espirital, & corporalmente serem de sua diuina mão sustentados, em os apartados de pouoado, & desertos lugares; são os quatro estados, ou formas de Religiosos q̄ ha na Igreja. Hús, cujo instituto se ordena para a vida solitaria, & contemplatiua; quacs são os das Ordens Monachaes, que com ambas as mãos louuam a Deos. Outros, para os da mixta de contemplatiua, & actiua, & popular; que hũa mão occupam no seruiço do pouo, & a outra levantam ao Ceo em diuinos lououres. Outros, que se ordenam todos à doutrina, & seruiço espirital das almas. Outros finalmente, que se dedicam ao seruiço corporal dos pobres, & enfermos. Sem a multidão grande dos Religiosos & Nouiços de todas ellas.

Aug. lib. 1. de
ser. Domini
in monte.

Land. p. 2. c.
30.

Matth. 8. n.
11.

Luc. 12. n. 37.

2. Cor. 4. n.
17.

Apoc. 21. 16.

Ps. 147. 2. 2.

(.)

LIÇAM IV.

De como foi dado o banquete.

21 **T** Omada a resolução do Senhor, se refere em quarto lugar, como o banquete se deu; pollo que se segue em o texto. *E tomou os sette pães, & dando graças, os partio, & dauaos a seus discipulos, para que os fessempor do diante; & elles os hiam pondo à gente. E tinham hūs poucos de peixes pequeninos, & tambem os abendiçou, & mandou que os fessim dando.* No que diz, que tan bem benzeo os peixes, mostra que tinha benzido o pão, ainda que o não declare. E assi se ha de entender como no primeiro milagre, que levantou os olhos ao Ceo, & dando graças ao Padre, benzeo, & repartio. Todas estas quatro acções são documentos Christãos, & religiosos, para vsar decente, & ordenadamente da refeição espiritual, & Apostolica. Levantou pois os olhos ao Ceo, para nos ensinar, que o pão, & mantimento, que deuem os desejar, ha de ser aquelle que o Ceo dá, & ministra. Qual o pedem aquelles, que antes que comecem a comer dizem a Deos com o Palmista: Em vós Senhor, esperam os olhos de todos, & vós lhes dais seu mantimento em o tempo opportuno. Por isso aquelle pão quotidiano, que ao Padre pedimos, & ensinou a pedir Christo; diz S. Agostinho, que se chama sobrestancial, ou pão que vem de cima. Porque não queiramos para a sustentação humana que Deos misericordiosamente nos ministra, cousa que não seja com os olhos no Ceo, & usada para bom fim de servir a Deos. Sustentando a mortal vida, que elle nos deu, como ensina o Apostolo: O que come, coma para o Senhor, isto he cō os olhos no Ceo, & com bom fim, & faã intenção. Doutra maneira não come pão pedido a Deos, & dado de cima; senão pão da terra, & pão da maldição. Sobre o qual diz S. Cyrillo:

Cuidão algũs que he indecente procurarem os dedicados a Deos as cousas necessarias corporaes, por isso leuam a espiritual consideração à petição que nos ensinou Christo: mas eu digo que licito he ter cuidado dellas os taes. Porque hũa vez que nos mandou procurar o pão, que he o quotidiano alimento; nos dá a entender que nada nos concede ter; antes passar hũa honesta pobreza; porque não he dos ricos pedir pao, mas dos necessitados.

22 E S. Basilio diz: Por isso nos *Basilius ibid.* manda buscar no Ceo o pão corporal, porque não cuides que comes por amor de ti, senão por amor de Deos, & como tal a elle te recorras, expondo-lhe a necessidade da natureza. Ao que acrescenta S. Chrysofomo: Hase *Chrysofomus ibid.* de pedir pois ao Ceo o necessario para a vida, não diuersidade de manjares,inhos preciosos, & outras cousas, que delectam a garganta, carregam o ventre, & perturbam a mente. Hase de procurar pão, que possa sustentar o corpo, & aquelle que basta só para hoje, & não ser solícito do de amanhã. O de cima he de Chrysofomo. Mal leuanta logo os olhos ao Ceo, hauendo de sustentar a seus subditos o Prelado que confiado todo nas agencias temporaes ordena as esmolas, que seus bemfeitores de boamente lhes dotaram, ou importunamente tiram; para vaidades mais, que para commum sustentação do comer, moderação do vestir, & honestidade da habitação; contra a doutrina Apostolica, que seguir deuem. Dizendo S. Paulo: Como tenhamos mantimento corporal & vestido, com que nos cubramos; isto nos basta. E o mal he que porque com os olhos no Ceo senão procuram estas cousas, vem a faltar ainda o necessario. Sobre o qual diz o Doutor Seraphico: Conuertem estes *Bon. Epist ad Prouinc. tom 7.* em escandalo; o que a todos deuia ser exemplo; porque a frequencia do andar fóra, & a importunação do pedir, nos

nos fazem vis, & pesados. Por quanto não nos querendo contentar com as cousas poucas, & trattamos de levantar sumptuosos edificios; andamos a buscar cõ grandissimo cuidado cousas vis, & perdemos as de importancia; acontecendo que a curiosa edificação das paredes, gera destruição das almas. Atéqui he de S. Boaventura.

23 A outra acção he dar graças ao Padre, a qual nos ensina não só a fugir totalmente da vaã gloria, referindo tudo ao Padre, de quem procede todoo dado bom, & beneficio perfeito: mas tambem a seguir o agradecimento, como racionaes; & não usar do comer como brutes, que só trattam de encher na terra o ventre, sem acordo de levantar ao Ceo a mente.

Dos sages diz Haisias: Hay daquelles que vos levantais logo polla manhã, para buscar bebedices, & para estar a beber até vespera, feruendo em vinho. Não ha em vossas mesas mais que cythara, viola, tambor, charame-la, & vinho; sem ter cuidado da obia do Senhor, nem considerar as obras de suas mãos. Mas o diuino Mestre nos ensina mais claro na vltima Ceia a cantar louuores a Deos em acção de graças, quando a ellas sahio com os seus até o monte do Oliual, ditto o hymno, ou cantado, como se le no Hebreo. A acção de graças no comer, he a graça da mesa, & he o sabor das iguarias. Por isso os Religiosos ensinados pollo Senhor neste, & no outro banquete, dão as graças antes, & depois da mesa, para que não falte nella, a graça, & o sabor do que o piedoso Pae lhes ministra. Acerca do qual diz S. João Chrysofomo, ponderando o cuidado com que o Santo Noe deu a Deos graças, quando se vio posto por elle na abundante mesa de todos os animaes, que podem vir em manjar humano. Entendeo o Varão justo que aquella era a verdadeira acção de graças, que não era obri-

gada por especial preceito, mas de boa vontade offerecida; & por isso não soffreo dilacão nella. Porque a agradecida virtude do animo, lança fóra a dilacão, & a duuida: & o que espera que se lhe peça o agradecimento, ingrato he. O justo pois declarando seu agradecimento, deu graças, pollo que tinha recebido, & pollo que tinha de receber. E Ruperto diz que a razão, porque a nosos primeiros paes faltou a graça da mesa, & o sabor das iguarias, que no mal logrado Paraíso lhes ministrara; foi porque não lemos que postos à mesa, dessem a Deos graças.

24 A terceira acção foi benzer, ou abençoar aquelles pães, & aquelles peixes. Bençam nas escrituras ordinariamente significa a saberana virtude, que Deos imprime, & applica a suas criaturas; para que natural, ou sobrenaturalmente obrem, & façam seus effeitos. Desta maneira se diz no Genesis, que Deos abençoou os animaes, para que crecessem, & multiplicassem. E assi se deue entender aqui por esta bençam, que Christo deu àquelles pães, & peixes, a secreta virtude para multiplicaremse, sobrenaturalmente, & chegarem a tantas mil bocas. Porém em nós outros a bẽçam, he hũa imprecação affectuosa, com que quanto em nós he, applicamos a virtude diuina a aquillo, sobre que a lancamos. Mui de crer he, que tomando Christo nas mãos estes pães, & semelhantemente os peixes, para repartillos, usasse de algum sinal visuel, & exterior; applicando sua mão direita sobre a materia, que presente tinha. Com tudo não se ha de entender que fosse o sinal da Cruz, o que nessa bençam com a mão se fizesse, como hoje costumamos, depois que consagrado esse santissimo sinal com o sangue, & membros do Redemptor, ficou sendo como caracter, & figura, com que tudo se benze, consagra, & santifica. Se bem pôde ser que o Senhor por honrar em

1ac. 1. n. 17.

Isai. 5. n. 11.

Matth. 26. n. 30.

Chrysof. in Gen. 8.

Rup. in Gen.

Gen. 1 n. 22.

Fuent. his.

em figura este santissimo sinal, vſasse já delle quando benzia. Nem he muito de espantar, porque já nos sacrificios, ritos, & bençoês da ley velha, se vſaua em figura deste sinal mysterioso, como ao descuido, & em sombra. Na consagração de Aaron, & seus filhos em Sacerdotes, se mandaua no Exodo tomar hum quarto de carneiro sacrificado, & consagrado, levantando diante do Senhor. O qual rito, diz o Mestre Lyra, conforme a Rabbi Selomoh, que se fazia em modo de Cruz, levantando Moyses as mãos para o Ceo, logo para baixo, depois para a banda do Nacente, finalmente para a do Poente, que he perfeito sinal da Cruz, em figura de Christo sacrificado nella. Semelhantemente no Leuitico se ordenaua acerca da oblação da gordura, nos sacrificios pacificos, que o Sacerdote a levantasse nas mãos, o qual diz Paulo Burgense, que se fazia na mesma fôrma de Cruz. Assi finalmente, segundo S. Agostinho, se fizeram em Cruz dous golpes, com que a vara ferio a pedra, que deu miraculosa agua aos Israelitas; & a pedra era Christo segundo S. Paulo. E Iacob com os braços em Cruz lançou a bêmçam aos netos. E pollo mesmo caso poderia acontecer que o Senhor vſasse deste mesmo sinal da Cruz, como em figura sobre os pães, & peixes.

25 A quarta, & vltima acção, foi partir o pão, & dallo aos discipulos; ensinandolhes que esta era a deuvida ordem da charidade, não guardar, & reter o pão inteiro; mas repartillo com o pobre. Conforme o que Isaias diz: Parti vosso pão com o necessitado. E o que o seu pão guarda inteiro, & com elle se fecha, daquelles he, de quem diz em sua Canonica S. Ioaõ: O que tem dos bês deste mundo, & ve a seu irmão em necessidade, & fecha suas entranhas; como está nelle a chatidade de Deos? A chatidade não sabe comer só, nem o mais pequeno bocado de pão, como diz o Santo Iob.

Por isso S. Agostinho diz, q̄ em Isaias se manda partir o pão com o necessitado, porque se não deixe de dar por ser pouco; porque de hum que haja, se deve ametade ao pobre. E se não fora diuida partillo com elle, não fora culpa o negallo na occasião. E daquelle rico do Euangelho, nenhũa outra culpa se sabe, mais que a de faltar neste partir do seu pão, com o pobre Lazaro. Sobre o qual diz o mesmo Agostinho. Não dixe que este homem era calúniador, não dixe que era opprimidor dos pobres, não dixe que daua, nem recebia o alheyo; não dixe que roubaua os orfaõs, nem perseguia as viuvas, mas somente que era rico. E que muito era ser rico, se o era do seu? Que crime era logo o ser rico, se não fora o estar à sua porta o pobre, & não ser favorecido? Este era o cargo, que se lhe fazia; que era pouco misericordioso; não que leuaua o alheyo, mas porque não quiz dar do seu. O de ſima he de S. Agostinho.

26 E assi se pôde attribuir o milagre de abranger a tantos, à vontade, com que se repartio pollos necessitados. Porque o que com o pobre se reparte, não he o que falta, antes vſura, com que se ganha; conforme ao que nos Prouerbios se diz: Dà ao ganho ao Senhor o que faz bem ao pobre. Acerca do qual diz Clemente Alexandrino: Assi como os poços manâciaes por mais que delles tirem, nem por isso se esgottam; antes tornam logo à antiga medida: assi a vontade de dar, que he a estremada fonte da benignidade, communicando ao necessitado, logo se acrecenta, & enche. Assi como tambem crece logo o leite às tetas que se mamam, ou ordenham. E S. Basilio diz: Assi como o pão lançado à terra, grangea ganhos ao que o lança: assi o pão, que deres ao pobre, te aproueitará depois muito. E Chrysoſtomo diz: Anda Deos em competencia com o homem em beneficios; olhai quanto deu Abraham, & quanto grangeou; para

Aug. lib. de
salut. do-
cum. cap. 5.
tom. 4. Si
Tract. de cõ.
uersat. tom.

9.

Luc. 16. n. 11.

Aug. hom. 3.

Prouerb. 19.
n. 17.Clem. Alex.
3. Pedagog. 7.Basil. hom.
in ditescen-
tes.Chrysoſt. in
Gen. 13. n. 15.Exod. 29. n.
26.

Lyr. ibid.

Leuit. 7. n.
20.Burg. Ad-
dit.Num. 20. n.
11.August. in
Gloss. Tract.
26. in Ioan.1. Cor. 10. n.
4.Gen. 48. n.
14.

Isai. 58. n. 7.

1. Ioan. 3. n.
17.

Iob 31. n. 17.

para que fiquemos ensinados a dar as esmolas com grande largueza, porque dando pouco, recebamos muito. O mesmo Senhor, que te deu ati muito, pudera remediar a necessidade do pobre; mas por tanto o deixou cahir em pobreza, para que elle alcance o premio da paciencia, & tu polla esmola alcanças confiança. para o dia derradeiro. Cuida pois que elle padece fome por teu proueito, & tem cuidado de ser fiel dispensador dos bês que o Senhor te deu; para que ajudado da necessidade do pobre, grangees a diuina graça. Atéqui he de Chrysofomo. Assi crecéram os bens à Viua, que sustentou a Elias: & assi abençoou Deos ao Santo Iob em suas primeiras, & vltimas fortunas; porque não costumou nunca comer seu pão sem repartillo com o pobre.

27 Mas se esse pão se não reparte, não pôde multiplicar, quanto mais fazer milagre de abranger a tantos: porque se o graõ está recolhido no celleiro, não fructifica. E aquelle necio do Euangelho, alargando celleiros, perdeo a alma, com a vida. Noemi se lamentou da miseria, com que tornara para a sua terra, sahindo della rica, & prospera; mas a causa dà o Mestre Lyra, dos Rabbinos; que sendo Elimelech seu marido muito rico, & sobreuindo tempo de fome, soffreo tão mal a importunação dos pobres, que a elle acodiam; que deixou a sua terra, & se foi viuer à de Moab; em pena do que morreo elle, & seus filhos, & sua molher ficou por portas. Acerca do qual diz o Doutor Seraphico: Assi como o Principe da terra toma tudo por perdido, ao mercador que furta os direitos: assi o Senhor do Ceo, aos ricos, que defraudam aos pobres dos devidos direitos de esmola; tira não só a graça, mas tambem os temporaes bês. E do tal se diz: Tirai o talento a este, & dayo à aquelle que tem dez talentos. Porque ao auarento se haõ de tirar os bês temporaes, & darie à

aquelle que esmolando, cumpre os preceitos diuinos. O de cima he de Boauentura. A estestas compara S. Chrysofomo, a as pedras duras, que de si não podem lançar oleo de misericordia: mas ficam conuertidos em pedras toscas, & secos seus bês todos, quando com os pobres os não reparatem. Tal aconteceo ao mestre de hũa embarcação, o qual negando a hum pobre hum pedaço de pão, se lhe conuertéram em pedras todos quãtos pães leuaua, como o mesmo lhe tinha praguejado, como já acima fica ditto. E o peor he que a sentença do Iuiz justo lhos ha de fazer conueter em tiçoës, com que no inferno sejam perpetuamente atormentados; dizendo: Hide maldittos, ao fogo eterno, que se aparelhou para os demonios; porque tiue fome, & não me destes de comer. Com a bençam pois da misericordia, abrangeo tão pouco pão a tanta gente, & se fez tão glorioso milagre.

LMAM V.
De como se leuanta a mesa.

28 **D**Ado pois o banquete, se refere em quinto lugar, como se leuanta a mesa; dizendo em o texto. *E leuantaram do que sobejara dos pedaços, sette alcofas. E eram os hamês quasi quatro mil, & despedios.* No outro banquete se diz que sobejaram doze, & neste sette; mas nem por isso se diminue a reputação do poder diuino. Porque pouco importa que sobejem mais ou menos, quando os sobejos, qualesquer que sejam, são manifestos sinais da marauilha; pois de tão pouco comeram tantos, & sobejou ainda. Quanto mais que muitos sentem, que em substancia não sobejou menos neste, que no outro banquete; porque estas esportas, entendem ser hús vasos tecidos de palma, quaes são entre nós as que propriamente chamamos, alcofas, que vem do Reyno do Algarue; & são grandes, de alqueire & meyo, & de dous alqueires. E os

P cophinos

Reg. 17. n.
24.
Iob ubi sup.

Lut. 12. n. 20.
Ruth. 2. n. 13.

Lyr. ibid.

Dom. Diata
salutistit. 2.
cap. 7.

Matth. 25.
n. 28.

Chrysof.
hom. 12 in
Ioan.

Fasci. Temp.
ad Ann. 640.

Tex.

cophinos do outro banquete, ou são cestos de verga, ou se também tecidos de palma, são menores que estas esportas; de modo que as sette pollo que excedem na grandeza, vem a fazer pouco mais, ou menos os mesmos doze. E muito he de notar, que tendo em hum, & em outro banquete tão fracos os alforjes, para darem de si o mantimento de que tanto necessitava-
uam as gentes: em nenhum delles faltaram cestos, & alforjes em que recolher o que tão superabundantemente sobejara. E faltando por mil modos o aumento para dar, sempre estão prontos os instrumentos para receber.

29 E quiz o Senhor que em hum, & outro banquete sobejasse tanto; para memoria, & testemunho irrefragavel de tamanho milagre. Porque assi folga Deos sempre que o agradecimento humano levante trofeos, & perpetuize memorias a suas maravilhas, & beneficios divinos. Assi Iosue levantou doze pedras, em memoria da maravilhosa passagem do Jordão; para que quando os vindouros perguntassem que significavam aquellas pedras; se respondesse, que fizera Deos alli antigamente parar as aguas do Jordão, para seus avós passarem.

Abraham em memoria do mysterioso sacrificio, em que foi liure Isaac, poz por nome ao monte, o Senhor verã.

Assi Iacob levantou em memoria eterna hum marco de pedra, no lugar onde o Ceo se lhe abriu maravilhosamente, com a mysteriosa escada. Assi os Israelitas chamaram pedra de adjutorio, à balisa até onde Deos maravilhosamente contra seus inimigos os ajudara. Assi finalmente o Cordeiro Paschoal, & outros ritos antigos se instituiram, para memoria de beneficios, & maravilhas feitas à aquelle povo. E ainda agora costumam os Pontifices sagrados, & os Principes devotos, levantar memorias sumptuosas por beneficios recebidos, ou maravilhas por Deos obradas. Em grande utili-

dade nossa, & augmento de sua Fé cõserua Deos semelhantes memorias de suas maravilhas, como lho cantava o Propheta dizendo: Fez o misericordioso Deos memoria de suas maravilhas, deu de comer a seus tementes. E o Apostolo engrandeceo o mesmo na maravilha de todas as maravilhas, & no milagre sobre todos os milagres: Todas as vezes que isto fizerdes, em memoria minha o fareis.

30 E estes sobejos se recolhêram por tres razões, conforme a Landulpho. Por mysterio, por exemplo, & por doutrina. Por mysterio, porque os preceitos da perfeição são mais altos que os mandamentos da ley; & outrosi os conselhos, os quaes a gente vulgar, & commum não pôde executar, & o exercicio delles fica para os homens espirituales. E assi faz menção, que a gente toda foi farta, & abastada; porque ainda que não possa deixar as suas cousas, & dallas aos pobres; com tudo aproveitam de maneira no mundo, ouvindo os conselhos do Evangelho, que lhes basta para a salvação. A segunda razão, por exemplo, por tal que aquelle mantimento, que nos sobejar, ou q̄ de nós mesmos tirarmos jejuando, o partamos, & demos aos pobres. A terceira razão por doutrina, porque em isto sejamos ensinados, q̄ multiplica Deos os bẽs temporaes aos misericordiosos com os pobres. Onde se dà a entender, que os que não têm muito de seu, em fazendo esmola, recebem mais dos pobres, que os pobres delles; ou em lhes alcançar de Deos os bens espirituales, ou em lhes multiplicar os temporaes. O de cima he do Carthusiano. Tão longe estiueram de faltarlhes os sette pães, que com aquelles necessitados gastaram, que lhes sobejaram sette grandes alforjes de pão, melhorado no sabor, & brandura. E não se diz do peixe que sobejasse, porque não era materia tão accommodada para guardar em memoria do milagre, como o pão.

Gloss. Mat.
1h. 15.

31 Allegoricamente falando, diz a Glossa: No outro milagre eram cinco mil homẽs, porque eram fogueitos aos cinco sentidos da carne; mas aqui sãõ quatro mil, por respeito das quatro virtudes, com que espiritualmente sãõ guarnecidos, a Temperança, Prudencia, Fortaleza, & justiça. A primeira das quaes he conhecimento das cousas que se hãõ de appetecer, ou fugir: a segunda, refreacão das cousas, que temporalmente deleitam: a terceira, firmeza contra as molestias do mundo: a quarta, que por todas se espalha, he amor de Deos, & do proximo. E assi lã, como aqui, as mulheres, & os mininos se exceituam, porque nem no velho, nem nouo Testamento se admittem ao Senhor aquelles que nãõ se esforçam a chegar ao perfeito Varão, polla fraqueza das forças, ou polla liuiãdade do juizo. Hũa, & outra refeicãõ se celebrou em morte, porque toda a escriptura de hum, & outro Testamento encomenda a alteza dos celestiaes preceitos, & seu premio; & hũa, & outra pública a alteza de Christo. Os mais altos mysterios, com que nãõ pòde a gente commum, os Apostolos os recolhem, & guardam; conuem a saber, os coraçõs dos perfeitos illustrados, para entender cõ a graça do espirito septiforme. As alcofas se costumam tecer de juncos, & folhas de palmas, & significam os Santos, que tem posta a raiz do coraçãõ na mesma fonte da vida, como o junco na agua: assi tambem conseruam no coraçãõ a palma da retribuiçãõ eterna. O sobredito he da Glossa.

32 E segundo S. Ieronimo, as sette alcofas sãõ as sette Igrejas. Ou pollo numero de sette he entendida a vniuersalidade das Igrejas, os Sacerdotes das quaes, recolhem os sobejos dos Fieis, para sua sustentacão, & para repartir com os pobres. Em figura do qual se mandaua na ley, que os Israelitas dessem aos Leuitas de suas fazen-

das para criar seus gados, isto he para darlhes o pasto nãõ só espiritual, mas a sustentacão corporal, como diz Estephano. Porque, segundo S. Ieronimo, tudo quãto os Sacerdotes tem, he dos pobres. E assi nãõ deuem levar as alcofas cheyas dos sobejos do pouo, para si só; mas para dahi partir outra vez com os necessitados; porque doutra maneira he furtallo para si. Sobre o qual diz o mesmo S. Ieronimo: O Sacerdote, que se pòde sustentar de seus bẽs, & aceita o que he dos pobres, sacrilegio por certo comette; & pollo mau uso das taes cousas, juizo para si come, & bebe. Se tens necessidade, & aceitas; antes dãs, que recebes; mas se nãõ tens necessidade, & recebes; furtas. Tambem se pòde entender pollas sette alcofas dos sobejos do pouo, & do que elles nãõ pòdem gastar, a vniuersalidade das Religiões, que pouco mais, ou menos se pòdem reduzir a sette regras, ou modos de viuer. Nas quaes se recolhem os conselhos da perfeicão Euangelica, com que os do pouo da Igreja nãõ pòdem, & os Religiosos os recolhem, & guardam. Quaes sãõ os da obediencia, pobreza, castidade, clausura, oraçãõ, & mortificacão da carne, & humildade.

33 As quaes sette guardam no recolhido, & secreto da Religião, sustentando a alma, & vnindo o espirito com seu Senhor, pãõ viuõ, que os alenta, & os regala. E estas ainda sãõ de dous modos, conuem a saber em ordem ao desapegamento do mundo, & em ordem a apegarse perfeitamente a Deos; que sãõ os dous pòlos, em que se renolue toda a maquina do espirito. Em ordem ao total desapegamento do mundo sãõ estas, conforme a S. Boaventura. A primeira he a exclusãõ de toda a sospeita, para a efficacia da prègaçãõ, & exemplo: porque (segundo S. Ieronimo) pouco fruto pòde fazer o Religioso, que estiuer com o olho no interesse mundano. A se-

Stephan in
mens. Pie-
lat: n. 5.
Ieron. apud
Iffum.

Ieron. in E-
pistol.

Ieron. in
Cat.

Ben. in Exp.
Reg. c. 3.

Num. 35. n.
34

gunda he a perfeita deixação da sollicitidão terrena, para maior recommendação da providencia de Deos para com aquelles, que se empregam em seu serviço. A terceira he a manifestação da virtude diuina, que faz que nada falte aos que por elle Apostolicamente tudo deixam. A quarta he a extirpação de todo o amor mundano. A quinta he a renouação, & restauração da innocencia perdida, no estado da qual, se durasse, seria tudo commum, & estariam os homêes liures da cobiça do alheyo. A sexta he a perfeita liberdade para a doutrina, porque (segundo o mesmo Ieronimo) ninguem dà mais perfeitamente, que o que nada para si guarda. E ninguem mais liurementemente ensina, & reprehende, que o que não teme perdas, nem espera interesses, nem para isso respeita pessoas. A settima he a perfeita, & indiuisa inteireza do coração, & direita intenção de todas suas obras; nada do mundo esperando, que o reparta, ou perverta.

Ben. lib de
7. itineribus.

34 Em ordem ao perfeito apega-
mento, & uniaõ com Deos, são outras
sette, conforme o mesmo Doutor Se-
raphico. A primeira he a direita in-
tensão das cousas eternas, porque gos-
tando só dellas, estime em nada tudo
o mundano. A segunda a continua
meditação das cousas celestiaes. A ter-
ceira he a limpissima contemplação
das cousas diuinas. A quarta he a cha-
ritatiua affeição dessas cousas diuinas.
A quinta he a occulta reuelação dos
diuinos segredos. A sexta he a noti-
cia, & gosto experimental dessas mes-
mas cousas diuinas. A settima he a
perfeita conformidade de nossas ac-
ções com as diuinas regras. Todas es-
tas alcosas recolhe o Religioso, & o
perfeito, para aproueitar, o que os
vulgares Christãos não podem gastar.
Tambem por estas sette alcosas dos
sobejos da gente se entende bem a
vniuersalidade dos sobejos dos Fieis,
& dos merecimentos dos justos nesta

vida; os quaes sobejos se guardam no
thesouro da Igreja pollas mãos Apo-
stolicas, para por ellas mesmas se re-
partirem depois, em indulgencias pol-
los viuos, & em suffragios pollos de-
funtos, que a nossas portas estaõ espe-
rando pollas migalhas, que caem da
mesa dos ricos, isto he dos que tem a-
bundancia de obras boas, & merito-
rias, que lhes podem applicar para
que aquelles necessitados alleuiem as
penas que padecem de sentido, &
mattem a fome de ver a Deos, com
que perecem em pena de dâno.

35 Falando anagogicamente, diz
Landulpho: Se tu souberes guardar ^{Land sup.}
estas cousas, creceterão depois do
mantimento que nesta vida te for da-
do, mais sette dotes, os quaes se entẽ-
dem pollas sette alcosas, que sobejã-
ram, os quaes te serão dados depois de
sta vida. O primeiro he clara visão de
Deos. O segundo he fruição, que he
hum gostoso uso, & logro da diuina
essencia. O terceiro he possessão, ou
posse perpetua, & segura, que nunca
se poderá perder. Estes tres dotes são
os que pertencem à alma. E quanto
ao corpo terã outros quatro dotes.
A saber, impassibilidade, ligeireza,
subtileza, & claridade. A impassibili-
dade he virtude para resistir a todos
os corruptentes, & contrarios discõ-
uenientes, que nenhũa faça mal ao
corpo glorioso. A ligeireza he hum
despejo para poder liurementemente
andar o corpo glorioso em seu mouimento,
sem embaraço, nem retardação. A
subtileza he faculdade, para poder en-
trar sem impedimento de algum ou-
tro corpo, & estar com elle juntamen-
te. A claridade he qualidade com que
fica resplandecente, & ainda por seu
modo transparente para os olhos glo-
rificados.

Peroração exhortatoria.

36 **C**onsidera pois tu (ò alma)
a bondade, & brandura de
teu Iesus, como se lhe derretem com
compaixão as entranhas, para com
aquelles

aquelles que o buscam, & seguem, & como não consente, que de sua presença se vão sem refeição; & persevera tu em sua busca, & seguimento, para que não desfalleças, & pereças no caminho. Olha, que pouco mantimento, & menos cuidado delle traziam aquelles Apostolicos varoés. & a deuocão, com que entregam ao diuino Mestre os sette pães, & poucos peixes, que para si traziam, com tanto que não ficassem sem refeição aquelles, que seguiam ao Senhor, & padeciam necessidade. Pondera a benignidade, & humildade do soberano obrador de tamanha marauilha dando ao Padre graças, & repartindo o manti-

mento com aquelles necessitados; & aprende tu a referir a teu Deos qualquer acção tua, a levantar a elle os olhos da meditação, & a darlhe graças como a Author de todo o bem, & a repartir cõ os proximos de teus bês. per esmola, de teu saber, per conselho, de tua virtude, per exemplo. Recolhe em tua alma o que aos outros sobeja, & o que nos menos perfectos não cabe, aparelhando com os sette dões do Espirito Santo, para que possas aproueitar na perfeição da virtude, nesta vida, & alcances os sette dotes que estão aparelhados na gloria.

Amen.

REFEICAM SPIRITVAL

CAPITULO NONO.

Da cautela para com os falsos Prophetas.

Matth. 7. n.
15.
Luc. 6. n. 44.

DEPOIS de largo, & diuino sermaõ, em que nosso Mestre Iesus Christo ensinou os principaes documentos Christãos; veyo quasi a concluillo com a doutrina do Euágelho desta Dominga. Em a qual, como o considera S. Agostinho, porque em todo aquelle sermaõ do monte tinha dado grandes doutrinas, quiz com esta dar guarda a todas ellas; maiormente à vltima antecedente, que foi de quaõ estreita, & apertada era a via, que leuaua à vida; & quaõ poucos eraõ os que por ella caminhauam.

LICAM I.

Das apparencias dos falsos Prophetas.

QUERENDO assegurar esse caminho, a esses poucos, que por elle hiam, ensina a cautela que se deue ter para com as guias delle; aduertindo quanto importaua examinallos pollas obras, & fruitos, como se refere

em o capitulo settimo de S. Mattheos. Pondo em primeiro lugar a aduertencia das apparencias dos falsos Prophetas; pollo qual se diz em o texto. *Guardaiuos dos falsos Prophetas que vem a vós em vestidos de ouelhas, mas por dentro são lobos rapaces.* Guardar nos manda com cuidado, pollo difficultoso q̃ he discernir apparencias estudadas, a quem não pôde como Deos, penetrar corações, & interiores. E para isso apõtou em modo de parabola, a difficultade; como se hum lobo viesse ao campo, & pasto, reuestido propriamente em pelle de ouelha, & como ouelha balasse, & procedesse por algum espaço de tempo. Grande aduertencia pois he necessaria, & por isso, segundo S. Chrysostomo, não lhes diz que olhem, ou que vejam; senaõ que attentem, ou q̃ aduertam, pollo incerteza do que passa.

2 Porque falsos Prophetas chama aqui géralmente a todos aquelles que

P iij

com

Aug. lib. 2.
de ser. Dom.
in monte.

Text.

Chrysost.

Cap.

com tenção de danar, & destruir como lobos, fingem pelles de ouelhas. E estes taes (géralmente falando) são os que em Grego se chamam hypocritas, voz que já os Latinos, & vulgares usam ordinariamente; & he o mesmo que, farcistas, representantes, ou comediantes, que fingindo mui ao proprio húa pessoa, sendo realmente outra. E no Hebreo se diriuva de neuo, escuridade, & formação de nuués. Porque assi como pollas diuerfas impressões, que no ar se causam dos vapores da terra com o vario aspecto da luz, se formam mil figuras varias apparentes aos olhos, que là realmente não consistem; assi os hypocritas, & fingidos, mostram húa figura, que em si não ha, antes tendo em si outra. E esta simulação, ou fingimento pôde ser, ou nas obras, & palauras juntamente, ou nas palauras só; & de qualquer modo se diz propriamente hypocrisia, farça, ou representação. Donde a húa, & outra couza alludio agudamente Demosthenes a Archias, o qual hauia sido Comediante, & então estaua gram senhor em húa ilha à qual Demosthenes se acolhia, com medo de Antipatro. Persuadiualhe Archias com larga arenga, que trattasse de ser amigo de Antipatro, & Demosthenes lhe dixe: Nunca me pareceste bem no theatro comediante, nem agora me persuadiras Orador. Querêdolhe dizer que tão fingido era então nas palauras, como primeiro nas obras, & trage em o theatro.

3 Homês ha logo, que fazem tão perfeitamente o papel de ouelhas, sendo lobos, que vem a dificultar totalmente o juizo, para discernillos. & conhecellos; & por isso manda o Senhor ter com elles grande aduertencia. A qual tambem encommenda S. Ioaõ em sua Canonica dizendo: Não creais a todo o espirito; mas prouai o espirito de quem seja. E S. Paulo diz, que se transfigura Sathanas em Anjo

de luz. Não he logo de espantar se seus ministros se transfiguram em ministros de justiça, o fim dos quaes ferà como suas obras. Estes são os falsos Prophetas, de quem o Santo Ieremias diz: Dos Prophetas de Ierusalem se derramou a immundicia sobre a terra. E Micheas diz delles: Isto diz o Senhor sobre os Prophetas, que enganam o meu pouo; mordem com os dentes, & prégam paz. Taes são todos aquelles, que a quem a summa verdade Christo chama ladrões, & roubadores, que não entram polla porta, mas sobem per caminhos alheios da justiça & da Religião, levando a preza da Igreja furtada para o inferno fingindo caminho do Ceo, como o ladrão insigne que ferra as caualgaduras às vellas, em que leua furtada a preza. Destes diz o Espirito Santo: Hay do peccador, que entra na terra por dous caminhos. O qual (diz S. Gregorio) acontece quando he de Deos o que na obra mostram, & do mundo o que na verdade sentem. A Herodes chamou o Senhor Rapoza, porque se faz morta para furtar, & caçar os innocentes animaes. E tal he o hypocrita que se finge mortificado, & morto ao mundo, para enganar os simplices, & roubar o alheio, & embair os Principes seculares, para fauorecellos, & amparallos.

4 Tal a Rapoza quando vio que no carro hiam galinhas, & frangos, se fez morta junto da estrada. E o simplez carreiro com o gosto de achalla, & cobiça da pelle, a botou em cima do carro por morta: mas ella ceuandose como viua, se encheo de galinhas, & frangos, a que parecia que já não comia couza deste mundo. Dos taes diz S. Bernardo: Os hypocritas querem ser humildes sem desprezo, vestidos sem cuidado, pacificos sem trabalho, murmuradores de todos, mordazes como cães, enganosos como Rapozas, soberbos como Leoês; andam em busca do mel (da doçura da vaã gloria)

como

Hier. 5. n. 31.
Jo. 14. n. 14.

Mich. 3. n. 5.

Joan. 10. n. 1.

Ecclesi. 2. n. 14.

Greg. in
Mor. 1.

Luc. 13. n. 32.

Bern. ser. 3.
de Annunt.

Phi. in Demosthenes.

1. Ioan. 4. n. 1.

1. Cor. 11. n. 14.

comõ vrsos; querem ser juizes sem auctoridade, testemunhas sem verem, & finalmente são falsos accusadores, & alheyos de toda a verdade. E do outro Herodes diz S. Chrysoftomo: Deuoção promette, mas aguça a espada, & pinta a malicia do coração com a cor da humildade. Taes são os hypocritas que sempre parecem andar em busca de Deos, & nunca o acham. Antes para mattallo, & destruylo, como lobos, em seus membros o buscavam. E ainda q̄ por estes falsos Prophetas se podem entender todos os hypocritas géralmente; toda via mais he do intento do Euangelho, que se entendam os Hereges, que fingem santidade, aspereza de vida, & obras de virtude. E como diz S. Agostinho, querem ser tidos por allumiados, & elles são Hereges. E quanto mais affectam, & compoem estas inuencões, & representações falsas; mais finos, & prejudiciaes. Como a moeda falsa, que tanto mais prejudicial he à República, quanto mais se parece com a verdadeira. E Prophetas chamou o Senhor aos taes, não porque tenham o dom de prophecia, ainda que em tão deprauado fogeito como Balaam, que no mesmo tempo prégaua prophetizando excellencias do pouo de Israel; que aconselhaua o modo com que o fariam peccar, & offender a seu Deos. Mas pollo officio q̄ ou tem, ou vsurpam de interpretar os Prophetas, a preuerter as escrituras cõ suas dānadas exposições, & doutrinas.

5 Porém quando o Senhor na fogeita materia trattaua estas cousas cõ seus discipulos, parece q̄ com os Pharisios he que o hauiam, de cujo modo de viuer os mandaua guardar, segundo S. Ioão Chrysoftomo. Nestes andaua a hypocrisia mais refinada, fingindo austeridade de vida, obseruancia pontualissima da ley, a qual por isso traziam escrita na testa em hūas tiras, que cingiam na cabeça a modo de coroas: & outras no braço

esquerdo, como sobre o coração; ostentando o que Moyses mandaua na ley, que a trouxessem como sinal em sua mão, & fixa ante seus olhos. O qual o Santo Legislador mandaua da obseruancia & amor della, em as obras, & vida; & elles o faziam per mera ostentação, & fingimento; mostrando se de fóra justificadissimos, & tão zelosos da guarda da ley, que andauam inuenticando preceitos, & novos estatutos, com que carregassem as consciencias dos outros, ficando elles sem carga, & sem consciencia algũa. Como o sapiētissimo Christo delles fez claro dizendo, que elles nem cõ o dedo queriam mouer aquillo, que com todo o corpo aos outros faziam insupportauel.

6 Sobre o qual diz S. Chrysoftomo: segundo consequencia, taes são também os Sacerdotes, que mandam ao pouo toda a justiça, & elles nem hūa pequena guardam. Taes são também os que impoem grande carga, aos que a elles vem à penitencia: & elles nem hūa pequena fazem. E deste modo em quanto se foge a pena da presente penitencia, se despreza a pena do futuro juizo. Porque se puzeres hum feixe sobre os hombros de hum moço, tal que não possa com elle, he força que o lance de si, ou taya debaixo delle. E também se erramos pondo pequena penitencia, por ventura não he melhor dar conta por amor da misericordia, que por amor da crueldade? Onde o pae de familias he largo, o despenseiro não deue ser apertado. Se Deos he benigno, para que he o Sacerdote riguroso? Queres parecer santo, pois se austero para ti em tua vida; mas para com a dos outros, benigno. Ouçante os outros mandar pequenas cousas, & veja te fazer as grandes. Tal he o Sacerdote, que se perdoa a si, & aos outros condēna; como o mau lançador dos tributos na Cidade, que se alleuia a si, & carrega aos outros. Sobre o qual acrescenta Landulpho, q̄ impondo pouca penitencia,

melhor

Chrysoft. in
Matth. 23.

Aug. Tract.
25. in Ioan.

Chrysoft. in
hom. 24. in
Car.

Deut. 6 n. 8.

Matth. 23 n.

Chrysoft. a.
pud Land.
infra hom.
23. Imperf.

Land. 2 p.
cap. 37.

Hieron apud
ipsum lib. 4.
Coment. in
c. 23. Matth.

melhor he mandar as almas ao Purgatorio, que ao inferno. A qual doutrina, segundo S. Ieronimo, corre geralmente contra todos os Prelados, & Mestres da Igreja, a quem por nossos peccados, tem passado os vicios dos Phariseos; porque todas suas obras fazem, não por zelo da virtude & Religião; mas (como diz Christo) para serem vistos dos homêes, & aulaliados delles por reformados, & virtuosos; sendo elles debaixo das pelles de ouelhas do exterior, lobos crueis, & carniceiros no interior.

7 Cobrem com a postiça pelle da virtude a natural carnalidade, & ambição a que endereçam suas hypocritas inuencões. E daqui procede, que como em si não podem fazer resplandecer a virtude, aspereza, & humildade; a fazem como as Virgens loucas resplandecer nos outros, & procuram luzir à custa das alheyas lampadas, que fazem prouer com mil extorsões de injustiças, & cargas de preceitos, com que pollas Cortes dos Principes, cujo favor, & merces esperam; daõ pregação de sua virtude, & zelo, não deixando no paraíso da Religião aruore q̄ não seja vedada. E tanto mais pezada fazem a Cruz do Senhor quanto menos a ajudam a levar aos subditos, que os vem em lugar, & habito de Christo para o respeito, authoridade, & mando; & para levar a Cruz nem Cyreneos parecem, mas Phariseos. Donde tratando da Religião Christã, diz S. Agostinho: A nossa Religião, q̄ nosso Senhor Iesus Christo em mui poucas celebrações dos Sacramentos quiz que fosse liure; opprimem algũs com seruis cargas; tanto que mais tolerauel he a condição dos Iudeos, que se sogeitam a diuinos preceitos, & não a humanas persuasões. Atéqui he de S. Agostinho. Pois se tamanho perigo he para o rebanho, andarem os lobos em pelles de ouelhas; que será serem os mesmos pastores lobos, que vestidos das pelles,

Aug. apud
ipsum lib. de
vera Relig.

& das laãs das ouelhas, & sustentados com seus emolumentos, as comem, & gastam? Dos quaes diz Ezechiel: Hay dos pastores de Israel, que se apacentam a si mesmos. Hay dos Prophetas necios, que seguem a seu espirito (isto he de sua ambição, & interesses do mundo, & da carne) & nada vem em proueito das ouelhas. Teus Prophetas eram como Rapozas no monte. Enganadores, hypocritas, & embusteiros.

Ezech. 34.
n. 2.
idem cap. 33.
n. 3. & 4.

LISAM II.

Das sinaes dos falsos Prophetas.

8 **P**osta a primeira aduertencia dos falsos Prophetas, ajunta o Senhor em segundo lugar os sinaes que pôde hauer, para se guardarem delle, & do perigo que pôde correr a difficuldade de se conhecerem; pollo qual se segue em o texto. *Pollos seus frutos delles os conhecereis.* Com isto mesmo encarece o Saluador a difficuldade de conhecellos pollos vestidos, isto he pollos exteriores, pois deuolue todo o conhecimêto às obras, & frutos de suas acções. Porque as cores postiças nas primeiras vistas não se conhecem das naturaes; & as moedas falsas das legitimas; senão polla destreza dos sabios, & prudentes officiaes. E ainda que em muitas cousas, & acções pudera pôr o Senhor a figura do engano, que os hypocritas causam na Igreja; a poz principalmente em os vestidos, como em cousa mais vsual, & domestica; para desenganar que ninguem se deixe levar do exterior concerto, ou affectado desconcerto, para julgar por elle o interior affecto. Acerca do que diz Seneca: que assi como he ignorancia o que está para comprar hum cavallo deixar se levar do modo com que vem guarnecido, & arreado, & não do que conuem olharhe: assi he deixar se ninguem levar do vestido, ou do que de fóra mostra nas apparencias: que he como vestido no homem.

Senec. lib. 1.
Epist. 47.

Aug. lib. 2.
de ser. Dom.
in mote cap.
12.

9 E S. Agostinho ensina. que tanto mais difficultoso he de conhecer o interior, quanto o vestido, & habito exterior he mais ostentatiuo da virtude. Porque os trages desusados, extraordinarios, & affectadamente pobres, rottos, & descompostos; sãoinhos da vaã gloria, & vaidade. Como dos demasiadamente delicados, & brãdos, dizia Augusto Cesar que eram bandeira de soberba, & ninho de luxuria. E Anthistenes mostrandohe Socrates diante de muitos a cappa rotta, lhe respondeo: Bem vejo, ò Socrates, & por essa rottura da tua cappa enxergo eu a tua vaidade. Donde o mesmo S. Agostinho aos seus: Não seja (diz) vossò habito digno de nota, nem ponhais cuidado em contentar nos vestidos, mas nos costumes. E do mesmo Santo Pontifice se le, que seus ornamentos não eram muito preciosos, nem muito vis. E a natureza parece nos ensinou a fazermos pouco caso dos vestidos exteriores, dando à Marta, à Rapoza, & a outros animaes pelles de muito preço, & fermosura, & a outros penas de mui pouca estima, & parecer, como à galinha, perdiz, & outros Toda via o interior das carnes nestes são preciosos, & regalados; & em aquelloutros não seruem mais que para as deixar esolladas aos cães, & coruos. Mas ainda mal, porque hoje tantos em pelles alheyas trazem vicios proprios, & enganam com falsas apparencias de Prophetas, os olhos que não são do verdadeiro espirito do Propheta Ahias, para conhecer a mulher de Ieroboam disfracada em alheyo vestido. Quantas vezes debaixo dos religiosos vestidos de Elau, faz seus fingimentos Iacob. E bem aluas estolas traziam os falsos Prophetas de Baal, que lhes não valéram, quando veyo sobre elles a zelosa espada do Rey.

Suet. in Aug.

Laert. in Socrate.

Aug. Reg. 1.
3. 18.

3. Reg. 14. n.

Gen. 27.

4. Reg. 10. n.
13.

1. Reg. 19. n.
13.

10 Quantas vezes se enganam os ministros de Saul com o leite de Dauid, cuidando achar nelle o corpo ver-

dadeiro, & acham húa fantasma, estatua de palha. Que he a vida do hypocrita (diz S. Gregorio) senão húa vida de fantasma, que mostra no parecer, o que não tem na verdade? Chymera (chama S. Ieronymo) dentro Nerao, fóra Catao; monstro todo duuidoso, como húa besta composta de muitas; & (segundo o ditto do Poeta) he toda chymera E S. Agostinho diz: Quantos hypocritas espalhou o sagacissimo inimigo por toda a parte, em habito de Religiosos, que andam cercando, & correndo todas as Prouincias, pedindo a todos, ou os gastos da rendosa pobreza, ou o preço da fingida santidade. E S. Ambrosio diz: Muitas vezes debaixo de húa triste cappa, se esconde a deshonestidade, & se cobre hum disforme horror com hum vil vestido: para encobrir o secreto da sensualidade dos animos. E S. Antonio diz, que estes são as estrellas errantes que em sua Canonica chama o Apostolo S. Iudas; porque com seu fingimento, & vãos discursos fazem errar aos outros. Finalmente S. Bernardo a chora por sarna contagiosa da Igreja, dizendo: Anda hoje esta podre infirmitade da hypocrisia por todo o corpo da Igreja: & quãto mais tolerauel, & permitida, tanto mais desesperada de remedio; & tanto mais perigosa, quanto mais commum.

11 A esta chama o Senhor disfarce de lobos em trage de ouelhas. Ouelhas, que pacem, não nos prados da Igreja, & Religiao entre os litios, onde se apacenta o Cordeiro; mas nas charnecas, & matas, onde viuem os lobos Ouelhas apacentadas do infernal pasto, reseruadas para o açougue da eterna perdição; se lobos para o exercicio dos bõs, & engano dos simples, & destruição da Igreja, conforme o que o Psalmista canta: Postas estão no inferno como ouelhas, mantimento da morte. Ouelhas no engano, & lobos no animo. Sobre o qual diz Landulpho: Vem a vòs enganado,

Greg. Mor.

Hieron. Epist.

Horat. de Arte Poet.
Aug. de operib. Monachor.

Ambrosio in quod. ser.

Pad. serm. Dom. 4. Pascha.

Bern. serm. 33. in Cant. ad fin.

Psal. 48. n. 15.

Land. t. 2. cap. 40.

Q

em vestidos de ouelhas, isto he de-
baixo de especie de Religiaõ na vista
dos homês; semelhantes a ministros
de justiça; em habito humilde, em o-
ração prolixa, em jejum apertado, em
dar de esmola, em palauras brandas,
& em os mais sinaes de Religiaõ. Por-
que mostram simplicidade, fingem
mansidão, ostentam humildade; ten-
do, segundo o Apostolo, especie de
piedade, mas negando a virtude della.
E de dentro saõ lobos roazes, isto he
no coração, & vontade de enganar;
mas pollos frutos delles os conhece-
reis. O de cima he do Carthusiano.
Acerca do qual he de saber, que tres
põdem ser os frutos, por onde pode-
mos conhecer se he lobo aquelle em
pelles de ouelha, ou verdadeira oue-
lha em sua pelle: assi como tres saõ
as castas de hypocrisia, & fingimẽto.
Hús saõ hypocritas por vaã gloria só-
mente, & ostentam a virtude, q̄ real-
mente tem em si, desejando ser por
este caminho estimados dos homens,
buscados, & applaudidos por virtuo-
sos; dos quaes se diz em Iob: Breue he
o louvor dos hypocritas, & maos. E o
Senhor no Euangelho: Estes já rece-
beram seu premio. E vaõ estes misera-
velmente a perderse pollo mesmo ca-
minho da vida.

12. Esta casta de hypocrisia, diz S.
Boaventura, que he fruto da vaã glo-
ria, & companhia da ostentação, &
da singularidade. E da mesma hypo-
crisia aponta quatro especies Richar-
do: a saber affectações de dignidade,
de liberdade, de authoridade, & de
poder. E S. Gregorio lhe aponta qua-
tro azas, que acha representadas em
o Pardo, animal cruel, & de varias co-
res, de que fala Daniel. A primeira he
jaçtancia do bem manifesto, a segun-
da fingimento do bem occulto, a ter-
ceira excusação do mal manifesto, a
quarta dissimulação do mal occulto.
E toda esta maquina de hypocrisias,
& especies de vaã gloria põde ser pec-
cado sòmente venial, & nem sempre

chega a mortal. Nem faz mal mais
que a seu mesmo dono, que deixa le-
uar do vento as boas obras, q̄ em suas
azas o puderam levar ao Ceo. Antes
saõ causa de edificação ao proximo as
obras em si, por mais que a intenção
seja desordenada. Mas tambem por
seu modo, tem seus frutos, porque se
põdem conhecer; que he o pouco a-
proueitamento do espirito nos doze
frutos delle, que o Apostolo conta. A
saber charidade, gosto, paciencia, be-
nignidade, bondade, longanimidade,
mansidão, fé, modestia, continencia,
castidade. E nos tres frutos da luz,
que o mesmo aponta. Bondade, justi-
ça, & verdade. Ou nas tres iguarias,
ou mantenças da mesa do Senhor, co-
mo lhe chama S. Boaventura, que o
mesmo Apostolo inculca dizendo: O
reyno de Deos não he comer, & be-
ber, mas justiça, paz, & alegria no Es-
pirito Santo. E a alma que parecen-
do viuer bem, toda via não aproueita,
& engorda com estes frutos, & igua-
rias; sinaes tem de hypocrita, que
pollos frutos se conhece.

13. A segunda casta de hypocritas
he daquelles que fingem ter virtudes
exteriormente, que interiormente na
realidade não tem; mas comisso não
tem animo de fazer mal a alguem,
mais que fazer seu vaõ negocio. Esta
sempre he peccado, & ordinariamen-
te mortal; posto que bem põde ser
venial per razão da materia leue: &
põde ter todas as especies, que na ou-
tra se apontaram. Destes vem jámais
propriamente a entenderse o que o
Euangelho diz: Se bem mais ao pro-
prio se dirã dos taes que saõ Rapozas
em pelles de ouelhas, que lobos. Mar-
tyres do diabo, que para elle traba-
lham de dia, & de noite, desuelados
(como diz o Santo Oseas) em semear o
vento, & vento colhem Rusticos Cy-
reneos (como lhes chama S. Grego-
rio, & S. Bernardo) que levando o pe-
zo da Cruz de Christo, nada colhem
mais que hum villam estipendio. Bar-
baros

2. Tim. 3. n.
5.

Iob 10. n. 5.

Matth. 6. n.
2.

Bon. Spec. c.
130. n. 7.

Rich. de E-
rud. t. inter.
hem. cap. 13.
p. 1.

Greg. apud
Ben. Centi-
log. a. p. sect.
30.

Dan. 7. n. 6.

Galat. 5. n.
22.

Ephes. 5. n. 3.

Bon. de De-
nis Spir. Sã.
Et cap. 4.
Rom. 14. n.

17.

Greg. Mor.
7. cap. 15.
Bon. de De-
nis. n. 17.

baros Struthioes (como lhe chama S. Gregorio) que parecendo aues que voam; & tendo vnhas de aues de rapina, não sabem voar, nem as penas são mais que como postigas, & apparentes; dos quaes se escreue em Iob que quando he tempo, levanta o Struthião em alto as azas. Embusteiros Sacerdotes de Bel, que a titulo do Deos, a quem professam servir, comem, & se fartam de nite às escondidas. Falsos penitentes, que (como diz S. Paulo) açoutam o ar, & não a carne. Estes afrontam as virtudes, de que ellas se queixam em Isaias, pegando com Christo todas sette que lhes tire está afronta, segundo a interpretação de Origenes. Não falta quem diga que este he toleravel mal, porque não da mais que a si, & com seu bõ exemplo edifica aos outros. E bem he verdade que polla circumstancia, mel hor he, ou menos mal he ser hypocrita que escandaloso; maiormente nos Religiosos, que de si tem obrigação de dar bom exemplo, & mostras de virtude.

Iob 39 n. 16.

Dan. ult.

Cor. 9. n. 16.

Isai. 4. n. 1.

Orig. idem apud Gutier. Trejo.

Aug. apud Land. sup.

14 Mas he tão mau intrinsecamente o fingimento da malditta hypocrisia, que a Deos, & aos homés he abominavel. E (como diz Agostinho) por mais que seja em habito religioso, he não só indigna de remedio, & de desculpa, mas sogeto ao castigo de Deos. Quanto mais que se o Religioso se mostra humilde modesto, & casto por não afrontar seu habito, antes edificar aos seculares; se este he o fim de seu exterior, por mais que seja no occulto alheyo das taes virtudes, não he hypocrita propriamente; porque o fim não he de tal, mas de dizer cõ seu habito exterior, & não causar escandalo aos proximos; antes serà culpa nelle fazendo o contrario. E o que o faz por outro fim seu particular hypocritamente, pol'os frutos se conhece; isto he pollos effeitos, pollas occasioes, & pollos fins, a que atira seu fingimento. Porque se andauam por ca-

çar dignidades, em as alcançando tiram a mascara: se por alcançar interesses, usam mal delles: se por conseguir deleites da carne, se lhes entregam todos; & se pollo vento do fauor, respeito, & applauso humano, o recebem todo. E ainda polla duraçãõ, porque de sentença de Seneca, o que fingido he não pòde durar muito. E sobre tudo pollas occasioes, porque no ponto em que se vem tentados, perseguidos, desprezados, ou apertados, logo perdem a cor, & o tino da figura de virtuosos, que faziam. Assi a cor que não he natural, em a esfregando bem se tira logo; que a que he natua, por mais que apertem sempre he a mesma. E assi a moeda falsa se bem, sabem fazella tinir, faz logo outro som; & se lhe mettem a tifoura, se conhece.

Senec. apud Land. lat. 1. de Clem. c. 1.

15 Sobre o qual diz S. Agostinho: Tudo o que pollas obras, ou pollas palauras se não pòde descobrir; pollas tentações se descobre. Ea tentação he de dous modos, ou em esperança de alcançar algum commodo temporal: ou em temor de perdello. Porque tanto que com algúas tentações começarem a lhes serem tiradas, ou negadas aquellas cousas, que debaixo desta cappa alcançaram, ou desejam alcançar; logo he força que appareça, se por vettura he lobo em pelle de ouelha, ou cordeiro na propria. E Ládulpho prosegue: Alem disto se conhecem em que opprimem aos simplices, murmuram dos maiores, arguem as cousas minimas, repugnam a emmenda, não fazem o q̄ dizem, jaçtamse nas dignidades, enfastiamse dos bês começados, nas aduersidades murmuram, & principalmente nas perseguições se conhecem. Porque sabido he que o homem nunca tão expressa, nem propriamente fala, como na lingua propria. Porém ha algús que fazem como a aue na gayola, que muda a lingua propria, & arremeda a voz humana, ou de outros passaros. E que em quanto

Aug. apud eundem in Ps. 36.

Land. ubi sup.

lhes fazem bem, fazem isto; toda via se alguém lhes magoar o pé, ou sentir dor noutra parte, ou receber algũa cousa contra sua vontade, logo se torna à voz natural. Desta maneira muitos em quanto estão em prosperidade, & lhes fazem bem, mudam a voz propria, louvam a Deos, & seruem as lizonjas: mas se estão em algũa aduersidade, ou em algum modo lhes tocarem; logo tornam a lingua propria, a saber ingratitude, impaciencia, & outros vicios semelhantes. O de cima he do Carthufiano.

16 A terceira, & mais maligna casta de hypocritas he daquelles que se fingem Christãos, & guias de Christãos, & vem em habito, & profissão de taes enganando com falsas doutrinas, & peruerfos dogmas, com animo de destruir a verdadeira, & Catholica Fé; & são os Hereges. Dos quaes todos o mais prejudicial foi o maluado Caluino, em razão de hypocrisia: pois presumio até fingir resucitar mortos, posto que com tão defaistrado successo, como mais que todos o experimentou o miseravel que fazia a figura de defunto, & não ao viuo, que ainda agora está morto. Estes lobos nunca andam senão em pelles de ouelhas, entre o rebanho de Christo, porque não se cançam com os Mouros, ou Genticos, nem hir a prégar aos infieis, que cream em Christo; mas entre os Fieis, & Catholicos, para destruir como lobos as ouelhas, de que não tem mais que as pelles, & nome. E toda via assi diz S. Paulo, que conuém à Igreja haue sempre nella heregias; para que os Fieis se prouem, & sayam melhor, como lino entre as espinhas. Estes pois háo de ser conhecidos pollos frutos: senão digam os Hereges que frutos tem feitos pollas partes, em que mais liurement entraram & mais continuamete viuem. E se elles o não dixerem, ouçam o da prophetica boca de S. Paulo: Manifestas (diz aos Galatas) são as obras da

carne, as quaes são carnalidade, imundicia, desaforo, luxuria, auareza, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, brigas, discenções, feitas, enuejas, homicidios, borracharias, demasias no comer, & outros semelhantes; as quaes vos digo dante mão. Quem não ve que estes são os frutos que tem feito em todo o Norte estes lobos ceruaes? Como se o Apostolo os estiueira mil & quinhentos annos antes, vendo.

LIÇAM III.

Da semelhança dos frutos.

17 **D** Ados os sinaes, por onde se podem estes falsos Prophetas conhecer, para delles nos caudarmos; reduzemse em terceiro lugar com a parabola, & semelhança, os frutos destes; pollo qual se segue em o texto, *Por ventura colhem das espinhas vuas, ou dos cardos figos?* Como se dixerá. Por ventura pôde hum espinheiro produzir vuas, ou hum cardo figos? Em nenhũa maneira. Antes o espinheiro produz espinhas, & o cardo picos; a vide, he que ha de produzir vuas; & a figueira figos. De semelhante modo poz Ioatham aos moradores de Sichem em parabola, as duas arvores entre outras, a figueira, & vide. A figueira dixe: Eu posso (para metterme a ser Rey, & governar as outras arvores) deixar minha doçura, & frutos suauissimos? E a vide dixe: Eu posso deixar o meu vinho, que agrade a Deos, & aos homês? Pollos frutos logo, se entendem as obras, & pollas arvores o coração, & animo, de que procedem. Pollas espinhas, & cardos gèralmente se entendem os animos & corações peruerfos; conforme ao que na Escritura se diz: Os peccadores serão arrancados todos como espinhas, que não se tiram com as mãos. Porque aquelles são os frutos, que per si mesma dà a terra amaldiçoada em Adam: Espinhas & cardos se produzirá. E pollas vuas, & figos gèralmente se

Chrysof. Cat.

1. Cor. 11. n. 19.

Galat. 5. n. 19.

Tex.

Iudic. 9. n. 8.

2. Reg. 21. n. 6.

Gen. 3. n. 18.

Exo. 6. Phi. leg.

se entendem as boas obras, & dignas de eterno descanso, conforme a analogia da prosperidade do tempo de Salamam, do qual se diz, que vivia cada hum sem temor algum, debaixo da sua parreira, & da sua figueira.

18. E particularmente falado, pol-las espinhas se entendem os carnaes, que sempre ardem, & nunca se consumem, segundo o que em o Psalmo se diz: Arderam como fogo nas espinhas. E pollos cardos, ou tojos, se entendem os maliciosos, que de qual-quer parte q̄ os tomaes, picam sempre, & magoam a quem os tratta. As vuas são symbolo da temperança, & fortaleza. Porque como da vide escreue Plinio, toda sua bondade, perpetuidade, & fecundidade consiste, em a podarem, & fazerem que se não demasie nos ramos; para que ganhe força a vara, & fortaleza o liquor della. E os figos são symbolo da piedade, & justiça, por sua doçura, & suauidade. Porque sendo a figueira de si amargosa, & em suas folhas aspera, & alheya de flor: o fruto he suauissimo, & tal no preço, & estimação dos antigos, que diz Ananio que he melhor que o ouro. E Celio affirma, que a figueira he izenta dos rayos, & coriscos. Não pôde pois dar o espinheiro vuas, nem a sensualidade fruto de temperança, ou fortaleza; antes de demasia, & floxidão. Porque os appetites da carne destruem, não só o fruto, & aproueimento da virtude; mas tambem a bondade da natural inclinação & boa natureza. Philo o notou sobre o lugar da ley, que dispunha quando o fogo pegasse em espinhas, & queimasse o frascal do pão, ou a sementeira na terra. Onde pollo fogo das espinhas entende a bruta sensualidade; pollo frascal o aproueimento, & pollo sementeira na terra o bom natural. Nem pôde o cardo, ou tojo dar figos; nem a cobiça de interesses, & honras, fruto de piedade, & de justiça; senão de crueldade, & malicia; porque (como diz

S. Chrysofomo) nada tem brando, nada suaue, mais que até a pelle de ouelhas: & como diz o Espirito Santo: Não entrará a sabedoria na alma maleuola, nem morará em corpo sogeito a peccados.

19. Ou pollas vuas se pôde entender o feruor da vida actiua; & pollos figos a suauidade, & doçura da contemplatiua. Mas nem Martha pôde ser solícita com Deos, embaraçada com sensualidades: nem Maria pôde lograr o melhor lugar de descanso aos pés do Senhor, inquietandose, & distrahindose com cobiças diuersas. Estes são logo os espinhos, & tojos que embaraçam nas Religiões ambas as vidas, & qualquer de seu instituto; que o diabo faz nacer nellas, como se fosse terra amaldiçoada, sendo paraíso de bençam. Permittindoo assi Deos pollo descuido dos Prelados, conforme ao que por Oseas diz: Eu cercarei teu caminho cō espinhas. Tanto val logo dizer, que se não colhem das espinhas vuas, nem dos tojos figos; como dizer, que não se pôde de hum maligno interior colher bom fruto de exteriores obras; & assi por ellas se deuem conhecer os que andam em pelles de ouelhas, sendo lobos. O que confirma com a géral condição de toda a aruore, com que conclue a parabola das particulares, dizendo em o texto. *Assi toda a aruore boa, faz bons frutos. & toda a aruore mà, faz maos frutos: não pôde a mà aruore (de mà casta) fazer frutos bons (de boa casta) nem a boa aruore, & de boa casta, fazer maos frutos, & de mà casta.* No texto Grego não tanto significa boa, & mà, como saã, & podre, ou carcomida. Polla aruore se entende o homem cō suas potencias, & facultades, segundo aquella celebre sentença de Philo: O

Paraiso de Deos todas suas aruores tem animadas, & dotadas de razaõ.

20. E não se chama o homẽ aruore boa, ou mà, porque segundo o antigo erro dos Manicheos fossem creadas,

Chrysof. apud Land. in Cat. hom. 14. in Matth. Sap. 1. n. 4.

Ose. n. 6.

Phil. de O-pific. mundi.

3. Reg. 4. n. 25.

Pf. 117. n. 12.

Plin. lib. 14. cap. 1.

Anan. apud eundem. Cel. Rhod. lib. 18. c. 9.

Exod. 2. n. 6.

Phil. 2. Al. leg. in fine.

húas naturezas más, que não podem ser boas; & outras boas que não podem ser más. Nem porque, segundo o novo erro dos Calvinistas, não fique livre o alvedrio, para bõs, ou maos frutos, aproveitando-se do orvalho da graça diuina: mas chamase boa, ou mà, conforme sabe vsar de sua liberdade com o auxilio de Deos. Boa he toda a aruote quanto em sua natureza creada por Deos, mas pòde-se fazer mà deprauidando-se per affeçoens, & paixões diuerfas, não recebendo, nem deixando lograr o enxerto da graça. E os frutos, pensamentos, palauras, & obras desta tal vontade assi deprauidada, não podem ser bõs. Não porque todas as obras do peccador, por mais infiel que seja, se hajam de ter por peccados, como o diffinio o santo Concilio Tridentino, mas porque as que procedem formalmente da vontade mà, são más, como frutos de planta mà. Quaes são as obras de ambição, interesse, & sensualidade, procedidas da vontade deliberada de subir, adquirir, & demasiarse; ostentando em pelle de ouelha humildade, desinteresse, & castidade. Porque (como o Salvador ensina) do coração saem todas as obras más, homicidios, adulterios, & todas as mais; & do animo, ou intenção, com que se fazem, recebem o ser moral, para serem boas, ou más. Por onde sendo o coração fingido, & maligno não pòde fazer frutos de boas obras, meritorias, & (exemplares).

21. E he de notar, que por frutos aqui não se entendem sómente os pomos das aruores, mas tudo o que de si produzem; para que assi melhor se possa applicar a figura, ao que o Senhor quiz ensinarnos: a saber ramos, folhas, flores, & pomos; porque tudo isto procede da raiz. A raiz he a vontade, a qual he boa se está saã, guarnecida com a graça diuina; & mà, se está peca, & deilituida della. Desta diz o mesmo Senhor, notado por S. Remi-

gio, que o coração he thesouro, donde o homem tira as palauras. Como no natural chamam os Physicos ao coração, thesouro da vida. Os ramos são os pensamentos, & actos, que ficam dentro do peito humano, como aruores, que não tem ainda arrebetado, nem germinado. As folhas, & flores são as palauras, das quaes diz o mesmo Senhor, que da abundancia do coração fala a boca; porque as palauras são significatiuas, & manifestatiuas do que dentro no coração passa; assi como a folha, & flor, do que na raiz, & tronco se enerra, & deste genero são tambem os escrittos, & outros sinaes, com que os homẽs se declaram. Os frutos são as obras, & acçoẽs humanas, que mais manifestamente que em palauras o declara, & desengana finalmente, do que no interior passa: & que muito tempo não podem durar fingidas. Nas palauras com tudo, como nas obras se pòde conhecer o hypocrita. E neste sentido nota S. Chrysolomo, que o que se fala, he ordinariamente o que do coração sobeja; & assi fica mais sempre no coração, que o que polla boca se lança. Porq̃ a lingua muitas vezes não derrama toda a peçonha, por quanto algũas vezes se peja de quem a ouue: mas o coração, que não tem testemunhas humanas, derrama toda a que quer: que de Deos se lhe dà a elle bempouco.

22. Tambem desta raiz, & deste tronco da consciencia procedem os gestos, & maneos exteriores, os quaes são húas palauras mudas, & frutos imperfeitos do que no interior se esconde; & dos taes gestos se pòde como de fruto, conhecer o coração. Porque o deshonesto, por mais que ande a paliar, & encobrir sua affeição; em hum torpe gesto, & em húa carnal tanto, como natural volta de olhos se mexerica. E o auarento em cobigar húa pequena cousa, se manifesta. E o ambicioso em hum humilde officio, se descobre. Porque nas cousas poucas se declaram

Trid. sess. 6.
c. 16. c. an. 7.

Matth. 12. n.
34.

Matth. ubi
sup.
Remig. in
Cat.

Matth. ubi
sup.

Chrysol. a.
pud Land.
sup. hom. 4.
in Matth.

Gutierr.
Trij. lib. 3.
Concord. 6.
10.

declaram os appetites das maiores, & os olhos, rostro, & gestos dão a entender o que vai por dentro. E húa vez que o Propheta Ezechiel caue a parede, & pollas rimas della possa enxergar o que dentro passa; verà as abominações, que os mais graues de Israel fazem; & as profanidades, que as donzellas no Templo comettem; & as adorações, que os principaes do pouo fazem ao Sol, viradas ao Santuario de Deos as costas. Pollos primeiros são notados os auarentos hypocritas, pollos segundos os sensuaes, & pollos terceiros os ambiciosos. E todos estes se deixam entêder pollas obras, palauras, & gestos; que como são de aruore tão damnada, não podem fazer bõs fruitos. E ainda mal porque dentro na vinha do Senhor mais cultuada, & mais bem amanhada, de que se esperauam uias; se colhem espinhas, ou quando muito agraço; porque se logra mal a enxertia, que a Religião com tão espirituaes artificios faz nos fogeitos ruins, & consciencias deprauadas. E não sahindo, como diz o Apostolo, enxerto de oliueira em azambujo; saem como videira em giesta, uias como fel de dragões, & fruitos azedissimos. E finalmente fruitos de más plantas são os maos subditos, em os quaes se està vendo, q̄ seus Prelados não trattam da disciplina delles, mas de sua commodidade, & dignidade.

L I Ç A M I V.

Do fim da mà aruore.

23 Declarada a semelhança da boa, & mà aruore, & seus fruitos; poem o Senhor em quarto lugar o que se ha de fazer da mà aruore, dizendo em o texto. *Toda a aruore, que não faz fructo bom, será cortada, & lançada no fogo. Por tanto dos fruitos delles os conhecereis.* No texto Grego não està em futuro, mas em presente o será cortada, & lançada no fogo; porque o Senhor aqui não pro-

phetizaua, mas punha semelhante o sem que se costuma fazer em taes calos. he como se dixerá: Tal aruore como esta, que ou por peca, ou por de mà casta, não dà fructo que preste; corte-se, & mettese no fogo. Por estas mesmas palauras formalmente intimaua o Baptista a seus ouuintes o juizo, & justiça que se hauia de fazer de semelhantes plantas. E posto que polla consequencia, que o Senhor tornou a tirar, de que pollos fruitos conheceriamos aquelles de que tinha tratado, pareça querer apontar outro final dos falsos Prophetas, que he o castigo que em fim haõ de vir a ter per suas hypocrias, em tempo que não poderão já fingirse mais, pois se abrião os liuros da cõciencia, & ficaraõ patentes. Com tudo esta he mais geral doutrina, que toca em todos aquelles, que não só fazem fruitos de más obras, mas ainda nõs que deixam de os fazer de obras boas.

24 Em isto tem grande parecer em semelhantes figuras os homens com as aruores de fruitos, que cortadas húa vez, ou por secas, ou por de mà casta; vem infalliuamente a parar em o fogo. O cortar da aruore se pòde entender polla morte corporal, a qual foi dada vniuersalmente em pena de que não fez a primeira planta em o Paraiso, fructo de obediencia; mas peco, & bichoso, como aquelle a que chegou a serpente a corromper a raiz, & trõco della. Mas deste modo não escapa aruore algũa, que se não corte; com differença grande, que hũas vão para edificar o Templo da gloria, como Salamam mandou buscar madeiras cortadas pollos melhores officiaes Sidonios. Outras são para o fogo eterno, quaes são as infructuosas, & que não feruem mais que de pejar a terra, & fomentar o fogo. E entãõ se vai cortando a rama quando per diuersos infortunios, doenças, pobreza, & outros infinitos generos de trabalhos, que sobreuem; se vai desfazendo, & acabando

Ezech. 8. n. 8.

Isai. 5. n. 4.

Rom 11. n. 17.
24.
Deut. 32. n.
33.

Text.

Text. Grac.

Matth. 3. n.
20. 10.

Reg. 5. n. 6.

húas nas ~~no~~ temporal. Qual foi a ~~que~~ imperial aruore, de quem Daniel explicou ao barbaro Nabuchodonosor o sonho. Mas, segundo S. Ioaõ Chrysoftomo, este cortar he per morte eterna, em que nota hauer duas penas, húa de ser cortada da visãõ diuina, da companhia dos Santos, & da gloria do Paraíso: a outra ser lançado no fogo per tormêto eterno. Ao cortar chamam os Theologos, pena de damno; ao lançar no fogo, pena de sentido. E qual destas penas seja mais intolerauel decide o mesmo Chrysoftomo dizendo, que muitos tem só medo do tormento; mas elle o tem maior de ser apartada de Deos para sempre a alma, só para elle creada, & como filha conseruada, & trattada.

25 Não he logo neste sentido a aruore, que se ha de cortar, & lançar no fogo, só aquella que dà mau fructo, bichofo, & nociuo, qual he o dos hypocritas, & Hereges; mas tambem aquella que não dà fructo bom, posto que seja assi que positiuamente não dé fructo mau. Porque nas derradeiras contas não se dà em cargo aos Christãos que não creram em Christo, como o disputa S. Agostinho; mas porque não fizeram fructos dignos de sua profissaõ Christãã. Porque tambem he genero de hypocrisia gozar o titulo da Religiãõ, sem exercicio das obras, & occupaçãõ della, por mais que pareça viuer sem offensa de Deos, nem escandalo dos proximos: como o mesmo Senhor o sentenciou em aquelle mau seruo, que não cutou de fazer em ausencia de seu Senhor, o que deuia a mynistro seu. Porque géralmente hypocrita he, & pena de hypocrita merece, o que mostra ser hum, & he outro; como ahi mesmo diz S. Ieronymo. Acerca do qual nota o Santo Beda, que quatro generos de aruores se podem considerar; húas secas, quæs diz que são os Pagãos, Gentios, & Mouros: outras que dão folha, mas não fructo; quæs diz que são os Iu-

deos: outras que dão folha, & fructo; mas nociuo, & pestilencial; quæs diz que são os Hereges: outras finalmete que dão fructo bom, quæs são os Christãos. A primeira casta representada em aquella aruore seca de S. Lucas: a segunda em a figueira que o Senhor amaldiçoou, porque lhe não achou mais que folhas. A terceira na aruore vedada do Paraíso, que chamãram da sciencia do bem, & do mal; que estando dentro do Paraíso causou morte seu fructo; & taes são os Hereges, & Scismaticos.

26 A quarta finalmente na aruore da vida a qual o Apostolo Propheeta diz, que em todo o tempo do anno (quer dizer todos os mezes, & em cada hum delles) daua seu fructo. Desta diz tambem o Propheeta Rey, que o que tratta da guarda, & meditaçãõ da ley, he como aruore plantada junto da corrente das aguas (que são as aguas viuas do mysterioso rio do Apocalypse) a qual dà seu fructo a seu tempo: & por tal lhe não cahirà já-mais a folha, & florecerà perpetuamente. E bem diz que a aruore, que desta qualidade dà fructo, he não só o que tem vontade de guardar a ley, mas o que nella medita de dia, & de noite; & em como ha de fazer obras dignas de sua profissaõ. Porque muitas pláras ha destas postas no paraíso da Igreja, & ainda da Religiãõ, que polla frieza da meditaçãõ, se lhes mal logram os cõtoes, que hiam brotando; porque esfriada a charidade, & apagado o feruor, ficam os fructos, como com os Nortes, frios; & com geadas, atalhados. Causa porque de seu jardim que-ria a Espõsa o Norte desterrado, que esfria a charidade, & faz peccar os fructos da vida, que se vão produzindo a seu tempo: isto he quando he tempo de fazer, & exercitar as obras de charidade, & das mais virtudes, conforme ao estado, & profissaõ de cada hum, & com as moraes circunstancias que façam os actos meritorios, & religiosos.

Chrysoft. in
Cat. hom.
24.

Aug. lib de
fide, & oper.
cap. 15.

Matth. 24.
n. 51.

Hier. in Cat.
Bed. in Cat.
Matth. 3. n.
10.

Luc. 13. n. 6.

Marc. 11. n.

12.

Gen. 2. & 3.

Apor. 22. n.

2.

Pf. 1. n. 2.

Matth. 23. n.

12.

Matth. 23. n.

12.

Cant. 4. n.

16.

Ephes. 3. 17.

giosos. Para o qual (como diz S. Paulo) he necessario estar fundados, & arraigados em charidade.

ps 94. 2. 2.

27 Fruto dà a seu tempo, o que toma tempo determinado para fazer contas de sua consciencia, & ajustar com Deos a tempo suas contas; lembrandose que tambem pollo Psalmita auisa elle, que ha de tomar tempo, para as fazer mui miudas das justicas; quer dizer ainda daquellas cousas, que pareciam justas. Fruto dà a seu tempo, o que toma tempo, para tratar com Deos suas cousas na oraçao; & procurar nella o pão do espirito para sustentação quotidiana. Fruto dà a seu tempo, o que posto na occasião, sabe resistir à tentação, confessar a Fé, prégar a palaura diuina, & edificar com seu exemplo aos proximos. Fruto dà a seu tempo, o que acode a seu tempo às obrigações de seu estado, já comprindo com os temporaes bês, & partes, as obras de misericordias; já acodindo à obediencia, fogueição, humildade, & obseruancia pontual das ceremonias, & ritos sagrados, & costumes religiosos. Acerca do qual diz Landulpho: Os frutos podem ser do coração, da boca, & das mãos, ou obras. Os frutos do coração, são contricção dos peccados, meditação da ley, recordação dos beneficios, lembrança da morte, compaixão dos proximos. Os frutos da boca, são oraçao, prégação, acção de graças, conselho, correição fraterna, instrucção dos ignorantes. Os frutos da obra, são penitencia, esmola, obediencia, diligencia no seruiço, paciencia nos trabalhos. O ditto he do Carthusiano.

Land. sup.

Iud. 7. 12.

28 E a aruore que não der a seu tempo seu fruto será cortada, por desamparo justo de quem se não quer aproveitar da offerecida graça; & será lançada no fogo, por castigo da irreuoguel sentença. Taes são aquelles, a quem em sua Canônica chama S. Iudas, Aruores de Outono infructuosas, duas vezes mortas, tiradas da raiz.

Aruores (diz) de Outono, como sem esperança já de dar fruto, porq pollo Outono perdem as plantas com o verde de suas folhas, a esperança de rendimento: infructuosas, como sentenciadas ao fogo eterno, pois para outra cousa não querem seruir. Duas vezes mortas, ou na alma hũa, & no corpo outra; ou hũa na consciencia, outra na fama. Arrancadas de raiz, por extinguidas da memoria dos homens; porque assi como o justo fica em memoria eterna, em lououres; assi do que o não he diz o Espirito Santo, que seu nome apodrecerá, & se perderá. Conforme ao que o Baptista ameaçaua aos Iudeos: Já o machado está posto à raiz: não sómente à aruore dos bens da fortuna, & ao tronco dos bens da graça; mas à raiz dos bês do credito, & memoria boa. Porque indigno he de ter lugar na terra o que não quiz tratar de ter lugar no Ceo. Pollo qual o Senhor dá vinha mandou cortar, & arrancar della, a aruore infructuosa, que esperada tres annos não quiz nunca dar fruto. Cortaya (diz) para que está occupando a terra? Onde S. Ambrosio: Debalde (diz) occupa a terra, o que não exercita com boas obras o lugar que tem; & o que com exemplo de sua má vida, he impedimento aos outros. E segudo Landulpho, occupar a terra debalde, he viuer o Religioso dos bês temporaes, & gozar dos priuilegios, & dignidades da Ordem, sem ter mais de Religião, que as folhas vaãs das palauras, & o habito de fóra. Pois a estes taes, diz S. Bernardo, que não resta mais que o machado, & fogo Para ser totalmente arrancado da opiniaõ, & memoria dos homês; & ser eternamente condemnado com os hypocritas.

ps 111. 9. 6.

Matth. 3. 10.

Luc. 13. 7. 7.

Amb. ibid.

Land. i. p. 6. 79.

Bern. apud ipsum.

29 Outra vez como per conclusão, ou consequencia repete o Senhor. Portanto pollos frutos os conhecereis; isto he aos falsos Prophetas, que em falsas apparencias enganam aos que trattam. Moralmente falando, conforme

R forme

Land. sup. c.
40.

forme Landulpho, tres são os falsos Prophetas, que enganam com suas falsas apparencias. O mundo, o diabo, & a carne; que vem a nós em pelles mētidadas de preço, de cor, & de brandura. Estes tres enganam com suas apparencias, & promessas a muitos. Porque o mundo mostra riquezas, & bēs tem poraes, vellos de ouro em mentidos carneiros, que fazem atraueffar os mares a Argonautas, & arriscar cobiosos Theleos. Pomos de ouro dos heperios jardins, que esforçam cobiosos Hercules, contra sempre vigilantes dragões. Mas pollo fruto, que dahi tiram, se conhecerão quão falsos eram os bēs, q̄ prophetizauam. Acerca do qual diz S. Agostinho: Oh amadores do mundo, com que interesse militais? Que ha ahi, que não seja fragil? Tudo perigoso, & per quantos perigos se chega ao maior perigo? O diabo mostra dignidades, sobe a altos montes à consideração vaã, & mostra dalli todos os Reynos do mundo, & a gloria delles. Faz possueis, & deuidas todas as dignidades, presumindo ser-lhe estreito o Ceo, & baixas as Estrelas ao que merece. Mas pollo fruto, que das importunas pretensões se tira, conhecereis quão falso Propheta ha sido; porque sentença he de nosso Saluador Christo, que todo o que com presumpção se leuanta, será humilhado: & de S. Bernardo, que promete throno, & dā Cruz. Oh ambição (diz) Cruz de ambiciosos; como a todos a tormentas, & a todos contentas. A carne mostra deleites, brindando em taças de ouro, gostos, & delicias sem conto. Mas q̄ fruto tirastes (diz S. Paulo) de todas essas immundicias, em que andastes? Todos logo são falsos Prophetas, que em mentidas pelles de ouelhas, são lobos roazes, que despedaçam os bēs, abatem as honras, & desfazem os gostos. Oh quem pollos frutos os soubera bem conhecer, para fugillos.

August. in
Confessi.Matth. 4.
n. 8.

Luc. 18. n. 14.

Bern de Cō
sid. lib. 1.

Apoc. 17. n. 4.

Rom. 6. n. 21.

LIÇAM V.

Em que consiste a virtude.

30 **D**Enunciado o fim da mà aruote, torna o Senhor a de-enganar dos exteriores, dos que não tem mais que folha, & apparencias de virtude; declarando em quinto lugar, em que consiste a verdadeira virtude; pollò que se segue em o texto. *Naõ todo o que diz: Senhor, Senhor; Tex: entrará no reyno dos Ceos; mas o que faz a vontade de meu Pae, que nos Ceos está, eff: entrará no reyno dos Ceos.* Semelhante sentença he a que o mesmo Senhor diz por S. Lucas: Para que me chamais Senhor, & não fazeis o que vos digo? Folhas são essas sem fruto, que tanto vai do dizer ao fazer. A mais fina hypocrisia, he a q̄ por Isaias Deos sente dos seus: Este pouo (diz) com a boca me louua, & seu coração (que he sua consciencia) longe está de mim. A repetição da palaura, mostra que pouco val a continuação, & instancia de palauras, que sem obras são lizonjas, & não louuores, & cortezias vaãs, não seruiços verdadeiros. Que importou às Virgēs loucas estarem à meya noite, em concertadas vozes chamando ao Esposo, & repetir duas, & cem vezes: *Domine, Domine*; se as lampadas hiaõ desconcertadas, as luzes apagadas, & as obras desgovernadas? Que montou aos ministros da pregação, & outros obsequios da Igreja a dizer, & allegar ao Iuiz: Senhor, Senhor, não prophetizámos nós em vosso nome? Não lançámos demônios? Não obrámos muitas maravilhas? Nada por certo, porque tudo eram folhas de palauras, & folhas de tiuros, & ostentação de poder, & gloriação de virtude, & nada fruto de consciencia puia, obseruancia pontual, & humildade verdadeira.

31 E porque esta doutrina se seguiu immediatamente às vltimas palauras do Euangelho, se deixa entender que não falaua então só dos Phariseos, & de

Luc. 6. n. 46.

Isai. 29. n. 13.

Matth. 25.

n. 11.

Matth. 7.

n. 22.

de suas tantas vezes condemnadas hypocrisias; mas géralmente de todos aquelles, que estando postos em lugar de serviço de Deos, & de sua Igreja; não fazem fructos dignos delles; mas todos se derramam em folha, & rama de vaã gloria, & ostentaçãõ. Não se fundam para edificaçãõ dos outros, & saluaçãõ sua, em charidade, & obseruancia da ley, que tão magnificamente ostentam, & elegantemente prégam. Concertam as palauras, & desconcertamse a si: governam a muitos, & a si desgovernam: sabem muito, & acertam pouco. Desmentem com o procedimẽto a profissãõ, com a vida o lugar, com os actos os habitos, & com as obras as palauras. E (como diz S. Paulo) confessam com a boca a Deos, & com os feitos o negam. Se o reyno de Deos consistira em palauras, o mais orador, fora o mais entrado no reyno dos Ceos; & o de melhor tom de voz, o mais bem aquinhado: & os grandes, & fermosos sinos, & de estremado som, collocados estiueram nos Altares, & não pendurados nos campanarios. Sinos de bom tinir chamou aos vãos Christãos o mesmo Apostolo. Mas quantos puzeram sua felicidade em tinir de mui altas torres, chamar aos outros de mui altos lugares, atroando com sua voz os ouvidos, mouendo a alegria repicando, & a tristeza dobrando, & ficando sempre de fóra elles, que a tantos fizeram entrar.

32. Não serãõ pois os que entrarãõ no reyno dos Ceos, os palaurosos, mas os virtuosos; não os faladores, mas os obradores; não os que repetem, clamam, & cantam, Senhor, Senhor; mas os que o fazem à vontade do Padre celestial. Porque os Serafins entoauam, & clamauam repetida, & alternadamente, Santo, Santo, Santo; mas ao mesmo compasso das vozes, mouiam as azas, voauam no serviço, & seruiam voando. A vontade do Padre he a quem mostra o caminho do reyno;

& sem a execuçãõ della, se erra em claro; porque a vontade propria he cega, & como cega erra o caminho do Ceo, & dà côsigo na infernal coua: qual o que tem curta, & falta a vista, he necessario que nunca se descuide de trazer os oculos, ou postos nos olhos, ou em parte, onde prestamente possa applicallos. Assi aquelle que conhecendo a fraqueza do proprio juizo, tratta de acertar com o verdadeiro caminho, ha de trazer sempre diante dos olhos a vontade de Deos, na obseruancia de sua ley; sem se apartar hum ponto de conformarse com ella, & applicalla a todos seus passos, & acçoës, sobpena de logo errar, em se tirando hum ponto della. E como a porta do Ceo he tão encatecida de estreita, que muito que a erre por pequena, quem não leuar o supprimento da vista na vontade de Deos; a qual por isso a cada passo pede que seja feita?

33. Bem o entendeu o Santo Moyses, quando querendo instruir os seus para a entrada da terra de promissãõ, lhes encômendou a ley, que lhes hauia dado, dizendo: Estas palauras ficaraõ em teu coraçãõ, & andaraõ sempre ante teus olhos. Como se dixeram: Seruirte hãõ sempre de oculos, com que vejas, & acertes o caminho do Ceo. Moralmente falando, aquelle não entra no reyno dos Ceos, que com lizonjeiros obsequios, & cortezias affectadas, continua, & corteja ao Prelado, & lhe accumula titulos a titulos, chamando, & reconhecendo por Senhor muitas vezes: porque o lizonjeiro não duuida humilhar-se; & (como diz S. Ieronymo) o mayor mal da lizonja he que se estima por humildade, & beneuolencia; & que assi acontece, que o que não sabe a adular, he por enuejoso, & soberbo reputado. Mas aquelle entra no reyno dos Ceos, que faz a vontade do Padre Eterno, declarada polla obediencia do Padre espirital: porque por elle fala Deos à alma; & se quer acertar não ha de

Tit. 1. n. 16.

1. Cor. 13. n. 1.

Isai. 6. n. 3.

Dia 2 Conc.
1. Dom. 7.

Matth. 7.
n. 14.

Deut. 6. n. 8.

Hier. Epist.
ad Celan-
tiam.

S. Franc.
tom. 3. Opus-
cul. 6. 2.

vsar da propria vista; mas somente da obediencia & disposiçã do Prelado. Assi se escreue que em suas collaçes dizia N. Seraphico Padre S. Francisco: Para obedecer importa ser cego, fechar os olhos, para obedecer ao Prelado; & dos preceitos nem queira, nem possa discernir, mas cumprir humilde, & promptamente o que se manda; seguir para onde quer que o preceito, ou vontade do Prelado guia.

Peroração exhortatoria.

Iud. n. 12.

1. Ioan. 4. n. 1.

Iacob 1. 17

34 **C**onsidera pois tu, ò alma deuota, & fiel, quanto te importe discernir bem os espiritos, & não crer a todos, como nuem que com o vento vai para qualquer parte que assopre; mas ver o espirito de quem seja. Olha quanto Deos aborrece o fingimento, & dobradas açções, como luz pura, & simplicissima, que não admitte, nem sofre em os que a elle se chegam sombra de transformação alheya da verdade. Attenta a obrigação, que te fica de fazer taes fruitos, que digam com teu habito, &

profissão; fruitos de espirito de deuocão, de Religião, de piedade. Olha em que aruore tão perfeita, tão pura, tão santa, de Fé, & de Religião te enxertou o Senhor por sua bondade: não desacredites com algum mau fruto, que de ti proceda, a excellencia do tronco, de que procedes. Não produz as graço azedo, que bote a teu Senhor os dentes, quando espera de ti em sua mesa, docissima fruita, q̄ não podem dar os espinhos dos cuidados, & sollicitoens seculares. Considera que foste, não só plantado, & creado, para fabrica do Templo diuino; mas collocado já para isso no sitio da Religião; & que será a desgraça extrema hir dahi para o fogo eterno. Acompanha os lououres diuinos, em que de dia & de noite te occupas, com obras sempre de luz; para que o Esposo te conheça: por quem fez em sua obediencia, & procedimento a vontade de seu Padre celestial, & como tal te admitta das portas a dentro do Palacio da eterna gloria. Amen.

REFEICAM SPIRITVAL.

CAPITULO DECIMO.

Do Villico, ou Feitor mau, mas prudente.

Luc. 16.

Res parabolos hauia posto o Senhor, para confundir a soberba dos Phariseos, acerca do benigno recebimento dos peccadores. Conuema saber da Ouelha errada, da Drachma perdida, & do filho Prodigio. Acrescentou outra em ordem ao proueito da esmola, dirigida expressamente a seus discipulos; mas sem duuida para reprehensã da auareza dos mesmos Phariseos, como o mostra a materia doutra, em que logo pegou, do Rico auarento, & de Lazaro pobre. Do tempo, & lugar nada

mais consta, que das antecedentes tres parabolos, de que fica ditto no capitulo quinto.

LICAM I.

De como foi o Feitor apanhado.

E Posto que dizem que foi em hum Domingo, vinte & sette de Setembro: lómente he certo, que S. Lucas a continua com a do Prodigio no capitulo dezaseis, que he do Villico, ou Feitor mau, mas prudente. A qual a Igreja canta nesta Dominga, pondo em primeiro lugar, como foi o Feitor

*Guillel. Po-
fill.*

Tex.

o Feitor apanhado; pollo que se diz em o texto. *Havia hum homem rico, que tinha hum Villico, ou Feitor. E este foi diffamado para com elle, como que tivesse dissipado seus bês.* Villico se chama propriamente, o que tem cuidado de algũa quinta, ou fazenda, em que ha fruitos, & rendimento. E está posto alli pollo dono para feitorizar, fazer laurar, arrendar, recolher, & vender os fruitos; para responder com elles a seu amo. O qual se declara aqui pollo nome de homem rico, porque rico he o homem que tem fazenda, & quinta, onde lhe he necessario ter Feitor, que lha governe. E nisto differe, falando com propriedade, o Villico, & o Ecônomo; que o Ecônomo, he o que gouerna a casa do senhor, como parece da lingua Grega, de que se toma o nome. Recebe o dinheiro, & faz os gastos ordinarios da casa, & entre nós se chama Mordomo, & Vedor. O Villico não gouerna a casa, nem só recebe o dinheiro; mas gouerna a fazenda, & recebe em si os fruitos, & o dinheiro; assi das rendas do que arrenda, como dos foros que cobra, & dos fruitos que vende. Enas casas dos senhores he quasi subordinado ao Ecônomo, ou Vedor, a quem manda entregar o procedido das rendas. E chama-se Villico de villa que he quinta, & fazenda, que consta de casaria, fruitos, & rendas.

2 Em figura pois do homem rico, senhor da fazenda, & do Feitor que lha gouernava, pretende o diuino Mestre mostrar o proueito da esmola, nos casos mais apertados da alma.

Sobre o qual diz o Santo Beda: Depois que o Saluador redarguhio com as tres parabolos, aos que murmura-uam da recepção dos penitentes, juntou a quarta da esmola; porque esta he a mais accommodada ordem de prégar, que depois da penitencia, se siga a esmola. Donde diz S. Pedro Chrysologo, que a penitencia, & o jejum sem esmola he fome, & he sede;

he frio o jejum, senão se enroupa coma esmola. O que he para as terras o Verao, isto he para o jejum a esmola: que o faz vestir de flores, & encher de fruitos. Serue a esmola ao jejum, o de que o azeite à lampada: & se apagarà presto o jejum, & luzirà pouco, senão se ceuar com a esmola. O que he o Sol ao dia, & sobre tudo a alma ao corpo; isto he ao jejum a esmola. A penitencia he bem verdade que cura a infirmitade espirital, mas sem esmola não acaba jámais de conualecer: & he doença, com fezes, ou fezes da doença o jejum sem esmola. Abre, roça, & laura o campo da alma a penitencia: mas sem esmola he campo sem semente, que nunca fructificarà. Não he carregada de virtudes a penitencia; mas se lhe faltar o vento da esmola não poderà entrar no desejado porto. O jentar do que jejua, ha de ser cea do pobre; & regalo deste, a abstinencia daquelle. O jejum sem esmola he fome da auareza, pena da cobiça, vingança, não deuocão; não jejua para Deos, senão para a bolsa. He hum Palacio sem Rey, a penitencia sem esmola: & finalmente húa morta estatua da fome, & armação da penitencia sem alma. Todo o sobredito he de Chrysologo.

3 Com muita conueniencia pois apos a doutrina da penitencia se segue a da esmola. O homem rico he Deos, porque em sua casa riquezas ha, & gloria. Taõ rico, que sustenta ao vniuerso, & com só abrir sua mão, enche a todos de fartura. O Feitor deste Senhor, he todo o homem a quem elle tem entregue seus bês naturaes, & lobrenaturaes; da natureza, da fortuna, & da graça. E tantas fazendas tem, quantos destes bês, os quaes entrega ao homem, para lhe responder com os rendimentos a seu tempo. Donde parece, segundo S. Chrysostomo, quaõ erradamente cuidam algũs que são senhores, & direitos senhorios destas cousas, que na terra possuem, sendo

Idem ser. 41.

Idem ser. 42.

Ps 112. 3.

Ps 144. 7. 16.

Chrysost. Cat.

Bed. hic Cat.

Chrysol. ser. 8.

meros administradores dellas, feitores de seu dono, que pôde quando, & como quizer tirarnos dellas, & tirallas a ellas de nós, sem mais razão que serem suas ellas, & nós dispenseiros seus. E noutro lugar diz, que muitas vezes tem rido de ver fazer algus testamentos, em os quaes os testadores deixam o dominio de algũas fazendas a hũs & o uso fruto a outros. Estilo he de falar do mundo, & palauras tabelioas (como dizem) não realidades, pois pôde o Senhor pedirnos estreita conta até do ultimo ceutil, de quanto nos tem entregue. He verdade, que como he tão rico elle, & tão realengo seu animo, de tal modo nos dà a feitoria destes bẽs, que quer que nos aproueitemos delles, & façamos nosso negocio. Para o que for aproueitar-nos, leua elle muito gosto que usemos delles como proprios: mas para o que for dissipallos, acode elle a desuiar o dãno como de cousa sua. Verdade he esta que ainda à quem dos termos do Euangelho, ensina a razão, & prẽga a Philosophia. Seneca diz: Não são nossas todas estas cousas. Perguntas como as faremos nossas? Respondo, que sabendoas dar.

4 E Philo Hebreo: Temos sómente o uso fruto destas cousas; o qual se conhecessemos, as trattariamos como de Deos; trazendo sempre sabido que he costume do senhorio cobrar o seu quando lhe parecer. Deste modo sofreriamos mais leuemente, quando nollas tirasse. Na ley do Leuitico protestou Deos por este seu direito senhorio, contra a insolencia dos homens, mandando que trattassem a terra, que cultiuassem como caseiros, & feitores; não como senhorios della. Porque (diz) minhas são todas as cousas. Como se dixesse, segundo o mesmo Philo: Toda a creatura he minha, & como minha haueis de usar dellas vós outros como estranhos, & aduendicos a este mundo. Esta legitima consideração, de que he alh'yo, & não

proprio, o que dispensamos; pôde causar tres bẽs grandes. O primeiro, que nos custará pouco o perder os bẽs temporaes, pois eram de quem podiamos esperar, que a qualquer hora os tornaria a recolher. O segundo, que os não estimariamos em muito, antes os desprezariamos. O terceiro, que os trattariamos com fidelidade, como cousa de que haemos de dar conta a outrem. Se o Principe temporal, & o Prelado Ecclesiastico não tiuera como dispensador infiel, por seu o Reyno, a Prouincia, a Egreja, & a prebenda; nem duuidara largalla, se legitimamente se lhe pedisse, nem se casara com ella, de modo que a não desestimasse, nem procederia tão absoluto, como que senão houuesse della dar conta. Por sua, & muito sua tinha Nabuchodonosor a Cidade de Babilonia: & Daniel da parte de Deos, direito se-
 nhorio della, lhe notificou que se lhe
 hauia de tirar com o mais imperio,
 que gozaua; para que soubesse q̃ hauia
 senhor sobre os reynos dos homẽs, &
 que podia tirallos, & dallos a quem
 fosse sua vontade.

5 Por isso S. Ioaõ Chrysofomo
 chama palaura fria, a isso de meu, &
 teu; porque he palaura sem calor de
 justiça, palaura morta sem alma, nem
 fundamento de razão, palaura sem es-
 piritõ. Não he palaura esta do bom,
 & fiel dispenseiro, de que diz o Apo-
 stolo: Cuide-se de nós que somos mi-
 nistros de Christo, & dispenseiros dos
 mysterios de Deos. Ministros, não
 senhores; dispenseiros, não donos. Po-
 rém logo como duuidoso do acerto a-
 crecenta: Mas já se anda buscando
 entre esses dispenseiros, quem o seja
 achado fiel. Pouco fieis; muito si, por-
 que todos buscam, & procuram suas
 cousas, & não as de Iesus Christo. Qual
 este de quem se diz que foi diffamado
 para com seu amo. Diffamado se diz
 como apanhado, & alcançado pollas
 noticias, que delle se deram, pollas
 quaes veyo o amo a saber de certo, que
 el'e

Idem hom. 2.
ad Antioch.

Sen. lib. 6. de
Benefic. 3.

Phil. lib. de
Cherub.

Leuit. 25. n.
23.

Dan. 4. n.
22.

Chrysof.
Orat. de S.
Philogon.

1. Cor. 4. n. 11.

Phil. 2. n. 23.

2. Reg.
11.

3. Reg.

elle procedia mal em sua feitoria, & hauia dissipado seus bñs, & desperdiçado, & gastado mal sua fazenda, que per seu officio tinha obrigação de aproveitar. Esta publicação do ruim procedimento do Feitor, fizeram suas mesmas obras, que são as que diffamam para com Deos, que he o Senhor, & para com os homẽs, que são os conseruos. E diz só, que foi diffamado; isto he, accusado, & denunciado diante do amo; não porque todas as cousas, não sejaõ claras, & manifestas a Deos, mas por seruir ao estylo da parabolã. E tambem ao das escrituras, onde Deos muitas vezes se introduz ter as noticias dos peccados ao modo humano, & como as tiuera se não fora omnisciente. Porque são elles de qualidãde que per si mesmo falam hũs, clamam outros, & infamam todos. Os que falam sómente, murmuram, & meixericam domesticamente; são os peccados, que parecem em si occultos: mas elles mesmos per occultos juizos de Deos se vem a reuelar. E as mais vezes acontece, que o que per conseruar sua fama, & credito trabalha, & muito por encobrilho, & tanto, que até do mesmo Sacramento da confissão se resguarda, & com cautelosas subtilezas os confessa: per modos extraordinarios da diuina justiça, vem a padecer detrimento nessa mesma fama, & credito, que tanto estudou saluar, mais ainda que a propria consciencia.

6 Do secreto adulterio, & homicidio tão secreto como real, encomendado a seu Governador das armas Ioab, dixe Nathan da parte de Deos a Dauid: Tu o fizeste em occulto, & eu o farei patente à vista deste Sol. E assi foi, que veyo Dauid a ser infamado, por onde menos o podia imaginar. E dizem os Rabbinos que aquella graue culpa de Ioab, que Dauid à hora de sua morte deixara encomendada a seu filho, & successor Salamã, para castigalla, que elle sabia qual era; fora

que Ioab reuelara o segredo da carta de Vrias. Os peccados que clamam são os que a Glossa da entrelinha diz, que são tão manifestos, que a mesma evidencia delles està excusando accusador, nem denunciação. Estes diz o Mestre Nicolão que são de tres castas. O primeiro he a morte do innocente, do qual se diz: A voz do sangue de teu irmão Abel me clama da terra. O segundo he o peccado contra natureza, do qual se diz: O clamor dos Sodomitas me tem chegado. O terceiro he a injustiça da paga do suor dos que seruem, do qual se diz: O jornal dos trabalhadores que segaram vossas terras, & não pagastes, està clamando, & seu clamor tem entrado nas orelhas do Senhor de Sabbath. Todos estes maos procedimentos diffamam, & ainda que não fosse mais que por saluar o credito, & conseruar a fama, tem a pessoa obrigação de se guardar de tudo o que puder tarde, ou cedo fazerlha vir a perder. Porque he cousa mui preciosa a fama, da qual se escreue no Ecclesiastico: Tem cuidado do bom nome, porque isto te importará mais, que mil thesouros grandes, & preciosos. Grande cousa he o numero dos dias: mas o bom nome fica para sempre. E nos Prouerbios: Melhor he o bom nome que as muitas riquezas. Onde proua o Doutor Subtil, que cada hum procedendo segundo direito, & razão, deue tratar, & amar a sua boa fama.

7 Mal procede logo contra a propria razão natural o que não cura de sua boa fama, & se mette a fazer por onde possa perdella. Onde Cicero: Desprezar o que cada hum pòde sentir delle, não he ser de animo arrogante, mas em tudo dissoluto. E se em todos esta razão he tão conforme à natureza, muito mais em aquelles que tem obrigação, não só de ser bñs como todos, & mais que os outros; mas ainda de parecello, por estarem postos à vista de todos, ou pollo alto da dignidade,

2. Reg. 12. v. 11.

3. Reg. 2. n. 5.

Interlin.
Gen. 4.

Lyr Gen. 18.
n. 20.

Gen. 4. n. 10.

Gen. 18. n. 20

Iacob. 5. n. 4.

Ecclesi. 4. n.

Prouerb. 22.
n. 1.

Scot. in 4. d.
21. q. 1. §. 1. Te-
neo igitur.

Tull. 1. de of-
fic.

Bern. lib. 7.
de Consid.

dade, ou pollo claro da profissão. Donde S. Bernardo: Importa à tua perfeição desuiar assi as cousas mãs, como as mãs apparencias; que em hum se attenta polla consciencia, em outro polla fama. He o que S. Paulo escreue: Guardaiuos de toda a especie, ou apparencia de mal. Acerca do qual S. Gregorio Nazianzeno: Posto que a verdade da couza em si seja sabida de muitos, os mais estão polla opiniaõ dos homẽs. Porque (como a sima tinha ditto) trabalho he manquejar no credito. A sabia Marrona dos Proverbios não se cõtentava com laurar linho, mas trattava tambem em laã. Linho para o interior da consciencia, laã para o exterior do credito. Porque não basta andar bem accommodada a consciencia de dentro, mas ha-se de tratar de andar bem acreditado de fóra. Pollo que se acrescenta, que não temiam a suas criadas, & familiares os frios da neve; porque todos (a seu exemplo della) andauam com os vestidos duplicados. A saber do bom procedimento interior, & do bom credito exterior. Porque polla vestidura se entende o bom credito, & despido anda, o que anda infamado. Donde o Mestre Nicolao entende em Ioseph despido por seus irmãos da tunica cõprida, ou talar, a Christo que etido infamar dos Iudeos. Os quaes ainda que não pudessem romperlhe a santidade de dentro, significada polla tunica inconsutil, que ficou inteira; lhe rasgaram, & fizeram em quartos a fama, entendida polla de fóra, que andou jugada aos dados em poder de homens maluados. Assi anda jugada aos dados a roupa, isto he a fama de muitos bõs, aos quaes diz o Psalmista, que Deos cobre com a cortina de seu Tabernaculo, da contradicção das linguas. E duas castas de vestiduras poem no mesmo Deos, com as quaes veste aos seus innocentes: fortaleza, & resplendor. Fortaleza na obra, & resplendor no credito.

1. Thes. 5. n.
22.Naz. in
Carminib.
solut.Proverb. ult.
n. 11. c. 21.Diaz. Conc.
1. Dom. 1.
Epiph.Gen. 37. n.
13.

Lyr. ibid.

Ps. 30. n. 21.

Ps. 92. n. 1.

Ber. ub. sup.

LIÇAM II.

De como o Senhor se houue com o Feitor.

8 **E** Porque a verdadeira ordem da justiça pede a citação da parte, & ouuilla depois de denunciada; se refere em segundo lugar o como se houue o Senhor com o Feitor; pollo qual se diz em o texto. *E chamou o, & dixelhe: Que he isto que ouço de ti? Dã conta de tua feitoria, porque já não poderás mais feitorizar, ou gouernar.* Chamou o como per citação, fazendoo apparecer já delatado: dixelhe o que ouuia, como dando cargo ao já citado: pedelhe razaõ, como em descargo: & resolue-se em que já não terá mais a feitoria, como per sentença. Ordem foi tudo de justiça, nada foi excesso de furor. Não se agastou, não gritou, nem chamou de nomes, nem afrontou de palaura ao mau Feitor. Não lhe chamou de ladrão, dissipador de sua fazenda; mas com pacificas palauras, & com animo sossegado tanto como generoso lhe estranha, não tanto o mal que fizera, como o mal que delle diziam, & elle ouuia. Como doendo-se mais do que do Feitor diziam, que do que contra elle, & contra a justiça cometera. O qual he contra muitos Prelados, que nas culpas de seus subditos delinquentes, & officiaes pouco fieis, tudo mettem a vozes, & são mais os nomes afrontosos, com que os trattam nas reprehensões, que as letras com que se pudera escrever ao largo a culpa. Recitam Ledainhas, & compoem corollarios de culpas, accumulando sempre a presente a outras mais graues passadas. Em os taes anda a justiça por criada, & por algoz da ira: a ira he a que ordena, & a justiça executa. Vai a vingança arrimada à vara da justiça, & tomandoa por instrumento, obra furiosamente quanto a colera dicta, & inspira.

9 Nada disto fez o prudente Senhor da parabola, mas trattando sómente

mente da culpa presente, com breue
 razão dixe: Que he isto, que ouço de
 ti? Não dixe que cousas são estas, em
 plural, exaggerando as muitas culpas
 que em hum só crime se enferruam,
 da infedilidade, da dissipação, da arro-
 gancia, & sobre tudo da ingratião.
 Da qual dizia o Santo Ioseph: Se meu
 Senhor tem fiado de mim quanto ha
 em sua casa, como posso eu fazer cousa
 tão mal feita? Mas antes com hũa só
 palavra de singular, encobrio muitos
 crimes com hũa só culpa. Não sejas
 como leão em tua casa, diz o Sabio. E
 do mesmo Deos: Vós Senhor, julgais
 com tranquillidade. A ira, & pertur-
 bação no Prelado polla culpa do sub-
 dito, se diz na regra Seraphica, que em
 si, & nos outros impede a charidade.
 E S. Gregorio: Todas as vezes que a
 ira acomette o animo, amansai o ju-
 izo, vécei a vós mesmo, differi o tem-
 po do furor. E quando o juizo estiuer
 fosegado, vingai o que quizerdes; por-
 que a ira deue seguir à razão do ani-
 mo, não hir diante della; de modo
 que como criada da justiça vã attraz
 della, & não se desafóre a hir diante.
 E S. Pedro Chrysologo acrecêta, que
 darlhe em cargo o amo ao Feitor o
 que ouuia, & não o que sabia; foi excu-
 sar-se de accelerar a sentença, & dar
 tempo, & dilação à causa. Que he isto
 que ouço que dizem as culpas, & não
 ouço nada do que diz a penitencia?
 Clamam as culpas, & a penitencia cal-
 la? Ouço o que não quizera das cul-
 pas, & não ouço o que quizera, que he
 a voz da penitencia, que he sómente
 a suaue nas orelhas diuinas. Soe a tua
 voz em minhas orelhas, porque a tua
 voz de perdaõ he doce, & a face re-
 gada com as lagrimas da penitencia
 he a fermosa. Ouuese a cada passo a
 voz do leão sobre os montes de Is-
 rael, & de todas as feras que atroam a
 Egreja: & rara vez se ouue a voz da
 rolla gemebunda, symbolo da peni-
 tencia.

io Quanto offensiuo fora das ore-

lhas diuinas o confuso clamor das cul-
 pas de Sodoma, tão suaue foi a essas
 mesmas a voz do perdaõ que dellas
 Abraham pretendia. Consonancias
 chama Ruperto que estauam detendo
 a Deos, a aquellas diminuições que o
 bom seruo fazia de cincoenta, quaren-
 ta & cinco, quarenta, trinta, vinte, &
 dez. Musica para elle suauißima eram
 aquellas seis diminuições de justos:
 harmonia de seis, que altera (como os
 musicos chamam) que regalaua, & de-
 tinhã ao Senhor, Nem elle se fora
 dalli, conforme ao mesmo Ruperto,
 se Abraham não cessara. Porém se esta
 voz he do Iuiz tremendo, segundo S.
 Ioaõ Chrysostomo, terribel deue ser
 às orelhas de nossa alma. Dã conta
 Christão dos bês que te entregãram,
 para que por teu liure aluedrio os dis-
 puzesses. Dã conta porque não pode-
 rã já mais obrar. Dã conta, ò Prelado,
 dos bês da Egreja, & das almas dos
 Fieis, que te entregãram, porque já
 não has de governar. Isto diz cada ho-
 ra Deos ao homem a cada hum em
 seu estado, polla inspiração interior,
 polla prégação, polla lição das escrit-
 turas; pollos mesmos successos das
 cousas que cada dia acontecem. Todas
 ellas tem suas vozes que chamam a
 todo o homem, & da parte de Deos
 lhe intimam, que todas as creaturas, de
 que mal vsou nesta vida, o haõ de ac-
 cusar diante d'elle na morte. Todas
 Deos creou para seruiço do homem,
 desde o alto do Ceo, com seus nobres
 Planetas, & Estrellas, até o infimo da
 terra, com seus animaes, & plantas:
 tudo lhe poz debaixo dos pés, para que
 por cima dellas, como superior che-
 gasse a Deos, & o seruisse com ellas.
 E o homem ingrato, & disprimoroso
 dissipador de seus bês, vsou de todas,
 para offender a seu Creador, Amo, &
 Senhor. Dissipou o Ceo, Luz, Plane-
 tas, & Estrellas, usando de todo o ce-
 lestial influxo, para demasias da carne,
 dos secretos da Lua, & Estrellas para
 adulterios, da luz do dia para cobiças.

S Dissipou

Gen 39. n. 9

Eccli. 4. n.
35.

Reg. S. Frãc.
cap 10.

Greg. Epist.
si ad Leont

Chrysol. ser.
35.

Cant. 2. n.
14.

Gen. 18. n.
20. & 26

Rup. lib. 6. in
Gen. c. 5.

Chrysoft.
Car.

Ps. 8. n. 5.

Disipou os elementos, usando mal de seus talentos, & ministerios, para mil offensas diuinas. Disipou os bens da terra, usando mal, & gastandoos no que não deuiam. Disipou os bens do corpo, a saúde o bem parecer, a habilidade do entendimento, as letras, as forças, a vida, os sentidos, & do poder, & dignidade, usando de tudo mal, para com Deos, & para com os proximos. Para symbolo do castigo, que hauia de dar a feu pouo, mandou Deos a Ezechiel que tomasse seus cabellos, & em hũa balança fizesse delles tres partes. A hũa queimasse, a outra cortasse em miudas partes, & a terceira lançasse ao vento. Os cabellos são os bens superfluos desta vida; que crecem, & minguam, & quanto mais crecem, tanto mais cobrem os olhos, & cegam a razão. Estes bens consomem os mundanos de tres maneiras: hũs lançam no fogo, viuendo luxuriosamente, & gastando no fogo da sensualidade, quanto tem, abrafando tudo. Outros os consomem em demandas, reimas, & cobiças, & os fazem attenuados, & perdidos. Outros os lançam ao vento da ambição, & pretensões vaãs, em que gastam tudo, sem respeito aos pobres, de quem são legitimamente esses bens, que dissipam.

II Pois que he isto que ouço de ti, na querela, que de ti me dão todas as creaturas? Dã conta, que já não pôde mais merecer, nem desmerecer chegada a hora da morte. Tres palavras ha aqui, segundo Landulpho, terribilissimas por extremo, as quaes se sempre andaram em nossas orelhas, nunca peccamos. A primeira he de feuera reprehensão quando diz: Que he isto, que ouço de ti? De ti enriquecido com tantos dões da graça, prevenido com tantas benções, dissipador de minhas cousas. Que he isto, q' ouço, clamor da terra, que se atroa com tão horriueis culpas, & com tão antigos vicios, de ti que dissipaste tantos bens? A os temporaes gastaste mal, ao

corpo maculaste, a alma enuelheceste em peccados. A segunda palavra he de ansioso temor quando diz: Dã conta de tua feitoria. Oh palavra apertada, oh palavra ansiosa, oh palavra dura, de estreita conta, que se ha de fazer, quando se nos pedir razão dos occultos pensamentos do coração, das palavras ociosas, & das mais miudas obras. Então ferão abertos os liuros da consciencia, nos quaes lerã a memoria tudo o que a pessoa cuidou, dixeu, & fez. Então se examinarão todas as cousas, & se discutirá toda a nossa vida. A terceira palavra he de amargador, quando se acrescenta: Já não poderás mais gouernar, administrar, nem obrar. Porque na vida futura se tira toda a operação de maneira, que nem bem, nem mal se possa obrar. Ouçamos pois estas tres palavras de feuro Iuiz, & aplaquemo lo antes do juizo, para que nelle não pereçamos.

12 Porém S. Chrysologo, por parte da misericordia acode, dizendo: ^{Chrysol. sup.} Para que mistura a tantas piedades, tantas seueridades? Para que o tira da feitoria antes que de conta? Hora como homem pede conta, hora como Deos denuncia o futuro. Pede conta, não para obrar, senão para perdoar, pede para que lhe peçam; pede aqui, para não pedir lá. Pede no mundo, para não pedir no juizo: pede agora logo, para que o tempo das penas não exclua o tempo da satisfação. O sobredito he de S. Chrysologo. Bem diz logo: Não poderás mais, porque ainda lhe dá tempo para tratar de ajustar as contas, & salvar sua alma. A mayor misericordia do Senhor foi o que poderia cuidar se, mayor rigor do Iuiz, que era o tirallo da administração, & do officio: porque o desejo de ser, & a ambição de sempre ter officio, faz parecer nada menos que morte, não só a priuação, mas ainda o mais honroso aposentamêto. Tal parecia ao outro senhor, de quem refere Seneca,

Ezech. 5. n. 1.

Diaz Conc. hic.

Land. 2.º p.º cap. 15.

Chrysol. sup. 125. sup.

Senec. de bre-
uit. vita.

Seneca, que por mui velho mandaua apofentar o Emperador Cayo Cesar, para que descançasse dos governos. Elle mandando chamar a seus amigos, & parentes, se mandou pôr em hũa tumba, & mandou que o pranteassem por morto, pois lhe tiraua o Emperador o trabalho do governo. Mas está que parece pena, misericordia he do Senhor, como diz S. Gregorio. Muitas vezes he dom da graça, o que os homês tem por desgraça. Oh quantos se ouueram de perder de todo, se Deos os não amouera da feitoria, & do governo. Como quantos tambem se perdem, por lhes permittir Deos perseverar no que chamam prosperidade, & honra. Porque, conforme ao mesmo S. Gregorio, aos que o medico já deixa desconfiado à natureza, concede quanto se lhes antoja. As serpentes, diz S. Gregorio Nisseno, que pollo Inverno estão adormecidas dentro da terra, nem espertam, & saem, senão se faz algũa grande trouoada. Taes são os que neste mundo andam todos metidos, & empregados na terra em seus bês, & trattos, que se o Ceo desmancha com algũa trouoada de desgraças, então deixam esse emprego, dispertam, & saem fóra, & tornando sobre si, trattam de saluar-se.

Greg. Mor.

Idem Mor.
16 cap. 11.

Nissen. Or.
de Resurr.

Idem Or.
de Resurr.

LIGAM III.

Do remedio que o Feitor buscou.

Tex.

13 **P**Ois porque o mao Feitor se vio priuado do officio, se profegue em terceiro lugar como trattou de buscar remedio a sua vida; pollo qual se segue em o texto. *Que farei, que meu amo tira de mim a feitoria? Eu não sei cauar, tenho vergonha de mendigar. Já sei o que hei de fazer, para que quando for amouido da feitoria, me recebam em suas casas.* Isto cõferia cõfigo mesmo o Villico depois que se apartou da face de seu amo, para trattar de dar a conta que se lhe pedia. Nada respondeo em sua defeza, porque a resposta de semelhantes

causas, he a mesma conta, & só ella hade responder, pois não se pedem razões, senão razão do que passa. Nem se queixou de quem o diffamara com seu amo, nem veyo com sospeiçoens, & contradittas a seus testemunhos: porque confiado em sua innocencia, ou em sua industria, era força que respondesse com a conta, que se lhe pedia. Se ella fosse boa, desmintindo ficaria aos denunciadores; & se não podia ser menos que ser mã, ella mesma acreditaua a diffamação, que d'elle hauiam feito, posto que na realidade fosse feita com mao zelo. Não ha mais legitimo, nem mais honroso genero de rebater os testemunhos dos denunciadores, que mostrar por obra o contrario do que elles impoem; saluo quando se teme conjuraçõ, ou calumnia; que neste caso de dar contas não corre. Porém ha muitos que elles mesmos se condênã, & acreditam o que delles se diz, por não quererem chegar a juizo, & se occuparem todos em vir com sospeiçoens aos ministros da justiça. Quem recusa dar conta, & estar à vara, recusa a justiça; & o mesmo fugir della o faz sospeito de delinquente.

14 Samuel depois que teue eleyto Rey aos Israelitas, elle mesmo se sougeitou ao juizo de quantos contra elle quizesse arguillo dos procedimentos do tempo de seu governo. E não fez muito o Varão santissimo Propheta, & seruo do Altissimo Deos, quando o mesmo quasi se le que fez Lucio Sylla, o qual sendo Dictador (que era o supremo cargo da República Romana, mais ainda que Consul) conuocou hum dia de improviso o pouo, & Senado dos Padres. E quebrando diante delles as varas, & machadinhas, insignias de sua dignidade, & mandando hir dalli os archeiros que o acompanhauam; dixे que elle era alli vindo, para que deposta a authoridade, & dignidade, pudesse dar conta de tudo quanto na administração de seu officio

1. Reg. 12.
n. 3.
Appian in-
pud Sabel-
lic.

S ij hauia

havia feito. E com esta acção de tanta confiança se sahio taõ bem, q̃ ninguem de quantos tinham sofrido suas tyrantias, o ousou a arguir, por mais que o viram feito particular, deposta a dignidade, & sogeito ao juizo. Com ser taõ mau este Villico, toda via, porque como abaixo se diz, era prudente; não desmayou, nem estrabuxou; mas pozse a cuidar como daria as cõtas, ou como escaparia dellas. De Alcibiades se le, que indo para falar a Pericles, outro Cidadão Atheniente; lhe foi ditto que não podia ser entaõ, porque estava occupado para dar cõtas no dia seguinte. Ao que Alcibiades respondeo: Igual fora cuidar em como não as desse. Oh quem pudera ter traça para escapar de dar contas. Porém no Tribunal diuino não ha mais remedio, senaõ cuidar continuamente em como se ha de dar conta, & tratar sem excusa algũa de ajustalla diante daquelle Contador, que nem pôde enganar, nem ser enganado. E com profunda cõsideraçõ entrar no escrittorio de sua consciencia, renoluer os liuros della, per exame, & dar traça a que vida ha de ser a sua, depois de hũa vez acabar o tempo de negociar, & merecer.

15 Isto heo que dizia: Que farei, que meu amo me tira a feitoria? Que farei (diz) tratando de remedio; não, farei, & acontecerei, tratando da vingança dos seus diffamadores, ou denunciadores. Pozse a considerar, não a esbrauejar; porque ainda que muitas vezes acontece, que os que sabem da culpa a delatam com mã intençaõ & não bom zelo; toda via se ella he verdadeira (diz o Doutor Subtil) não foram os delatores os que infamaram, mas o mesmo ruim procedimento he o que diffama, & o mesmo que mal procede he o que a si se infama. E esta he a razão, segundo o mesmo, porque não deue restituicão da fama o que publicou a culpa, & a fez manifesta para com o Iuiz, & para com os outros,

que não sabiam della. Porque quando o Reo a cometteo diante de quem podia publicarlha, & prouarlha; já o offendendo, quanto em si foi, a sua propria fama. Por tanto este, de quem abaixo se diz, que era sagaz, & sabido; não se poz a queixar de quem o diffamara para com seu amo, porque sómente de si tinha de queixarse, que fizera o mal de dissipar os bês alheyos. Tratta do que importa ao remedio do caso, dizendo cõsigo: Eu não sei cauar, de mendigar tenho vergonha. Como se dixe: Eu posto fóra desta vida, em que me sustentaua honradamente; não posso por me a trabalhar com minhas mãos, porque o não aprendi, nem o custumei. Este he o mal de que não se sabe armar para toda a fortuna, & criarse de modo que cuide que pôde ter necessidade de trabalhar. O que se cria em vida regalada, & em torpe ociosidade, em mundo onde a fortuna he tão varia como os ventos; mui paruo se acha, se cae em algũa, em q̃ seja forçado o corporal trabalho. Exercitate nos trabalhos voluntarios, para que possas com os inuoluntarios, dizia Isocrates. E Tullio: Erram os que na prosperidade imaginam q̃ tem escapado dos impetos da fortuna; sabiamente cuidam, os que nos tempos prosperos, receam os casos aduersos.

16 Daqui vem que os Principes, & bem instruidos filhos dos senhores, são mandados ensinar a algum officio mecanico, porque não sabem que fortuna virá a ter sua nobreza. Fica depois mui atalhado hum homem, quando assenta cõsigo o que o Villico: Não posso cauar, nem trabalhar. Destes diz Jeremias: Moab foi sempre fertil de sua mocidade, & viueo descansado em suas abundancias, & não foi trafegado de vaso em vaso. Trafegar chama à variedade da fortuna. E o Rey Propheta: Não andam nos trabalhos dos homẽs, nem são açoutados com os homẽs, por isso os occupou a soberba.

Mas

Eccli. 11. n. 4. Mas quando a sorte os traz a estado de sofrer os açoutes, & golpes, não se sabem hauer nelles, & os estranham de maneira que estallam. O que não acontece aos que andam dos golpes da fortuna callejados. Por isso aconselha o Sabio: Não te glories, nem te ensoberbeças no dia de tua honra, porque são maravilhosas as obras do Altissimo; & gloriosas, escondidas, & não vistas são suas obras. *Ibid. n. 12.* E abaixo: Lembrete da pobreza no limpo da abundancia; & da necessidade dos pobres no dia das riquezas: E no dia dos bês, não te esqueças dos males. Quer dizer que o homem, se ha de andar toda a vida ensayando, para o papel, que pôde fazer de pobre, por mais rico que seja: de miseravel, & cahido, por mais ditoso, & levantado que se ache. *Ibid. n. 27.* Doutra maneira como sopporta: à a fome, & o jejum, o que nunca deixou de comer regaladamente? Como sofrerá a vileza, & a aspereza do vellido, & do cilicio, o que nunca deixou de vestir galante, & mimoso? *Thre. 4. n. 5.* Ficará quaes aquelles que Ieremias chora: Os que comiam regaladamente vieram a perecer de fome, & os que foram criados entre encarnadas sedas, vieram a viver entre immundicias.

17 Que fará logo aquelle Christão, que toda a vida passou entre os mimos, & regalos da gula, & da carne; & entre as vaidades da soberba da vida; quando se lhe denuncie a sentença da morte? Que farei (dirá) que não posso agora trabalhar, mortificarme, & fazer penitencia? Nocio he o Principe, que no tempo da paz não sabe fazer as preuencões da guerra; porque sobreuindo esta de improuito, ficará atalhado, & sobrearriscado, corrido. *3. Reg. 4. n. 26.* Salamam como prudente, sendo per excellencia o Rey pacifico, sustentava muitos mil cauallos, carros, & outros petrechos de guerra. Assim conuem fazer o Christão, para que sobreuindo a morte, queira, & não possa defenderse do infernal inimigo. Quã-

do a misericordia diuina seja tanta que dê tempo para o peccador fazer cõsigo esta conta, & entrar cõsigo nesta consideração do que pôde ser; ainda então as ancias da doença de hua parte, da outra a breuidade do tempo, da outra o embaraço da consciencia, da outra a desconfiança do merecido; apertam de maneira ao peccador, que não sabe para onde se vire. Tudo he dizer: Que farei que farei? Não posso já fazer penitencia, nem ha lugar de tratar da satisfação de tantas culpas. *Chrysof. Cat. & Gregor. hom. E. 7. ang. 23.* Donde S. Ioaõ Chrysofomo aponta a differença entre o fiel dispenseiro, & do mau Feitor: que aquelle confiado na boa conta que tem de dar, espera alegre ao Senhor, & deseja a hora de a justalla; & este entra em ancias de morte, em cuidar que chega a hora de ser remouido da administração, & dar conta de seu ministerio. O vir a ser impossibilitado, para então obrar, crime he da mã vida; porque não temera então, se trattara antes de andar costumado a trabalhar. Quando hua pessoa não tirara outro fruto das acções virtuosas, mais que o andar costumado a bem obrar, & poder no tempo mais estreito, tratar da penitencia; este só interesse bastará para não deixar jámais os bõs exercicios. Porque intoleravel cousa he, passar de repente do regalo ao jejum; do linho ao cilicio; do mimo à disciplina; & da liberdade à mortificação.

18 Meyo caminho tem andado para a outra vida, o que nesta andou costumado à Cruz de Christo. Mui atraz fica o que na occasião se resolve em que não pôde trabalhar. Pois que vida ha de ser agora a minha, que não posso trabalhar, & corrome de mendigar? Esta he outra grande ancia, em que entra aquelle que se ve privado do officio, & abundancia, que possuia: vergonha, & confusão de lhe hauer de ser necessario pedir, & mendigar; o qual de seu natural traz cõsigo vergonha ao pedir, & cõfusão ao negarse.

Donde de Diogenes se lê, que como ouvesse de viver de esmolas, se hia a pedir às estatuas de Athenas, para se ensayar a sofrer, quando lhe negassem os homês. Quanto mais quando peça, quem costumava a dar, & a mandar. Donde dixe Boecio, que entre todos os infortunios, era o mayor o hauer sido ditoso. Esta desgraça choraua o barbaro Rey dos Cananeos Adonibezec, que se via cattivo, & estropeado, quando era o que à sua mefa tiuera settenta Reys cattivos, & estropeados, que estauam esperando as migalhas que dellã cahiam. Natural he a vergonha do mendigar em quem naceo, & viueo tendo que dar, & não necessitando pedir. Do Prodigio se diz, que quando sua miseria o chegou a fazer porqueiro, desejava com fome, fattarse da lande, que seus porcos comiam, & ninguem lha daua. O ninguem he o demonio, & o peccado, a quem seruia, o qual, segundo S. Ambrosio, nunca deixa satisfazer aos seus da luxuria, polla qual se lhe entregam, & sogeitam. Este era aquelle mal acondicionado Cidadão cõ quem se a soldadaua, o qual lhe não dera licença para lhe gastar a lande dos porcos. E como o Prodigio fosse bẽ criado, não ousaua a pedir lha; porque ainda que o estado o tinha chegado a pobreza, não lhe tinha tirado o natural, nem faltado com a vergonha do mendigar.

19 Tambem tinha vergonha de mendigar este mau Feitor, porq̃ ainda que era mau não era paruo. & bem entendia que quem tinha taõ mal gastado a fazenda alheya, sem fazer bem a pobres, nem se empregar em obras de charidade, não podia ter cõfiança para esperar que com elle vsassem de charidade. As cinco Virgens, diz S. Chrysostomo, que foram necias por que imprudentemente se metteram a pedir às prudentes o oleo da charidade que lhes faltava, & por isso tornaram vazias, & sem despacho do que

pediam. Ninguem espere misericordia, que não tiuer vsado misericordia. Bemaventurados os misericordiosos, *Matth. 5.* porque com elles farã Deos misericordia. Logo moynos os descharidosos, porque não acharão charidade quando a houuerem mister. Taes são os que ignorantemente confiam nos suffragios, & orações dos Fieis depois de sua morte, quando postos no Purgatorio não podem já merecer, nem satisfazer, que he o não poder cauar, nem trabalhar. E então tem vergonha de pedir, porque quando nesta vida andauam liures, & ricos de potencia de merecer, & ajudar; não curauam de fazer bem pollas almas, que no Purgatorio padeciam. Por isso muitas vezes per justos juizos de Deos, se nem lã desamparadas suas almas, descuidados os testamenteiros, & diminuidos os suffragios. E ainda aquellas orações, que em cõmun se fazem, aproueitam mais aos que mais amigos, & deuotos foram nesta vida das almas do Purgatorio. Mas o que nesta vida gastou o seu com os viuos, viuido superflua, & luxuriosamente, como quer esperar que os viuos gastem com elle morto, o que elle não soube grangear viuo?

20 Por isso este tomando melhor conselho diz: Já sei o que hei de fazer, para que quando ficar sem a feitoria, me recebam em suas casas. Não diz: Já sei o que hei de dizer; senão, o que hei de fazer. Porque para com Deos não valem palauras estudadas, & razões compostas; senão obras ordenadas. Não o que diz Senhor, Senhor, *Matth. 7.* entrará em o reyno dos Ceos: mas o *n. 21.* que fizer a vontade do celestial Padre. Para com os homês, que não vem o que passa no interior da alma, examina-se essa alma polla lingua, que declara seus affectos; mas para cõ Deos examina-se a alma pollas mãos, que testemunham seus effectos. Assim allegaua aquelle, que dizia: A minha alma anda sempre em minhas mãos, & *Ps. 118. 21.* eu não

*Boet. lib. 2.
de Consolat.*

Iudic. 1. n. 7.

Luc. 15. n. 11.

Amb. ibid.

*Matth. 25.
n. 8.
Chrysost. in
Cat. hic.*

eu não me tenho descuidado de vossa ley. Como se quizesse dizer, que per suas mãos, & per suas obras prouaua elle, que sua alma se não descuidava, de guardar a ley diuina. Pouco importa logo saber hum bem o que ha de dizer, porq̃ muitos sabendo muito bem dizer, ficam de fóra, o que importa he saber bem o q̃ se ha de fazer; para que quando te tire o officio desta presente vida, tenha a alma onde se recolha na outra. Para que me recebam (diz) em suas casas: não húa só he, mas muitas casas, tantas quantas são as diuersidades das boas obras. Sobre o qual diz Landulpho: Já sei o que hei de fazer. Farei obras de misericordia, para que quando for apartado na morte, me recebam em suas casas. A saber, que por seus merecimentos, & suffragios, seja recebido na vida bem auenturada, onde me não seja forçado cauar, ou mendigar de balde. Nas casas em plural, por amor da diuersidade dos premios; porém nestas casas não se pôde entrar senão pollas portas da misericordia, corporal, ou espiritual. Em final do qual Salamam na entrada do Sancta Sanctorum fez duas portas de madeira de oliueira, polla qual se entende a misericordia. E estas casas deues notar, que são dos pobres. Por onde quem as quizer haue, importa que aos pobres as compre. Os ricos tem as suas casas na terra, os pobres no Ceo: agazalhem pois os ricos neste mudo de boa vontade aos pobres, para que elles os recebam no outro. Donde Agostinho: Dã a terra, & recebe o Ceo. Atéqui he do Carthusiano.

LICAM IV.

Da execução do remedio proposto.

21 **E** Porque pouco aproueita o discorrer, & propor bem, se não se executa o proposto; dando o Feitor no que lhe conuinta fazer, se ve em quarto lugar a execução de seu proposito; pollo qual se segue em o

texto. Chamando pois a cada hum dos devedores de seu amo, dizia ao primeiro: Quanto deues tu a meu amo? E elle dixee: Cem cados de azeite. E dixe-lhe: Toma ahi o teu conhecimento; afsentia presto; & escreue, cincoenta. Depois dixee a outro: E tu quanto deues? O qual dixee: Cem côros de trigo. Diz-lhe: Toma ahi o teu assinado; & escreue, oitenta. Perdoando por esta traça a hús ametade da diuida, a outros a quinta parte, ficou obrigando aos devedores, para que quando o vissem fóra da feitoria, o recolhessem, & fauorecessem. E elle que lho saberia depois bem vender, que por fazer bem a amigos lhe tiraram o officio, & que esses mesmos amigos por quem padecia, estauam obrigados a emparallo. E o caso he que todos furrauam ao dono da fazenda. Cado era húa medida de coufas liquidas, como de azeite, qual he agora o cantarô de barro. Algũs dizem que não significa aqui algum certo genero de medida, mas vaso em commum, como se diz que Rebeca chegarã à fonte com hum cado, ou cantarô; & que Gedeon mandara em seu estratagemã leuar cados, ou cantaros com fachas acesas. Toda via húa vez que fala em coufa de cõtas, se deue entender por certa medida, conuem a saber, cantarô que leua tres alqueires, ou cantarô & meyo dos nossos, que são dezoito canadas. De modo que os cem cados, que o primeiro deuia, vinham a ser trezentos alqueires de azeite, ou cento & cincoenta cantaros. Cõro era outra medida que leuaua trinta alqueires de paõ; de modo que dous côros faziam hum moyo: & deuia o segundo deuedor por seu assinado cincoenta moyos de trigo.

22 Reuoluendo pois o Feitor seus liuros, achou que hum deuia trezentos alqueires de azeite, & dandolhe o assinado que o continha, lhe dixee que puzesse cento & cincoenta, que elle lhe quitaua a ametade. O outro achou que

21. 21.

Land. ubi sup.

Reg. 6. 21.

Aug. apud eundem lib. 30. hom. 14.

Montan de mens. hebr.

Gen. 24. 7. 15. Judic. 7. m. 16.

Georg. Agric. lib. 2. de mens.

que devia cincoenta moyos, fez-lhe por quarenta, & quitoulhe dez. E isto podia ser feito, ou riscando o numero antigo, & pondo o diminuto, como parece que quer significar o texto. Ou (o que mais conforme he com a consequencia litteral da parabola) que se rasgassem os primeiros afinados, & se fizessem outros novos com a data antiga do arrendamento, ou diuida. E no que diz, que assentate, & escreue depressa; dá a entender a industria daquelle Villico, porque na deligencia, & pressa consiste toda a boa andança de qualquer negocio. Porque a qualquer hora que cahisse sobre elle a execução de o priuarem, o achassem com o seu negocio feito. E tambem pudesse ter em prompto os papeis, para ligeiramente dar logo a conta, que se lhe pedia. Em esta resolução o fez vir o aperto em que se vio, porque a vexação dá entendimento, & como diz Terencio, o mesmo successo acompaña a deligencia. Duas cousas fez este Feitor mau, de grande industria para si, & de grande documento para os peccadores, que na figura delle são instruidos. A primeira, que soube dos bês alheyos grangear remedio para o tempo da necessidade: a segunda, que soube obrar com deligencia, o q̄ com engenho inuentara. Alheyos são todos os bês, com que podemos fazer bem, & aproueitar a nós, & aos outros nesta vida. Porém temos ao Pae de familias tão liberal, & grandioso, que nos dá procuração geral para despende com os proximos seus bês todos. Como os não dissipemos com os estranhos, & alheyos, quaes são os inimigos da alma mundo, diabo, & carne: ha por bem, & lhe praz que com os domesticos os dispensemos, q̄ são os pobres, necessitados, Religiosos, & Sacerdotes, & casas santas.

23 E poeme a figura em as duas especies, de azeite, & trigo. Porque, segundo Landulpho, pollo azeite se significa a charidade, & compaixão

interior; & pollo trigo o socorro exterior da esmola, & sustentação. Porque (como diz S. Ambrosio) que a-
A mb, in pf, 118.
 proueita compadecer do necessitado, se lhe não acode podendo? Muitos ha que de boamente dispensam o azeite da compaixão, & quasi per hũa natural brandura, se magoam da necessidade, & aperto dos proximos; porém não dispensam trigo, nem acodem com o remedio exterior, a que os não deixa chegar a auareza, & a natural escasseza. A estes facilmente os apañhará nas contas o Senhor, porque lha pedirá dos bês temporaes, q̄ lhes deu para gastar com os pobres. Nem lhes valerá dizer no juizo, que as não gastara mal, como o Prodigio viuendo deshonestamente: mas que ahi as deixaram a seus herdeiros. Porque tambem o Senhor castigou ao seruo,
Luc. 19. 20.
 que atou no lenço, & guardou o dinheiro, que para negoçar lhe dera. Nem no juizo derradeiro se dá cargo aos condemnados, de que gastassem mal sua fazenda; senão de não darem de comer, & de beber aos necessitados, & de não fazerem as outras obras de misericordia. Tamanho mal vem a ser o não gastar bem, como o gastar mal. As riquezas, & bens temporaes, que não aproueitam aos proximos, são as de que diz o Espirito Santo, que são
Ecc. 5. n. 11.
 guardadas para mal de seu dono. Em outro lugar: Considerando achei ou-
Ibidem 4. n. 8.
 tra vaidade debaixo do Sol: Homem que he só, & não tem herdeiro, nem filho, nem irmão; com tudo não deixa de trabalhar, nem se fartam seus olhos das riquezas. Nem diz cuidando consigo: Para quem trabalho, & priuo a minha alma dos bês? Em isto consiste a vaidade, & afflicção de espirito. Cõuem a saber, segundo o Paraphraste
Paraph. Calda
 Caldaico, que priua o tal a sua alma dos bês da esmola, com que tanto pudera aproueitar-se. Aquelle pois que guarda o seu, & não o despende com os necessitados, não tem filho, nem irmão, conforme a Catena Grega;
Cat. Greg. nem ibid.

Terent.

Land. ubi sup.

nem tratta de charidade com aquelles, que como a filhos espirituales deuia amar, & como a irmãos deuia de socorrer.

24 Aquelle logo he, que toma bom conselho, o que trattando aos bens temporaes, como a dom de Deos. Segundo aquillo do mesmo Salamam: Dom he de Deos, que tem todo o homem, a quem elle deu riquezas, & fazenda, & lhe deu lugar de comer dellas, & de lograr-se da sua parte, & de se alegrar de seu trabalho; conuem a saber, segundo o mesmo Paraphraste, a quem Deos concedeo saber fazer esmola de sua fazenda, & receber por isso eterno galardão. Donde S. Gregorio Thaumaturgo: Não negaria eu, que tambem as riquezas são boas; porque dom são de Deos a todo o homem, que sabe gozar alegremente de seus trabalhos: com tanto que sejam bês que Deos concedesse; porque o que assi os logra, sempre tem animo de fazer bem a todos, & se alegra na diuina diuina, & a orna toda a sua vida com boas obras, & esmolas. Conforme ao qual ditto se segue, que o não empregar em boas obras os bês temporaes, procede de os não estimar por bês diuinos: que se por esses são estimados, logo são empregados conforme à vontade do dono, & dador dellas. Consiste pois a habilidade Christãã, em fazer dos bês de Deos, proueitos proprios, & fazendo (como diz S. Chrysologo) occasião de salvação, do que foi instrumento da perdição. Dando azeite de charitatiua compaixão, & trigo de misericordiosa sustentação, aos deuedores de seu Senhor. E chama deuedores, aos necessitados, & que padecem espirital, ou temporalmente; porque todos deue-mos a Deos essas penas, & trabalhos, que padecem, nem podem nunca padecer tanto, que mais não deuem; porque todos peccaram, & tem necessidade da gloria de Deos, & do alliuio, & remedio de sua mão diuina; por

meyo de seus feitores, & dispenseiros. Todos com fome decem a Egypto, & *Gen. 42. m.* a todos per seu Mordomo, manda o bom Senhor Ioseph, encher os sacos de pão. E conforme a Landulpho, deu este mais de azeite, que de trigo; porque sempre se dà ao proximo necessitado mais de compaixão interior, que custa pouco, que de remedio, & socorro exterior em que se dispende fazenda.

25 A segunda parte da industria deste mau Feitor consistio em fazer com presteza seu negocio, dizendo: Escreue depressa. Porque não acertasse de o tomar o juizo do Senhor de repente, falta em que tantos caem, que sabendo muito bem quanto importa a diligencia, se descuidam. Os mais que nas contas se perdem, são; porque se descuidam de negociar seus papeis, & ajustallas. Não ignoram os meynos por onde podem ter remedio, que assaz andam já sabidos polla lição, & prégação, & criação Christãã; mas dilatam a execução, & a guardam para quando já não ha lugar de ordenallos. Donde Eusebio Emisseno: Perigosissima he a segurança promettida para o vltimo dia, depois disso he muinecia cousa cometer a causa, em que se trata das necessidades eternas, aos extremos mudaveis da vida, que sempre vai faltando. Aborreciuel he para com Deos, que o homem debaixo da confiança da penitencia guardada para a velhice, se dá a peccar mais liuremente. Se este Villico fora a casa de hum deuedor, & se puzera a comer, & a beber, & a conuersar muito deuegar com elle, & deixara polla detença, de negociar seus papeis; viera a hora, & ficara de todo perdido; & com se deter neciamente com hum, deixara de fazer diligência com todos. Taes são estes como os que tendo viagem de fazer, deixam passar a monção della, por se porem a folgar, & a tanger, & cantar; & depois quando se querem embarcar, não acham mais que tempo

T contrario.

Ecel. 5. n. 18.

Thaumat. in Matth. 25.

Chrysol. ser. 126.

Rom. 3. 23.

Land. ubi

sup. dicitur

Emis. hom. de Latrone

contrario. Depressa os manda escrever, porque a pressa, & a diligencia foi a melhor tinta, com que se escreueo; & na ligeiteza da pena, fez voar a si a ventura. Porque se em todo o negocio, diz Marco Tullio, que a diligencia val tudo, & nenhũa cousa ha que não alcance, antes enferra em si ella só a todas as venturas: que será em o negocio da alma? Onde a incerteza he mayor, ahi importa mais a diligencia.

26 Bem pode acontecer q̃ a obra em si não seja louuavel, nem acertada a empresa; porém a diligencia nella, dizia Sophocles, que ninguém com razão podia reprehendella. Santo colluyo, & pio engano chama S. Pedro Chrysologo a este, que o mystico feitor fez a seu Senhor com os deuedores. Com tudo em o texto se segue q̃ Louuou o Amo ao Villico da maldade, porque andara prudente; porque os filhos deste mundo são mais prudentes, que os filhos da luz em sua geração, ou em seu tanto. Donde se vé que não approuou o engano, nem louuou o colluyo, com que defraudara da fazêda alheya.

Porque segundo S. Agostinho, nunca pode ser justo, nem louuavel o fazer qualquer bem da fazenda alheya, nem quitar contra vontade de seu dono, a seus deuedores: antes foi hũa cousa em si mui manifesta, & mera ladroice daquelle mao criado, & infiel dispenfeito. Monipodio foi atroz o que obrou, & não foi muito segundo o mesmo Chrysologo, que desse em ladrão, o que começara a ser pouco fiel, & acrescentasse roubo á dissipação dos bês; que tudo vinha a ser furtar. A Adam lançou Deos do paraíso, porque não lançasse a mão á arvore da vida; justissima foi a presunção diuina segundo Moises Barcephas, por quanto já tinha lançado a mão à arvore vedada: & que tão mã conta tinha dado do que se lhe entregou, facil era de presumir que depois seria o mesmo: & tão ladrão do pomo da vida, como do da scien-

cia. Não louuou, nem approuou logo o Senhor a facilidade, & engano do feitor, senão a prudencia com que se houuera em a codir por seu remedio, & a diligencia que puzera para não ficar destruido. Ensinandonos o diuino Mestre nesta figura, quanto importaua a prudencia, & a prouidencia para o futuro nas cousas espirituas. Sobre o qual S. Chrysologo, Prouera a Deos que quando a doença nos auisa do chammamento, quando a febre nos exclue da feitoria, quando a força da dor nos obriga a chegar a dar conta; seguirmos o feito, & o juizo deste Villico; que nos conuerteramos ao conselho da alma, á compunção do coração, á penitencia do espirito, ao suffragio da misericordia, ao patrocínio da piedade, á auogação da confissão. Para que os que somos como este, chamados Villicos de maldade, polla dissipação dos bens; venhamos por fim com hũa pia fraude, a alcançar o louuor do Iuz.

27 Em o que diz que os filhos deste mundo são mais prudentes, que os filhos da luz; quer significar o Senhor, que elle se contentara com que os que trattam de sua saluação, foram tão astutos, sagazes, & prouidentes para os bês do Ceo, como o são os que trattam dos bens da terra. A estes chama filhos deste mundo, que sollicitamente trattam do que importa ao corpo, á fazenda, aos interesses, ás honras, & dignidades, com que neste mundo se viue. E he o mesmo que filhos das treuas per contraposição aos filhos da luz: filhos adulterinos, a quem o Pae celestial, ainda que faz nacer o seu Sol sobre bês, & maos; não ouza a nomear por filhos, como acontece ao que o stem bastardos, que por mais que lhe administre o necessario, não lhes chama claramente filhos: Aos legitimos si chama claramente filhos, & ás claras como taes os cria em sua casa. E posto que neste mundo andam todos de mistura, nem se possam differenciar hús dos outros ao certo; com tudo pollas obras

Tull. lib. 2.
de Oratoric.

Sophoc. apud
Stobaeum.

Chrysol. sup.
serm. 115.

Tex.

Aug. de q̃q̃.
Euang. lib. 2.
cap. 34.

Gen. 3. n. 21.
M. Barceph.
lib. 1. de Para
disoc. ult.

Chrysol. sup.
115. supra.

Ephes. 5. 28.

óbras se podem distinguir per conjecturas. Destas aponta tres o Apostolo, dizendo: Andai como filhos da luz, porque o fruto da luz he em toda a bondade, & justiça, & verdade; pro-uando o que seja agradauel a Deos: & não que irais comunicar obras infructuosas das treuas, antes as estranhai. Donde se pode tirar a primeira conjectura, que he polla inclinação, porque os filhos ordinariamente seguem a inclinação dos paes. Se a pessoa tem a inclinação para os negocios do mundo, & he sollicita nos interesses, es-perta na ambição, & viua nas affeições carnaes: esta tal he dos filhos das treuas deste mundo. Se pollo contrario he inclinada ás cousas de Deos deuota na oração, paciente no trabalho, hu-milde na charidade; esta tal pessoa he do numero dos filhos da luz. A esta chama o Apostolo Bondade, que he hũa pia affeição ás cousas diuinas.

28 A segunda conjectura he pollas armas que vza, porque os filhos de ordinario tomam as armas dos paes. Se a pessoa vza de inuencões, de trat-tos illicitos, de cobiça, de gula, & ira: pode se julgar por filho das treuas de-este mundo, o que destas armas vza. Se pollo contrario vza da charidade, da temperança, & da mansidão: po-de se julgar por filho da luz. A isto chama o Apostolo, justiça, que he hũ exercicio de fazer o que he bem, & dar a cada hũ o seu, a Deos, a si, ao pro-ximo. A terceira conjectura he polla gosto, & humor, que os filhos costumam herdar dos paes. Por onde se a pessoa gosta de vaidades, de fingimẽtos, & de conuersações deshonestas: pode se contar entre os filhos das treuas deste mundo. Se pello contrario a pessoa gosta da modestia, singelleza, & boas conuersações, & praticas de pessoas religiosas, & da palavra de Deos, que he manjar da alma: bem se pode contar entre os filhos da luz. A isto chama o Apostolo, verdade, q̃ he hũ sabor da simplicidade celestial,

& aborrecimento das dobrezes do a-nimo, & razoões de estado deste mudo, onde sempre se caminha per estradas ecubertas, & se foge da luz, & clareza patente do animo. E neste particular diz que saõ os filhos deste mundo mais prudentes, & sagazes, que os filhos da luz, porque se sabem melhor enco-brir, & tratar de sua conueniencia, que os filhos da luz, que sò trattam do que importa ao espirito, deuocão, li-ção, & outros exercicios espirituaes; & para os dos negocios do mundo saõ as mais vezes inuteis, & inhabeis. E he tão natural esta propriedade, que até nos limites das inclinações, & exer-cicios naturaes, & aquellas, que mais tem do espirito, como saõ as letras, & sciencias naturaes; parece que emba-raçam as materiaes, & não sabem tanto de negocio deste mundo, como os que não tem inclinação. Mas esta sa-bedoria da carne he inimiga de Deos, como diz S. Paulo: & saber deste mo-
do de morte. Assim se diz que os leões, gatos, & ratos, & outros animaes vé melhor que o homem; mas he para e-xercicios brutos, não para os raciona-es do ler, escreuer, & outros semelhãtes. Quer pois o Senhor que ponha-mos nõs tanto estudo, sentido, & pro-uidencia, para as obras de espirito, co-mo os filhos deste mundo o poem pa-ra as conueniencias de suas cousas te-poraes.

Rom. 8. 5.

L I F A M P.

Da conclusão da parábola.

29 **E** Porque toda esta figura se encaminha a instruir no proueito da esmola, & beneficencia, se fecha em quinto lugar com a con-clusão da parábola; Pollõ que se se-
gue em o texto. *E eu digo vos, gran-geai para vos do mamona da maldade, amigos; para que quando descairdes, vos recebam em os eternos tabernaculos.* Como se dixerá arguindo de menor a mayor: se he digno de algũ louuor aquelle que fraudulentamente soube
fazer

Tex.

fazer seu negocio, prouendo para o futuro, com fazer bem do alheyo: quanto mais serà louuauel, & proueitoso, fazer bem do próprio, & dos bens temporaes que Deos vos dà? Mãmõna he vocabulo Syriaco, segundo S. Ieronimo, & significa em singular as riquezas. Tornado Latino, he da primeira declinação, & do genero masculino: & tambem se diz Mãmõnas na mesma declinação, & genero. Em lingua Africana, que em seu tempo corria, diz S. Agostinho, que Mãmõna significa o interesse, & lucro. Porém Mãmõn em Latim da terceira conjugação, significa o dũmonio, que tem a seu cargo as riquezas, & o tratar de grangeallas illicitamente; & vem a ser o mesmo que Plutão, que entre os Gregos era venerado por Deos das riquezas. De modo que vè a querer dizer o Senhor: grangeai amigos com os bens temporaes, & com as riquezas da maldade, que he o mesmo que riquezas mãs. Assi como se chama moço da maldade o feitor maõ, & filho de fortaleza o valente, & filho de morte o mercedor de morte. Nem quer ensinar o Senhor, fonte de toda a justiça (como diz S. Agostinho) que he licito ajuntar mal os bẽs temporaes, per rapinas, simonias, vuzuras, onzenas, ou outros modos illicitos, & contra justiça, & charidade, para com elles esmolar, & fazer obras pias. Mas quer dizer que de qualquer modo que elles bens fossem ajuntados, justa, ou injusta, licita, ou illicitamente; se tome melhor conselho com elles, & se faça bem aos pobres necessitados, & outras obras de misericordia.

30 Porém em aquelles bens que foram mal acqueridos sempre està primeiro a restitução a seus donos (quando se podem saber) do que nenhũa outra obra, por mais pia que seja. Donde Zacheo principe, & cabeça de Publicanos examinando diante do Sol de justiça Christo Deos nos-

fo, este ponto de empregar bem sua fazenda; he verdade que deu ametade aos pobres; porém aos que tinha mal leuado algũa cousa, não só restituhio inteiramente, mas ainda quadruplando. Feita pois a restitução deuida, então fica lugar de fazer esmolas, & obras pias. Porque se o fazer bem he comprar galardão, iniquissimo modo de comprar he com o alheyo, & injustissimo titulo de possuir o que injustamente se comprou. E o que se deue restituir, alheyo he, nem com elle se pode comprar cousa algũa a tão justo vendedor qual he Deos. Mas geralmente fallando, todas as riquezas, & abundancia do mundo se chamam mãs, ou de maldade, & de todas se pode comprar o Ceo. Porque se esses bens são acqueridos, & grangeados com maõ titulo, & com maõ uso; elles mesmos per si se estão chamando de maos. Taes são em primeiro lugar os acqueridos per onzenas, vsuras, rapinas, sobornos, & simonias; dos quaes se pode comprar o Ceo, depois de satisfeitas as partes, como ditto fica. Secundariamente são conhecidos por bens de maldade os grangeados com maos usos, como os das mãs molheres, & das que interuem, & terçam para o peccado da carne; os que se ganham trabalhando no dia santo, & por semelhantes acçoens peccaminosas, & outros semelhantes. Depois disso ha outros bens justamente acqueridos per herança, per letras, armas, ou qualquer outra industria; & estes tambem chamam maos, ou de maldade por muitas razoës.

31 A primeira porque são verdadeiras, mas falsas, & enganosas como o Senhor Iesus Christo noutro lugar lhes chamou. A segunda porque preside, na cobiça, & grangeo dellas, o maõ espirito, de quem se diz: Não podeis seruir a Deos, & ao Mãmõna. A terceira porque polla mayor parte são acqueridas com algũas injustiças, ou em quem as possue, ou em quem

Ieron epist.
151. ad Alg.
9.6.

Aug. lib. 2.
de ser. Dom.
in monte c.
22.

Aug. in Cat.

Math. 13.
22.

Math. 6.
24.

Luc. 19. n. 8.

quem as deixou; donde naceo o dizerse vulgarmente, que todo o rico, ou he mao, ou herdeiro de algũ mao. Pollo que os antigos ao mesmo Plutaõ, que tinham por Deos das riquezas, confessauam por Deos do inferno: como que ja tiuesse direito ao inferno o que gozaua riquezas. A quarta pollo descuido que fazem da consciencia, com sua prosperidade; pollo qual o Senhor lhes chamou espinhas que afogam, & embarçam ao espirito. A quinta pollos efeitos maos que causam no cobiçar, no acquerir, no reter, no conseruar, & no largar. Destes diz S. Pedro Chryfologo: O dinheiro, o interesse tiraniza ao mundo, manda as gentes, gouerna os Reinos, ordena as guerras, ajunta os soldados, vende o sangue, traça as mortes, entrega as patrias, destrue as cidades, sogeita os pouos. Aperta as fortalezas, vexa aos cidadãos, preside ao juizo, destrue o direito, confunde o licito, & o illicito. Não parando, nem reparando na morte, tenta a Fé, quebranta a verdade, roea fama, dissipa a honra, defata os affectos, tira a innocencia, sepulta a piedade, corta os parentescos, acaba as amizades; para que he mais? Domina os corpos juntamente, & as almas. O sobre ditto he de S. Chryfologo. Mais facilmente somou S. Paulo estas partidas todas em hũa addição, dizendo que a cobiça he raiz de todos os males. Pois a esmola he o sal viuo, que per arte da charidade tira deste falso alquime este finissimo ouro do merecimento, de que se fabrica a coroa da gloria. Se hũa vez essas riquezas se fundirem na forja da charidade, sahirã, não o bezerro de Aron per obra do demonio, mas o Cordeiro de Deos, que tira os peccados do mundo.

32 Para isso manda Christo fundir os bens temporaes, para que sayadelles a misericordia, & se grangee com elles os amigos, que em suas eternas moradas nos recebam. Amigo em primeiro lugar he este Cordeiro que tira

os peccados do mundo: & tão amigo que pollos tirar quiz padecer cordeiro. Donde procede o primeiro effeito da esmola, que he tirar os peccados; segundo aquillo de Tobias. A esmola liura de todo o peccado, & da morte, que não consente hira alma às treuas. E o Sabio: A agua apaga o fogo ardente, & a esmola resiste ao peccado. Ao que S. Chryfostomo acreceta, que não ha peccado tão grande, cõ que não possa a esmola, & mais valente he que toda a culpa. A esmola diz S. Gregorio, que he a agua forte, que tira todas as nodoas, manchas, & sinas do peccado. Estas grandes obras cõtra o peccado faz a esmola de muitas maneiras. Primeiramente apagando a pena que pollo peccado mortal se deue, se for feita com as devidas circunstancias da charidade, & penitencia, como diz S. Agostinho. Desta se entende o que Daniel aconselhaua ao Rei barbaro, que resgatasse com esmolas, & obras pias seu peccado: Isto he a pena por elle ameaçada. Em segundo lugar apaga de todo os peccados venias, & faz perdoar as penas por elles devidas, como diz o mesmo S. Agostinho. O terceiro grangea auxilios, que guardam dos futuros peccados, segundo o mesmo. O quarto tira o medo do inimigo infernal, & faz sacudir seu tyrannico jugo. Desta diz o S. Isaias, que apodrecerã o jugo à vista do azeite. Não porque o azeite tenha algũa virtude de corromper, & fazer apodrecer a madeira, de que se fabrica o jugo; mas porque he esmola, & misericordia o oleo, que faz destruir o jugo tyrannico do demonio. O quinto attributo da esmola he grangear boa morte. Donde S. Ieronimo: Não me lembra hauer lido que morresse mal o que de boa vontade se exercitou em obras de piedade. Porque tem muitos intercessores, & impossivel he não serem ouvidos os rogos de muitos.

33 O sexto attributo de esmola he ser poderosa contra o peccado, que

Math. 13 n. 7.

Chrysol. ser. 126. sup.

1. Tim 6 n. 10.

id. u. u. u. u.

Tob. 4 n. 11.

Eccli. 3. n. 33.

Chrysof. hom. 25. sc. Act.

Greg. hom. 36. Euang.

Aug. serm. 30. de verb. Dom.

Dan. 4 n. 24

Aug. 80. hom. 29. idem ibid. hom. 47.

Isai. 10. n. 17

Ieron. apud Land. ad N. potianum

até feita em peccado, & antes da verdadeira penitencia, dispoem para o perdaõ d'elle, como diz o Doutor Seraphico. E he tão agradável nos olhos de Deos, que não o deixa apatrar nem desamparar de todo, ao que em esmolas se ocupa. Della se pode entender o que está escripto: Escondei a esmola no seyo do pobre, & ella rogará por vos. Escondida está, & sem fructo a esmola, em quanto quem a faz está em peccado. Conforme a aquillo do Apostolo: Se repartir toda a minha fazenda em mantimentos dos pobres, & não tiver charidade (quer dizer, não estiuer em graça de Deos) nada me a proueito. Alli está como fogo debaixo da cinza, sem a virtude de allumiar, que he propria da esmola, como tocha, & como candeya, que pollo duuido do deste mundo vai allumiando, & mostrando o caminho para o outro. Porém alli está conservando hũa certa falsa, que está inculcando, ou rogando pollo misericordioso, onde a misericordia divina vai acender o fogo da penitencia no coração do q̄ usa misericordia. Escondida está como semente no seyo do pobre, como semente da graça. Semente lhe chama S. Chrysofomo; & S. Agostinho campo ao pobre: campo fértil, que de pressa produz, & funde muito o q̄ nelle se lança. E posto que com a seca do peccado esteja como morta, dahi está rogando ao Ceo que a regue o sangue de Christo, & o orvalho da misericordia q̄ se nega aos montes de Gelboe, que são os que aos pobres negam a esmola. Dos quaes diz o Espírito santo: O fortissimo não terá com estes paciencia, que carregue sobre as costas dos impios (ou dos que não fazem misericordia) como tem outra letra. Por onde assi como semente se ha de espalhar a esmola por toda a parte, para que em toda a parte tenha a pessoa muitos, que por elle roge. Espalhou, & deu aos pobres; sentença he do Psalmista. Onde a Glossa: O

mesmo espalhar pollos pobres, faz justar depois a felicidade eterna.

34 Esta pois he a traça que o Redemptor ensina de grangear com os terrenos bens amigos celestes. Usura he grande, & demais da sorte conforme a S. Agostinho, emprester terra, & reben Ceo, espalhar bens que assi como assi, qua haõ de ficar, & grangear com elles amigos celestiaes, & moradas perpetuas. O primeiro, & mayor amigo, que se grangea he Deos, como está visto: & quem não dá a quanto re por ter de sua manga o juiz, para as occasioens de sua honra, & importancias. A esmola he hũ soborno, q̄ cega ao juiz divino, do qual se diz nos Proverbios: A peita escondida (conuem a saber na mão do pobre) apaga a ira; & a dadiua no seyo a mayor indignação. E Santiago diz, que iusticia sem misericordia se fará, como os que não fizeram misericordia. Por quanto não souberam fazer com ella do juiz amigo, porque a esmola (diz S. Ioaõ Chrysofomo) não são o apadrinha, mas também faz com o juiz que dá a sentença como ella quizer. Porque para a esmola affirma o mesmo S. Chrysofomo, que não ha no Ceo porta fechada. Antes he tão conhecida dos porteiros, & ministros, que ella dá entrada ás mais virtudes, como S. Ioaõ a deu a S. Pedro em casa do Pontifice. Grangea também por amigos aos Anjos, que em nenhũ ministerio se occupam com mais gosto, que em presentar no divino acatamento as esmolas, que na terra se fazem, como no Archanjo Raphael parece com as de Tobias. E quem com tanta alegria leua diante de Deos as esmolas, melhor leuará a seus eternos tabernaculos aos obradores della. Faz também amigos aos santos, que ja estão de posse destes eternos tabernaculos, o que com obras pias os ferue, & honra nesta vida. Porque a a festa a elles mais aceita, he a que se faz conforme a sentença do Senhor commum: Misericordia quero, &

naõ

Bona hic.

Eccli. 29. 11

Eccli. 29. 11

1. Cor. 13. n. 3

Eccli. 35. 7. 22

Chrysofom. hom 35. in Genesim. Aug. de verbis Domini ubi sup.

Eccli. 35. 7. 22

Pf. 112. n. 8. Glossa ibid.

Aug. in Psal 102.

Prov. 11. 14

Iac. 2. 13.

Chrysofom. hom 31. ad Antioch. Idem hom. 7 de penit. & hom. 15. ad pop. Antioch.

Ioan. 18. n. 16

Tob. 11. n. 12.

Math. 9. n. 13. & 12. n. 7.

Scot. 4. d. 45.
q. 4. n. 4.

Cyrrill. in Io.
Au. 6. 31.

naõ sacrificio. E neste particular diz o Doutor Subtil, que saõ os santos Coadjutores de Deos, & como taes folgã de ter por quem intercedam. Donde diz S. Cyrillo, que faz injuria à festa aquelle que nella naõ trata dos necessitados, & das obras de piedade. Finalmente faz amigos seus as almas do Purgatorio, que ja estaõ seguras dos eternos tabernaculos, para os quaes estaõ per breue tempo depositadas. E tanto nestas grangeya mais amigos, quanto a esmola nellas he mais bem empregada, polla impossibilidade que ellas tem de grangealla. Pollaqual chamam sempre com as palauras de Iob por seus amigos, q̄ lhes acudam com obras de misericordia, porque estaõ tocadas da mão justa de Deos em as penas q̄ padecem.

35 Todos estes amigos pois acodem, quando faltam ja noſſas forças, Deos aceitando, os Anjos ajudãdo, os Santos intercedendo, & as almas gratificando. De Deos saõ as moradas da gloria, & os eternos tabernaculos, em quem se recebem os misericordiosos; porẽm nestes tabernaculos, & moradas de Deos recebem os pobres aos q̄ com elles vsaram de misericordia. Dõde aduertio S. Ioaõ Chrysoſtomo, q̄ naõ dixera Christo: Para que vos recebã em suas casas, senã nos eternos tabernaculos, patrocinando, rogando, & intercedendo por seus bemfeitores, para que sejam recebidos nos tabernaculos de Deos. Arte das artes diz o mesmo, que he a esmola, por ella fabrica as casas, naõ de barro, como as desta vida; mas eternas, ornadas de toda a variedade de pedras preciosas, tantas quantas foram as obras de misericordia que se obraram corporaes, & espirituas. Alli estã depositadas todas essas obras leuadas, & trespassadas pollas mãs dos pobres. Arte, & traça de ganhar muito em demasia, segundo o mesmo Chrysoſtomo. Porque nas outras fazendas, para se trespassarem, & leuarem de hũa parte pa-

ra outra, & de hũ para outro reino; custã dinheiro; & sempre chegam menos do que partiram. Porẽm esta bemaumenturada mercadoria da esmola, sempre vai ganhando, & adquirindo, & por pouca que se de na terra, se vem achar muito no reino dos Ceos. Manda Christo vender o que na terra se possue para dar esmolas, & he às vezes bem fraca a fazenda que se pode vender; porẽm logo diz, que se façã tesouros della nos Ceos. Em a terra podera ser, & de feito he pouco, mas no Ceo sempre vem a ser tesouros. Tanto ganhou ao trespassar: tanto rendem as mãs dos pobres, que vem a hauer mister sacos, para recolher, & guardar os tesouros (como diz S Chryſologo) aquelles que mal enchiam hũa sò mão do que tinham; de que sem reparar no que do seu se gasta, sò quer que nos aproueitemos a nòs, fazendonos encontrar com os pés a cada passo com hũ tesouro. Com os pés encontra o rico ao pobre para o sustentar, o sabio ao ignorante, para o aconselhar, o aggrauado ao aduersario, para lhe perdoar. Donde S. Agostinho: Varios saõ os generos de esmolas, as quaes quando fazemos somos ajudados para sermos tambem perdoados; porẽm nenhũa he mayor que quando de coraçã perdoamos os peccados.

Lnc. 12. n. 33

Chrysol. ser.
2 5

Aug. ad Nic.
cher.

Peroraçã exhortatoria.

36 **C**onsidera pois tu, ô Christaõ a qual senhor serues, quaes bens te entregou, & quãta confiança fez de tua fidelidade. Olha bẽ, como saõ alheyos, & naõ teus esses bẽs, q̄ se por teus naõ deuiã ser mal dispẽdidos, quãto mais por alheyos, quanto mais por de tal senhor, q̄ tudo quer para si, & sò quer de ti q̄ os dispẽdas justa, racionauel, & fielmente. Trata dessa tua alma, dessa tua vida, dessa tua sabedoria, & habilidade qualquer q̄ elle te concedeo, como de cousas de Deos; para que nem te custe largallas, nem te

Chrysoſt.
Gat.

Idem hom.
33. ad Antio.

Idem hom. 5.

te vejas alcançado na conta dellas. Olha bem quantos, & quão espertos são teus accusadores, & que quando de todos escapares, bastará tua propria conciencia para testemunho de teus procedimentos, & para te infamarem com Deos, & com os homens. Aduerte a obrigação tão precisa, que tens de attentar por tua fama, & conservalla, como seruo daquelle Senhor, que não quera seus seruos se não mui honrados. Procura de proceder de maneira em seu seruiço, que não sejas para com elle diffamado por ingrato, & desleal dissipador de tantos bens seus. Ande sempre teu coração esperto, para o chamamento do Senhor, & em tuas orelhas sempre viua aquella terrível voz de hir a dar conta diante d'elle. Trabalha cõ sua graça de fazeres tu soar nas orelhas suas as vozes de tua penitencia, & os gemidos de tua dor, com que lhe encubras os clamores, que contra ti lhe dão tuas culpas. Não só te alegra cõ muitas acçoens de graças, mas ainda roga muito à sua diuina prouidencia, que te ponha em estado antes da mor-

te, em que possas desembaraçado de mais occasioens de offendello, ajustar com elle tuas contas. Entra contigo em continua consideração, & conselho do que importa a tua alma, para o tempo que ta apartarão do corpo; & que fique sem casa onde se recolha, sem forças com que trabalhe, & sem tempo de pedir, nem grangear misericordia. Aproveitate da compaixão, & da brandura com os necessitados, quando teu estado te não permittir socorrellos corporalmente: consolaos com palauras brandas, que tambem a palaura sustêta ao afflicto. Lança mão de todas as obras de misericordia, fazendo com ellas amigos, que te recolham nos eternos tabernaculos, & que por ti intercedam quando te faltar o tempo de merecer quando has mister. Não duuides entregar quanto temporalmente possuires no corpo, & no espirito, aos proximos necessitados de remedio, do conselho, de consolação, & de perdão; para que esta misericordia te ajunte o tesouro que achas nos eternos tabernaculos da gloria. Amen.

REFEIÇÃO SPIRITUAL

CAPITULO VNDECIMO.

Do Pranto, que o Senhor fez sobre Ierusalem: & como lançou do Templo aos trattantes.

Luc. 19.
Matth. 21.
Marc. 11.

DE todos quantos Euangelistas trattaram da solemniſſima entrada de Iesu Christo em Ierusalem no dia, que por ella se chamou Domingo de Ramos: só S. Lucas particularizou entre todos as lagrimas q̃ o Senhor em aquella mesma occasião chorara sobre a Cidade de Ierusalem. Nem he nouo nelle particularizar grãdes mysterios, que os outros callaram; & neste parece que se não atreueram a aguar o

triunfo, com as lagrimas do triunfante. Nem a Igreja quiz fazer menção dellas então, porque lhe sobejauam as magoas da Paixão de seu Esposo. E agora tratta deste caso, mais por ensino, & doutrina do fatal castigo da ingrata Cidade, que por celebração do mysterio. E cantase ordinriamente no mez de Agosto, porque neste mez foi Ierusalem a primeira vez destruida por Nabuchodonosor; & no mesmo depois pollos Ro-

Romanos, como abaixo se dirá.

L I Ç A M I.

Da occasião em que o Senhor chorou.

2. **C**Ontao pois S. Lucas em o capitulo dezanoue, pôndo em primeiro lugar a occasião, em que o Senhor chorou, dizendo em o Texto. *Como fosse chegando Jesus a Ierusalem, vendo a Cidade, chorou sobre ella.* Isto foi quando entre o solene acompanhamento, vinha o Senhor decendo pollo monte do olival abaixo, ja para atrauestrar o valle de Iosaphat, q̄ fica entre aquelle monte, & o da Cidade. Na decida do qual se chegaram ao Senhor alguns dos Phariseos, que então o hiam tambem entre os mais acompanhando per curiosidade vaã, ou per malicia peruerfa; & lhe dixeram, que mandasse callar seus Discipulos (ou seus deuotos) que o hiam acclamando por Rey de Israel, & Filho de Deos. Aos quaes elle respondeo, que se aquelles callassem, fallariam as pedras. Vindo já pois pello monte abaixo, donde melhor a Cidade se descobria, pôdo os olhos nella, chorou o Senhor. Dignas são de admiração as lagrimas em hum homem, que nas mulheres por faceis não se estranham, & nos mininos por naturaes não se estimão. E tanto mais dignas de admiração, quanto mais homem he o homem, que as chora. Sinaes são de tristeza as lagrimas, diz Origenes. E não tanto a causam, quãto a significão, diz Seneca. Poucas vezes se lê, que o Senhor chorasse quando homem; que quando minino muitas choraria; por authorizar a verdade da natureza. E assi quando quer que chorasse, se hade respeitar grandissimo mysterio. Chorou resucitando a Lazaro, & chorou pregado na Cruz; & aqui chora entrando triunfante em Ierusalem. Todas tres vezes foram dentro de poucos dias, & nos vltimos de sua vida, quando os mysterios andauam mais esper-

tos, & viuos. Por nòs chorou, & em ordem a nòs chorou. Resucitando a Lazaro, porque vio que aquella vida que daua, lhe hauia de grangear sua morte. Entrando em Ierusalem, porque via que sua morte hauia de causar a destruição daquella perfida Cidade. Pregado na Cruz, porque via que sua Paixão não hauia de aproveitar com effeito a todos os homẽs. E chorou tres vezes, em figura de q̄ só tres generos de lagrimas são licitas, & frutuofas. A saber de penitencia, representadas em as da resurreição de Lazaro: de compaixão do proximo, significadas em estas da destruição de Ierusalem: & de amor de Deos, figuradas em as da Cruz. Ou são tambem todas tres de compaixão, em tres diferentes graos da charidade. O primeiro he compaixão dos amigos, qual era Lazaro: dos inimigos, quaes erão os de Ierusalem: & dos perseguidores, quaes os do Caluario; o qual he o perfeito grau da cõpaixão.

3. Chorou pois o Mestre diuino de compaixão daquella inimiga Cidade, que dahi a cinco dias hauia de vsar cõ elle as mais injustas crueldades; para nos ensinar per exemplo a perfeição da charidade Christã; & como com a morte, perdas, & calamidades de seus inimigos, se não ha de folgar; antes chorar de compaixão. Não só cõ aquellas mesmas que lhes são dadas pollo mesmo que contra ti injustamente fizeram, qual era o castigo de Ierusalem, polla iniquissima morte do mesmo Senhor, que chorou seu castigo. Hũa das bẽauenturanças Christãs he: Bemaumenturados os q̄ choram, porque elles serão consolados. E o mesmo que as ensinou per palavra, quiz segundo Origenes ensinallas per exemplo, chorando sobre a Cidade inimiga. Onde parece, que a mais bemaumenturada virtude das lagrimas, he a que as derrama per compaixão dos inimigos. Porque polla mesma excellencia das taes, ficam

V estas

Tex.

Orig. in Cat.
Senec. Epist
63.

Math. 5. n. 4
Orig. in Cat.

estas as mais confiadas com o Ceo: por quanto não entram pedindo para si, mas para os que menos o merecem. Com esperta voz, & alto grito, diz S. Paulo que chorava Christo na Cruz; porque não eram lagrimas de propria dôr do que padecia, senão da alheya compaixão dos que perderem-se via. Tirou o Senhor por timbre do trofeo na Cruz, a façanha mayor que ostentara no triunfo: Leuem os outros triunfadores escritas, & pintadas em seus escudos, & tarjas, as façanhas mais honrosas: que nosso Iesus leua lagrimas de compaixão de inimigos, polla mais gloriosa façanha. Com estas borrija os ramos de seu triunfo, para agradarem mais ao Ceo, & os aceitar como a suaue obsequio. Faz com que sejam os ramos molhados; para serem os annos melhorados (como dizem) que são annos em fim da sua benignidade, cuja coroa abençoar o Senhor.

4 Então pois chorou sobre a Cidade, quando chegou perto della, & lhe poz os olhos; porque muitas vezes se não vem os males, & trabalhos alheios, porque se não chega por charidade fraternal, & não se olha per benignidade. Quaes são muitos q̄ fogem de ver, & de se lhe representar a necessidade do proximo por não se obrigarem a compadecella. Porque como S. Bernardo refere do vulgar proverbio, O que o olho não vê, não de o coração. Chora porque como leal irmão vai mandado por seu pae, como Ioseph a buscar seus inuejosos irmãos, que vão desencaminhados na charidade, & lei do amor natural. Chora porque como piedoso pae vai buscar os filhos que andam perdidos, & mais tarde que o prodigo haõ de tornar á casa. Chora porque como bom pastor vai buscar as ovelhas perdidas, que até dos hombros lhe fogem, deixãdo lhe em seu lugar o madeiro da Cruz. Por isso pois muitos irmãos não choraram os trabalhos de seus irmãos, por-

que se não querem achar presentes á vista delles. E muitos paes, & pastores não choram as miserias dos seus: porque as não procuram ver, & vigiar, que muitas acham para chorar, se as buscaram, & vigiaram. Mas o bom Senhor, porque as busca chegando-se, & as ve de perto, por isso as chora. E os olhos por onde chora, são os santos, & zelosos varões, aos quaes elle quer como a seus olhos, que com deuota affeição choram os males do mundo, as offensas do Ceo, & as vittorias do inferno na destruição da alma. Porq̄ (como diz Origenes) sente com lagrimas o Senhor, que aquella Cidade que era por tantos titulos santa; venha a ser por tantas vias abominação & despojo miseravel dos infieis. Donde diz S. Gregorio: Não cessa nosso Redemptor por seus escolhidos, de chorar a algũs, que ve que da vida boa se tornaram aos ruins costumes.

5 Este pranto de Christo foi figurado muito antes nas lamentações do santo Ieremias, em todas as quaes vai sempre encarecendo o miseravel estado, a que chegou aquella Cidade, per contraposição, & comparação à gloria que gozara. E não era grande materia de Threnos, & sentimentos excessiuos, se em grande fortuna se não tiuera visto, & della cahido; nem havia que fazer sentimento, onde não havia perda. Mas nas perdas grandes de melhor estado, estão rebentando as fontes de lagrimas, nem se podem ver de mui lóge q̄ seja, senão cõ os olhos arrazados. Mas não dauam ao Senhor cuidado os muros, torres, & edificios, & fermosura da Cidade; senão o estado espirital, em que havia de ficar tão arrazado, & vilificado daquelle primeiro em que por tantos, & tão santos Patriarchas, Principes, & Prophetas fora fundada. Sem embargo de que tambem seu natural affecto não havia de deixar de magoar-se com a perda temporal de seu Reino, & patria. Tambem foi representado em as lagrimas

Hebr. 5. n. 7.

Ps. 64. n. 12.

Bern. serm. de omn. SS.

Gen. 37. n. 16

Luc 15. n. 3.
Ibid. n. 4.

Orig. in Cat.

Greg. in Cat.

Thren.

Iacob.

4. Reg. 8. n. 12.

lagrimas, que Eliseo chorou quando profetizaua ao embaixador de Syria Hazael, triunfos, & coroas; pollos males que estaua preuendo, que posto no trono hauia de fazer ao pouo de Deos. Assi chora a Egreja pollos olhos dos bons, & zelosos da Religiaõ, quando vé a cahida espiritual do estado primeiro, em que seus santos Patriarchas fundaram. Enos mesmos actos solênes de eleiçaõ dos seus Prelados maos, & relaxados, está chorando os males que causam com sua vida, & governo Isto mesmo foi significando no sentimento intimo, com q̄ era força chorasse Mardocheo em seu coração, quando entre o glorioso triũfo com que era leuado polla Cidade a cavallo, hia considerando a cruel sentença de morte, que contra elle, & contra todos os seus estaua decretada, per industria do peruerſo Aman. Pois hia tanto mais certo o Redẽptor Christo na sentença de morte, que os Iudeos lhe tinham fulminada: & em quem as mesmas linguas, & bocas que o hiam acclamado Rei, o huiam dahi a cinco dias clamar que fosse crucificado; que agora o confessauam filho de Dauid, o huiam de tratar peor q̄ ao peor homem, de traidor, & malfeitor. E que agora o abendiçoauam, o huiam de amaldiçoar com morte de Cruz. Porque, como diz o Apostolo Santyago: Da mesma boca procede a bençã, & a maldiçaõ. E quem fiarã de lisonjas, & acclamaçoẽs humanas, quando ao mesmo Filho de Deos foram falsas, & enganofas?

Jacob. 3. n. 10

6 Por isso pois chora o Senhor em meyo de tantas glorias, para desenganar a vaidade humana, & encõmen- dar a bondade diuina, que com lagrimas nos olhos castiga, ou prevé o castigo, que merecem os peccadores. Tanto custa à sua misericordia o não poder ser menos que executar os rigores, & leis de sua justiça, para escapar a qual, tantas diligencias fez com os cegos, & locos humanos. Por isso

conforme a algũs, chora quando chega a Ierusalem, porque vio que era aquelle o valle de Iosaphat, que hia passando, em o qual no vltimo dia em juizo vniuersal, hauia de hauer tamanho estrago de homẽs condẽnados naõ só em alma, mas em corpo, sem remissaõ, nem aproueitamento de suas diligencias, paixã, sangue, & morte. Este serã o proprio lugar, onde haõ de estar ao juizo os condẽnados: por se entender que fica direito a pique ao inferno. Direito deste lugar he que Christo está no Ceo na direitura do monte Oliueti, donde subio. E he hũ valle, que corre do Norte para o Sul, em meyo de Ierusalem, que lhe fica ao Poete, & o mõte ao Nacente; & por elle corre o ribeiro Cedron. Este valle foi sepultura dos Iudeos, & agora o he dos Turcos. E sobre elle ha de vir Christo no ar com os escolhidos ao juizo. Oh quaõ terribel, & lamenta- uel serã aquelle dia, a consideraçaõ do qual fez derramar lagrimas ao proprio juiz. Que farã ao que pode temer ter por seus peccados justissimamente condẽnado? Como o que correo com seus olhos o campo, em que se deu horriuel batalha, & considera o miserauel destroço dos defuntos corpos, despedaçados, arropellados, & cruel, & deshumanamente tratados: assi hiam os piedosos olhos do Senhor Iesu, vendo como presente, a futura destruiçaõ, q̄ naquelle lugar hauia de succeder; naõ sã a perfida Cidade de Ierusalem, mas a todo o vniuerso. Olha pois com S. Boaventura, como vendo os Apostolos sagrados chorar a seu adorado Mestre, naõ podem ter tambem suas lagrimas; & entre os viuas, & acclamaçoẽs, com que se esforçam a honrallo; o vaõ com as lagrimas em leus olhos acompanhando. E a propria Mae desse Senhor, que com outras santas mulheres o seguiam bem arraz daquelle acompanhãto, descobrindo o sempre amorosamente, & reuerentes o adorando, vèdo chorar, sem saber a

Penet. 4. problem. 379

Thybur de utraque ap- parit. Christi c. 18. an 112. Et nos tract de iud fin disp 4 sect. 5 de monte Oliuet. an Nã cente. Ioseph de bel iud. l. 6. c. 3. Baron. anno 34. c. 20. Bonau. med. c. 7. Land. 2. p. c. 41. fi. ex Chrysoſtom.

causa, chorauam também de ternura; venerando com lagrimas o mysterio, que por ventura era ja de sua Paixão, & de seu lacrimoso acompanhamento desde a Cruz, para o sepulchro.

LIÇAM II.

Do Pranto do Senhor.

7 **A** Pontado como o Senhor hia chorando sobre Ierusalem, se conta em segundo lugar o pranto que fez sobre essa mesma Cidade; pollo qual se segue em o texto. *Se tu também conheceras, assi nesse teu dia; mas agora está escondido de teus olhos.* Todas as palauras vam quasi desencanaixadas de seu lugar, como acontece a quem soluça, & fala com dor entre lagrimas. E he como se dixerá segundo Euthymio, & os mais Padres Gregos, com quem vai S. Agostinho. Ah Cidade cega, se tu neste teu bom dia fouberas as cousas, que conuem a tua paz, & prosperidade, que he receber me por Messias: mas estão ellas agora escondidas da tua noticia. Iansenio explica per opratiuo. Mas conforme S. Gregorio, & outros comumente, he como se dixerá: Se tu, ô enganada Cidade, fouberas, como eu sei, & conheceras, como eu conheço, o q̄ está para vir sobre ti, tu choraras também, como eu choro: & não te atalhara as lagrimas a presente alegria deste bom dia, que agora te logras; como nem a mi mas atalha o triunfo, em q̄ me vejo; mas alegras te, porque ignoras o que eu sei, & se te esconde, o que a mi se manifesta. E eis aqui pois a razão, porque a enganada Cidade não choraua com seu Senhor, porque não via, como cega de seus appetites, quantas mais razões tinha de chorar, que de alegrarse. Mas como os gostos, & deleites da presente vida cegam a alma & enfraquecem a vista do entendimento, não podem ver ao longe os males, que a esperam. E por isto diz S. Gregorio, que tinha por dia seu aquelle de sua tão falsa, como breue alegria. On-

de he de saber que quatro são as causas dos enganamentos, que no presente estado da vida fazem, com que os homens não chorem com Christo, por outras quatro razões porque elle chorou. A primeira he a complacencia da vida presente: a segunda a perseverança no peccado: a terceira a frieza da charidade: a quarta o descuido da patria. Pois todas estas razões impedem enganosamente a alma para não chorar com Christo, porque a cegam, & a fazem que não conheça, que outrastantas teue Christo para chorar. A primeira, he a morada perigosa desta vida, da qual se diz: A vida do homem he hua milicia, ou fronteira. A segunda, compunção necessaria da penitencia, da qual se diz: fontes de agua re-
bentaram de meus olhos, porque não guardaram vossa lei. A terceira, compaixão da miseria do proximo, da qual o mesmo S. Job: Choraua sobre aquelle que era afflicto. A quarta, dilacção enfadonha da patria, da qual o santo Rei: Hay de mi que minha morada se vai muito prolongando.

8 Em ordem a isto aduerte Landulpho, que se le que Christo chorou quatro vezes, como quatro rios, que do paraíso saem, para regar toda a terra: para lavar, refrescar, sustentar, & fertilizar toda a alma. Conuem a saber quando minino, para significar o estado miseravel da vida, do qual diz S. Agostinho: O minino que nasce, começa do choro; as lagrimas são as testemunhas da miseria: ainda não fala, & ja profetiza. Chorou também na Cruz, para significar o estado da penitencia; porque ao que na Cruz della viuê, conuem lagrimas. Sobre o qual diz o mesmo Agostinho: Saibam que he culpavelmente duro aquelle que chora a morte do amigo, ou a perda das cousas temporaes; & não mostra nas lagrimas a dor dos peccados. Chorou nesta occasião de entrar em Ierusalem, para significar as lagrimas de compaixão, como ja fica assima discursado

Tex

Barrad. tom

3. l. 7. c. 9. bis.

tambem conheceras, assi nesse teu dia; mas agora está escondido de teus olhos.

Patres apud eundem.

Greg hem.

39.

Mald. bic.

Greg. hom 39

Iob. 7. n. 1.

Pf. 118. n. 136.

Iob. 30. n. 25.

Pf. 119. n. 5.

Land. 2. p. 6.

August. ibid.

idem ibid.

curfado. E finalmente, chorou na re-
surreiçam de Lazaro, para significar
a detença da verdadeira patria, na di-
lação, que com tornallo à vida lhe fa-
zia. E porque a Cidade de Ierusalem
cega com sua presente alegria daquel-
le festiual dia, ignorava estas razões
de lagrimas; estava seca dellas, confor-
me ao que daquelle pouo escreue o
Propheta: Tornou os rios em char-
neca, & as ribeiras das aguas em sede.
E taes são todos aquelles que indo na
companhia de Christo choroso, vão
alegres, & buscam prazeres, & delei-
tes mundanos, & alluios seculares;
cuidando vaamente, que porque vão
seruindo, & acompanhando ao Se-
nhor, lhes são licitos os gostos, & de-
senfados da vida, & tomam occasião
para os descuidos na virtude.

9 A cerca do qual aduertio S. A-
gostinho, que nenhũa cousa aprouei-
tara aos Israelitas levar ao exercito a
arca do Senhor bem acompanhada
de seus Sacerdotes, que com festas, &
demonstrações de alegria, assombra-
uam aos Philisteos inimigos de seu
santo nome. Pois alli foram vencidos
& desbaratados, os Sacerdotes mortos,
& cattiva a Arca, porque fizeram cõ-
ta das festas, & presumiram da com-
panhia, & se descuidaram das lagri-
mas, que mais deuiam pollos pecca-
dos, em castigo dos quaes foram a pri-
meira vez vencidos. Mais muito lhes
aproueitaram as lagrimas, que entre
as aguas de Masphat derramaram diã-
te desse mesmo Senhor com Samuel,
que a chorallas os incitava; porque
sem falta alli puzeram diante dos o-
lhos os males, que lhes podiam sobre-
vir. O que entre os triunfos de Chri-
sto não faziam, & por isso com elle
os não chorauam. E daqui nace to-
dos os males do mundo, de não cui-
darem os humanos o fim, que estas
presentes cousas hão de vir a ter: &
governar o presente pollo futuro, &
não o futuro pollo presente. Choraua
Christo, porque governaua a presen-

te celebridade, pollo futuro successo,
que elle estava diuinamente preven-
do: & não chorauam os Iudeos, por-
que governauam o que podia vir a ser,
pollo que só de presente experimen-
tauam, estando o futuro escondido a
seus olhos humanos. Deste modo go-
uernauam, & ordenauam sua desor-
denada vida aquelles, de que conta
Salamam, que se conuidauam hús a
outros a lograr-se das flores, antes que
murchassem: tirando o futuro do ri-
gor do inuerno, pollo presente da a-
legria da primavera. Não se nos passe
(diziam) a flor do tempo, coroemo-
nos de rosas, antes que se murchem.
Auendo antes os miseraueis governar
a presente flor da primavera, pollo
murcho, que podia vir a ser no seco do
inuerno; pollo qual errada conta os
condena a sabedoria sagrada.

10 Neste mesmo erro estauam os
antigos Israelitas, logrando-se do bom
dia da adoração do bezerro em o de-
serto, quando a ira, & justissima indi-
gnação do Ceo, importunada, & ain-
da repremida de Moyses, para dar de-
sengano, & remedio juntamente ao
pouo cego com o appetite, & gosto de
seu idolo; lhes mandou que tirassem
de si seu ornato, para que Deos sou-
besse o que delles hauia de fazer, &
como com elles se hauia de hauer. E
assi fez que de si tirassem aquelle orna-
to, com o que Deos foi ordenando
seu perdão com Moyses, q̄ lhe pedia. E
este ornato, & enfeite dizem os Rab-
binos, que não era só de vestidos, &
ioyas, com que celebrauam aquella
festa; mas tambem hús coroas, &
hús capellas de flores, que os prin-
cipaes do pouo traziam por insignia
da mayor, & mais festejada solénida-
de. Parecendolhes que por aquelle
presente, & alegredia hauiam de me-
dir todo o futuro. Mas o Ceo os enfi-
nou que hiã errados, & como a erra-
dos os encaminhou, & emendou cõ
desenganallos, & despojillos. Com
verdes ramos, & frescas flores da pri-
mauera

106. n. 33.

Aug. 2. de
Mirab. c. 7.

Reg. 4. n. 5.

Ibid. 7. n. 6.

Sap. 2. n. 7.

Exod. 35. n. 8.

Habroi apud
Lycan. ibid.